

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

SOLANGE DA SILVA CORSI

**A ESCOLA, A BIBLIOTECA E A LIVRARIA:
ESPAÇOS DE ENCONTRO DO JOVEM COM A LEITURA LITERÁRIA**

Goiânia

2010

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Solange da Silva Corsi		
E-mail:	solangecorsi@bol.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:		Sigla:	
País:	Brasil	UF:	
		GO	CNPJ:
Título:	A escola, a biblioteca e a livraria: espaços de encontro do jovem com a leitura literária		
Palavras-chave:	Leitura literária; formação de leitor; espaços de leitura; escola; livraria; biblioteca.		
Título em outra língua:	La escuela, la biblioteca y la librería: espacios de encuentro del joven con la lectura literaria.		
Palavras-chave em outra língua:	Lectura literária; formación del lector; espacios de lectura; escuela; librería; biblioteca.		
Área de concentração:	Estudos literários		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	03/12/2010		
Programa de Pós-Graduação:	Letras e Linguística		
Orientador (a):	Maria de Fátima Cruvinel		
E-mail:	cruvinel@uol.com.br		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Liberção para disponibilizaçã¹? total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: _____

Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

SOLANGE DA SILVA CORSI

**A ESCOLA, A BIBLIOTECA E A LIVRARIA:
ESPAÇOS DE ENCONTRO DO JOVEM COM A LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística. Área de Concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Cruvinel

Goiânia

2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

C826e Corsi, Solange da Silva.
A escola, a biblioteca e a livraria [manuscrito]: espaços de encontro do jovem com a leitura literária / Solange da Silva Corsi. - 2010.
162 f. : il., figs, tabs.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Cruvinel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2010.

Bibliografia.

Apêndices e anexos.

1. Leitura literária. 2. Formação de leitor. 3. Escola – Espaço de leitura. 4. Biblioteca – Espaço de leitura. 5. Livraria – Espaço de leitura. I. Título.

CDU: 82:028.5

AGRADECIMENTOS

À professora Fátima, por sua orientação paciente e pelas diversas contribuições de leituras.

À gerente da livraria e à bibliotecária, que permitiram a realização da pesquisa em dois importantes espaços de leitura.

A todos os clientes da livraria e a todos os usuários da biblioteca entrevistados, pela importante contribuição.

A todos os vendedores da livraria e às bibliotecárias, por seus depoimentos.

À minha família, pela motivação, compreensão e paciência em todos os dias de estudo.

Aos amigos e colegas da Faculdade de Letras, pelo incentivo, motivação, e troca de ideias.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho.

O que são as palavras deitadas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro, se não o abrimos? É, simplesmente, um cubo de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, algo inusitado acontece, creio que ele muda a cada vez.

(Jorge Luis Borges)

RESUMO

O presente estudo investiga a leitura, focalizando especificamente o jovem leitor e mais detidamente o gênero literário, com o propósito de averiguar se o que motiva esse leitor a ler é somente a escola, ou se há influência de outras instituições. Além disso, este estudo propõe-se a observar o que esse leitor lê. Para tanto, buscaram-se dois espaços de realização da prática leitora – uma livraria *megastore* e uma biblioteca pública, ambas situadas em Goiânia –, a fim de projetar, por meio de entrevistas com leitores de diferentes faixas etárias, um esboço da cena de leitura literária em Goiânia. Paralelamente, o interesse foi o de depreender, no discurso dos jovens leitores, sujeitos da pesquisa, a função que essa prática desempenha na escola, espaço privilegiado da leitura. Para sustentar a investigação, foram tomados como apoio estudos de Chartier (1999a, 1999b, 2000); Manguel (1997, 2006); Darnton (2010); Eco (2003); Lajolo e Zilberman (1996, 2001). Os resultados dessa investigação mostraram que o leitor goianiense está lendo um número considerável de obras, dos gêneros literário – muitas delas lidas por influência ou exigência da escola – e não-literário, com destaque para a literatura estrangeira e os *best-sellers*. Os mesmos resultados alcançados permitem concluir ainda que a prática da leitura tem se realizado em ambientes diversos e se motivado pela ação de meios digitais e aparatos tecnológicos, que influenciam o acesso a novos títulos, contudo a instituição escolar, apesar de apresentar falhas e deficiências de ordens várias, configura-se como espaço por excelência da formação leitora.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária; formação de leitor; espaços de leitura; escola; livraria; biblioteca.

RESUMEN

El presente estudio investiga la lectura, focalizando específicamente el joven lector y más detenidamente el género literario, con el propósito de averiguar si lo que motiva ese lector a leer es solamente la escuela, o si hay la influencia de otras instituciones. Además de eso, este estudio se propone a observar lo que ese lector lee. Para ello, se buscaron dos espacios de realización de la práctica lectora – una librería *megastore* y una biblioteca pública, ambas ubicadas en Goiânia –, con la finalidad de proyectarse, por medio de entrevistas con lectores de diferentes edades, un esbozo de la escena de lectura literaria en Goiânia. Paralelamente, el interés fue lo de deprender, en el discurso de los jóvenes lectores, sujetos de la investigación, la función que esa práctica desempeña en la escuela, espacio privilegiado de lectura. Para sostener la investigación, fueron tomados como apoyo estudios de Chartier (1999a, 1999b, 2000); Manguel (1997, 2006); Darnton (2010); Eco (2003); Lajolo y Zilberman (1996, 2001). Los resultados de esa encuesta mostraron que el lector goianiense está leyendo un número considerable de obras, de los géneros literario – muchas de ellas leídas por influencia o exigencia de la escuela – y no literarios, con destaque para la literatura extranjera y los *best-sellers*. Los mismos resultados alcanzados permiten concluir aún que la práctica de la lectura se ha realizado en ambientes diversos y se ha motivado por la acción de medios digitales y aparatos tecnológicos, que influyen el acceso a los nuevos títulos, con todo, la institución escolar, a pesar de presentar fallos y deficiencias de órdenes varias, se configura como espacio por excelencia de la formación lectora.

PALABRAS CLAVE: Lectura literaria; formación del lector; espacios de lectura; escuela; librería; biblioteca.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UM BREVE PANORAMA DA LEITURA	12
1.1. Leitura: da Antiguidade à Modernidade	13
1.2. Leitura: prática legitimada pela escola ou pelos poderes do mercado?	20
1.3. Leitura literária no Século XXI	31
2. DOIS ESPAÇOS PARA A LEITURA LITERÁRIA.....	41
2.1. A livraria	42
2.1.1. Jovens de 13 a 17 anos	44
2.1.2. Jovens de 18 a 22 anos	58
2.1.3. Jovens de 23 a 29 anos	72
2.1.4. Adultos: de 30 a 40 anos	75
2.1.5. Adultos: acima de 40 anos.....	78
2.1.6. Um diálogo com os vendedores da livraria	83
2.2. A Biblioteca	88
2.2.1. Jovens de 13 a 17 anos	93
2.2.2. Jovens de 18 a 22 anos	100
2.2.3. Jovens de 23 a 29 anos	107
2.2.4. Adultos: de 30 a 40 anos	111
2.2.5. Um diálogo com as bibliotecárias	114
3. A ESCOLA: LUGAR IMPRESCINDÍVEL PARA A LEITURA LITERÁRIA.....	118
3.1. Leitura literária na escola: encontros e desencontros	119
3.2. Leitura literária na escola e a formação do jovem leitor.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	143

APÊNDICES	148
APÊNDICE A.....	149
Modelo do questionário aplicado ao leitor da livraria	149
APÊNDICE B	151
Modelo do questionário aplicado ao vendedor da livraria.....	151
APÊNDICE C	153
Modelo do questionário aplicado ao usuário da biblioteca.....	153
APÊNDICE D.....	155
Modelo do questionário aplicado ao bibliotecário.....	155
ANEXOS	157
ANEXO A	
Foto de uma Livraria <i>Megastore</i> , na Av. Paulista, São Paulo - SP	158
ANEXO B	
Foto da Biblioteca de São Paulo, ao lado da estação Carandiru, São Paulo - SP.....	159
ANEXO C	
Foto da Livraria <i>Megastore</i> , em um <i>shopping</i> de Goiânia - GO	160
ANEXO D	
Foto da Biblioteca Estadual, situada no centro de Goiânia - GO	161
ANEXO E	
Foto da Gibiteca pertencente à Biblioteca Estadual, situada no centro de Goiânia - GO .	162

INTRODUÇÃO

O brasileiro está lendo mais – embora ainda leia pouco, em relação a outros países que têm um elevado índice de leitores –, e grande parte desse público leitor é formado por crianças e jovens, entre 5 e 17 anos, influenciados pelo meio escolar e/ou pela família. Esses dados, revelados pela última edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada entre novembro e dezembro de 2007, pelo Instituto Pró Livro, e publicada em 2008, reafirmam a importância da escola como o principal espaço em que o aluno pode ter acesso ao livro literário para desenvolver uma prática de leitura desse gênero. Por isso, o papel do professor e da instituição escolar para a propagação e difusão de uma prática leitora que vá além da vida escolar do indivíduo é essencial, uma vez que o incentivo dessa prática literária, em sala de aula, valoriza os sentidos construídos pelos alunos-leitores e sua constituição como sujeitos.

A escola pode estabelecer, pois, um importante vínculo entre o jovem aluno e o universo da leitura literária. Mas além do universo escolar, é fundamental considerar também os espaços de leitura que contribuem, direta ou indiretamente, para a divulgação e a ampliação da prática leitora, como as megalivrarias. Atualmente, as grandes livrarias, conhecidas como *megastores*, oferecem um ambiente acolhedor e reconfortante para a leitura (como o das tradicionais bibliotecas), a fim de que seus clientes possam não só abrir e olhar o livro, mas também lê-lo, dele desfrutar, sem necessariamente comprá-lo.

Com o advento desse espaço de leitura, inaugurado por essas livrarias, surgiu outra indagação também a ser colocada em foco: as bibliotecas ainda são regularmente frequentadas como ambiente de leitura? Na era das novas tecnologias, como a internet, que proporciona, além de uma leitura na tela, a realização de diversas investigações *online*, pode-se pressupor que o fluxo de pessoas que utilizam a biblioteca como espaço de pesquisa e de leitura tenha diminuído nos últimos anos. Além disso, a *Retratos da leitura no Brasil* (2008) revelou que 3 em cada 4 brasileiros não vão às bibliotecas. Esses dados nos instigaram a investigar se tais ambientes ainda são frequentados por leitores.

Daí a importância de uma pesquisa de campo fora do ambiente escolar, com o objetivo de averiguar se o jovem leitor lê motivado (ou obrigado) somente pela escola e/ou pelo professor, ou se sofre alguma outra influência por outras instâncias que não a educacional. Outro interesse dessa investigação é fazer certo levantamento dos títulos lidos, para que se possa saber o que esse leitor está lendo, observando-se, assim, as escolhas realizadas por esses

jovens. Elas estariam sendo determinadas direta ou indiretamente pelo meio escolar? Ou são livros que não são lidos ou recomendados pelo professor, mas destacados pela mídia? O objetivo da pesquisa é, pois, refletir sobre o papel da leitura literária realizada fora do ambiente educacional, ou seja, investigar a prática de leitura literária cujos sujeitos leitores leem não motivados pela escola ou pelo professor. Esses dados são fundamentais para que, em um primeiro momento, se trace o perfil do jovem leitor goianiense.

Para a realização desse estudo foi feita, então, uma investigação em dois espaços de leitura fora do ambiente escolar: em uma livraria *megastore*, situada em um *shopping*, e em uma biblioteca pública, ambas localizadas em Goiânia. Foi investigado, por meio de observações diárias, com base em entrevistas e questionários realizados com visitantes e vendedores da livraria, o movimento dos clientes que fazem uso desse espaço de comercialização do livro. Igualmente, foram entrevistados usuários da biblioteca, bem como os bibliotecários, a fim de que se pudesse traçar um perfil do leitor que frequenta esse ambiente.

Por isso, é pertinente a esse trabalho de investigação saber se o jovem que visita as megalivrarias busca uma alternativa de leitura diferente da sugerida (ou imposta) pelo meio acadêmico e também se o adolescente que frequenta a biblioteca teria os mesmos objetivos. O que esses jovens estão lendo, por que o fazem e por influência de quem são alguns dos questionamentos norteadores dessa investigação.

Mas antes de se analisarem os dados em questão, coletados em dois diferentes espaços de leitura, cabe, primeiramente, retratar um breve panorama da leitura, partindo da Antiguidade, percorrendo a Idade Média, passando pela Modernidade até os dias de hoje, com o atual formato impresso do livro. Esse assunto será abordado no primeiro capítulo do referido estudo, que focalizará, ainda, na literatura culta e de massa, sendo a primeira, uma prática legitimada pela escola e a segunda, pelo mercado editorial. Além disso, é enfatizado o papel das novas tecnologias, no século XXI, que se tornaram um importante veículo de propagação e divulgação da leitura, seduzindo cada vez mais o jovem leitor com seus modernos procedimentos tecnológicos. O percurso apresentado nessa primeira parte do trabalho tem apoio principalmente de Manguel (1997, 2006); Darnton (2010); Eco (2003); Eco e Carrière (2010); Calvino (1997); Nunes (1999); Candido (1995; 1972); Larrosa (1996; 2000); Canclini (2008); Zilberman (1987, 2001); Lajolo e Zilberman (2010), entre outros.

O segundo capítulo é composto pela análise dos dados coletados na livraria e na biblioteca, entre os informantes leitores de diferentes faixas etárias: de 13 a 17 anos; de 18 a 22 anos; de 23 a 29 anos e o público adulto, com idade superior a 30 anos, com a finalidade

de averiguar até que ponto a escola pode exercer influência na prática da leitura literária do jovem estudante. Além disso, foram aplicados questionários também com os vendedores da livraria, com o objetivo de investigar a forma como atuam na indicação de vendas de títulos aos clientes, bem como de conhecer seu perfil de leitor. O mesmo foi feito com as bibliotecárias do espaço onde foi realizada a pesquisa com os usuários da biblioteca. Para a realização da análise dos dados, foram utilizados os estudos de Bamberger (1977); Schön (1995, *apud* Souza, 2003); Baudelot, Cartier e Detrez (1995, *apud* Souza); Fraisse (1997); Pompougnac (1997); Lajolo e Zilberman (1996); Souza (2003); Cruvinel (2002); Cunha (2008); Scliar (2008), além de serem retomados os conceitos de Calvino (1997) e Nunes (1999), entre outros.

Com base na análise dos dados que compõem o segundo capítulo, é apresentada uma reflexão, na terceira e última parte desse estudo, sobre a prática da leitura literária na escola, destacando-se o seu papel na formação leitora dos sujeitos, em especial, do jovem, que ainda estuda no ensino básico e está em constante formação. Para tanto, problematiza-se a relação que se estabelece entre a literatura e o ensino, ressaltando, assim, o que a leitura literária pode oferecer na escola: provocações aos jovens leitores, de tal forma que esses possam ter desperto o interesse, a sensibilidade, o prazer, bem como ampliada sua capacidade de refletir sobre questões diversas, relacionadas às obras lidas e ao mundo. E para apoiar essa reflexão, foram referidos, nesse último capítulo, os estudos de Machado (2001); Todorov (2009); Chartier (1996); Certeau (2000); Paulino (2001); Melo (2007); Vasconcelos (2009), Kleiman (2006); Aguiar (2006); Canclini (2008), entre outros.

É importante observar que a pesquisa foi realizada apenas na livraria e na biblioteca pública, não sendo desenvolvida em nenhuma escola, e tampouco em uma biblioteca escolar, uma vez que o objetivo, como referido acima, é traçar o perfil do jovem leitor goianiense fora do ambiente da escola. Assim, os resultados obtidos nesses dois espaços de leitura investigados foram os que deram sustentação para a reflexão da prática da leitura literária no meio escolar, que aqui defendemos como espaço essencial para a formação leitora dos jovens.

Com esse estudo espera-se, pois, provocar uma reflexão sobre a prática da leitura literária na escola, e sua influência na formação leitora do jovem estudante, a fim de que esse possa adquirir uma prática leitora que vá além da vida escolar.

1. UM BREVE PANORAMA DA LEITURA

Acredito que a história do livro é um dos campos mais vitais das ciências humanas. Talvez seu sucesso expresse um fascínio por um mundo que perdemos, agora que a internet faz o papel impresso parecer arcaico.

(Robert Darnton)

Os caminhos percorridos pela leitura, desde os tempos mais remotos, em que se lia em rolos, até a era digital, não foram poucos e revolucionaram os campos do saber e o modo de ler nas mais diversas épocas e sociedades. Com isso, uma figura de fundamental importância nesse processo, o leitor, assimilou novos e diferentes suportes da escrita que, atualmente, dividem (e disputam) o mesmo espaço: o texto manuscrito, o livro impresso e a leitura eletrônica.

Um panorama da leitura será delineado neste primeiro capítulo para que se possa compreender como essa relação entre leitor, texto e autor foi consolidando-se e modificando-se no decorrer dos séculos. Em um primeiro momento (item 1.1), será traçado um breve histórico da leitura, partindo da Antiguidade, período que se destacou pela invenção da escrita, percorrendo a Idade Média, até chegar à Modernidade, com o atual formato impresso do livro, o que possibilitou, de fato, uma leitura mais individual e um contato mais efetivo do leitor com o texto.

No subitem 1.2, será focalizada a literatura culta, cuja leitura sofre forte legitimação por parte da escola, e a literatura de massa, influenciada pelo mercado editorial e pela mídia. Para tanto, será apresentado um esboço da leitura literária em números, ressaltando-se os valores de uma literatura submetida à ordem de mercado. Com a crescente difusão do códice impresso e, conseqüentemente, da ampliação do número de leitores, autores passam a escrever obras baratas e sem grande valor estético. Surge, assim, a chamada literatura de massa, dando origem ao que atualmente se denominam *best-sellers*. Esses conceitos serão definidos mais adiante, uma vez que serão amplamente utilizados neste trabalho. Da mesma forma, serão destacadas as seguintes categorias: folhetins, *mega-sellers*, autoajuda, obras clássicas, cânone, literatura culta e outros. Além disso, serão apresentados, os principais estudiosos que defendem e justificam a permanência e relevância da literatura no meio acadêmico para a formação humana do educando.

No último subitem desse primeiro capítulo será enfatizado o papel das novas tecnologias como alternativas à leitura impressa. Com a expansão do capitalismo e o poder de alcance dos meios de comunicação social – que se tornaram um importante veículo de propagação e divulgação da leitura, muito mais fortes do que a própria escola – não é raro ver o jovem leitor cada vez mais seduzido pelos modernos aparatos tecnológicos. A internet, que nos últimos anos vem se tornando cada vez mais acessível a quase todas as camadas e faixas etárias da população, é uma influente ferramenta, oferecendo publicações na íntegra de contos, poemas e romances clássicos, no formato *e-book*. Assim, ler na tela do computador ou do minúsculo aparelho celular é uma prática que se mostra ainda mais comum, principalmente entre os jovens da atualidade, uma geração bastante familiarizada com as mais diversas inovações eletrônicas. O cinema e a televisão também se tornaram fontes motivadoras, principalmente para o jovem leitor que, ao assistir na tela a versão adaptada de romances, sente-se influenciado para ler a obra original.

Com esses sucessivos avanços tecnológicos, discussões polêmicas que envolvem uma possível morte do livro são cada vez mais frequentes, mas nem sempre procedem, pois o futuro dos livros parece ser ainda bastante incerto. Haveria um novo suporte tecnológico capaz de substituir o tão antigo códice, que sobrevive há mais de 500 anos? Antes de analisar esses possíveis caminhos a serem traçados, cabe voltar o olhar ao passado para saber como se deram as outras não menos importantes mudanças no campo da leitura, em séculos que antecedem a era digital em que vivemos.

1.1. Leitura: da Antiguidade à Modernidade

Não há como falar de leitura sem referir-se também à escrita, surgida aproximadamente há 4000 anos a.C. Ambos os acontecimentos revolucionaram a comunicação nas sociedades antigas. Segundo o estudioso Alberto Manguel (1997), a escrita surgiu na Mesopotâmia, região do Oriente Médio habitada por comunidades agrícolas, que necessitavam se organizar, e por isso criaram leis e regras de comércio. Assim, a arte de escrever provavelmente teria se originado para facilitar o mundo dos negócios que ali se iniciava. Surgem, então, as tabuletas escritas em peças de argila, que tinham como objetivo, armazenar grande quantidade de informação, com a finalidade de ajudar o comerciante a cultivar a memória nas transações negociadas.

Juntamente com o nascimento da escrita, surge, na sociedade mesopotâmica, a figura do escriba, que lia e interpretava mensagens e, sobretudo, registrava informações para o bem

público. Com o tempo, ele também teria como função reproduzir textos ditados por outrem, o que permitiria um rápido avanço e reconhecimento da escrita, que passou a ser um instrumento poderoso de comunicação, que aos poucos se aprimorou, expandindo-se pelas demais regiões orientais e, posteriormente, no mundo ocidental. A criação da biblioteca de Alexandria¹, a mais famosa da Antiguidade, foi um marco para a propagação da prática de leitura. Organizada pelo grande filósofo Aristóteles, tutor particular de Alexandre, essa instituição, segundo Manguel (1997), tinha como primoroso objetivo armazenar a totalidade do conhecimento humano, sendo, pois, a memória do mundo. Para tanto, foi criado um decreto real, que obrigava todos os navios que atracassem em Alexandria a entregar todos os livros que transportavam, para que esses exemplares fossem reproduzidos em rolos, podendo as duplicatas ser cultivadas na biblioteca. Assim, “a biblioteca de Alexandria e seus catálogos tornaram-se os modelos, primeiro das bibliotecas da Roma imperial, depois das do Oriente bizantino e, mais tarde, da Europa cristã” (MANGUEL, 1997, p. 220).

Posteriormente, na era Cristiana, os livros, em formas de rolos, mantiveram seu formato original por longo tempo, até a invenção do códice manuscrito. Na era mesopotâmica, a escrita nas tabuletas de argila também dominou durante séculos e, embora seu contorno já lembrasse o livro, cabendo na mão, o seu formato era ainda desconfortável e limitado ao leitor, que não podia fazer anotações no livro. Segundo Manguel (1997, p. 150):

A argila era conveniente para fazer tabuletas e o papiro (as hastes secas e divididas de uma espécie de junco) podia ser transformado em rolos manuseáveis; ambos eram relativamente portáteis. Mas nenhum dos dois era próprio para a forma de livro que substituiu tabuletas e rolos: o códice, ou feixe de páginas encadernadas. Um códice de tabuletas de argila seria pesado e impraticável e, embora tenha havido códices feitos de papiro, esse material era quebradiço demais para ser dobrado em brochuras. Por outro lado, o pergaminho ou velino (ambos feitos de peles de animais, mediante procedimentos diferentes) podiam ser cortados ou dobrados em diversos tamanhos.

A proibição da exportação do papiro, ordenada pelo rei Ptolomeu, do Egito, que queria cultivar o segredo nacional de sua produção, beneficiando, assim, sua biblioteca de Alexandria, fez com que o soberano da antiga cidade grega de Pérgamo, Eumenes, descobrisse um novo material para os livros de sua biblioteca. É criado, então, o pergaminho, em Pérgamo, aproximadamente no século II a.C, que perduraria até os primeiros séculos da

¹ Região pertencente ao Egito, fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C.

era cristã, em toda a Europa, para a confecção dos rolos e, posteriormente, dos livros manuscritos.

A transição da escrita em rolos para o códice, atual formato do livro, foi uma grande revolução para o leitor da época, que poderia levar consigo, de forma prática e confortável, seu material de leitura a todos os lugares e ainda teria a possibilidade de escrever, anotando observações, enquanto lia. Para o estudioso Robert Darnton (2010), essa seria a segunda grande mudança tecnológica na história do livro, perdendo vez somente para o surgimento da escrita, por volta de 4000 a.C. Segundo ele, o surgimento do códice, por volta do século III d.C, se tornaria essencial para a propagação do cristianismo, que começava a consolidar-se. Além disso, o surgimento do livro, ainda que manuscrito, transformou a experiência de leitura:

a página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaço), parágrafos e capítulos, além de sumários, índices e outros auxílios à leitura (DARNTON, 2010, p. 40).

Além da comodidade proporcionada ao leitor, a criação do códice revolucionou também o mercado livreiro da época, diminuindo os gastos na fabricação do livro. Como a folha era dobrada diversas vezes, várias eram as páginas que surgiam, sendo essas escritas de ambos os lados, o que resultou em uma maior economia. Assim, progressivamente, os rolos foram sendo substituídos por esse novo suporte de leitura, que perduraria durante séculos, finalizando o período antigo e iniciando a Idade Média.

Com essa transição no campo da leitura, novas práticas intelectuais foram ganhando forma. O ato de ler em voz alta, realizado em locais públicos, típico da Antiguidade e da Idade Média, foi, aos poucos, cedendo espaço para uma leitura mais individual, permitindo, assim, um contato mais efetivo do leitor com o texto. De acordo com o estudioso Roger Chartier (1998), a predominância da leitura oral na Antiguidade não abolia a prática de ler silenciosamente. Aquela ocorria em detrimento dessa por uma questão de convenção cultural.

Na verdade, o livro, na Antiguidade, não era cultuado como os discursos orais. Segundo Jorge Luis Borges (1999), a clássica frase latina *Scripta manent, verba volant* (“O escrito fica, as palavras voam”) tinha uma conotação diferente para os antigos. Para eles, a palavra oral não era efêmera. Ela tinha “algo de alado, de leve” (BORGES, 1999, p. 189), em contrapartida à palavra escrita, que era vista como algo duradouro e morto. O livro era visto, como um sucedâneo da palavra oral. Por isso, a escrita foi bastante condenada, principalmente

por Platão, em seu conhecido diálogo de *Fedro*: “Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos” (PLATÃO, 2004, p. 119). Ou ainda, nas palavras de outro filósofo, Artur Schopenhauer, do século XIX, a leitura extrairia do leitor o trabalho de pensar: “Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos seu processo mental” (SCHOPENHAUER, 1994, p. 17). Somente com o passar do tempo, o livro tomaria um novo conceito, vindo do Oriente, de obra sagrada, divina, adquirindo, desde então, a aura de objeto a ser venerado. Para Borges (1999, p. 196), ao contrário de Platão, “o livro é lido para ficar na memória”.

O leitor da Antiguidade e da Idade Média tinha o hábito de ler para o público, primeiramente, porque muitos não tinham como decifrar o texto. Em segundo lugar, a difusão dessa prática em voz alta proporcionava ao leitor um melhor entendimento do sentido do que era lido. Além disso, esse momento gerava uma maior sociabilidade familiar e culta. Chartier (1999a) ainda destaca que essa transmissão oral e comunitária, desde a Antiguidade, tinha duas finalidades básicas: uma função pedagógica, para demonstrar aos jovens um bom domínio da retórica e do bem falar em público, e um propósito literário, difundindo-se, assim, a circulação da obra do autor. Por isso, essa prática de leitura, como define Graça Paulino (2001), se restringiu ao clero e à nobreza, fato que confirmou, naquele período, a necessidade de controlar o ato de ler, imputando-lhe um poder subversivo. A legitimação da leitura passa a ocorrer a partir da Idade Média, interferindo e manipulando práticas leitoras a serviço de uma instituição, nesse caso, a Igreja Católica, que impunha a leitura da Bíblia e de outros textos que lhe convinha.

Embora a leitura coletiva predominasse até o século XVI, a silenciosa começou a propagar-se progressivamente, entre os letrados, principalmente depois do surgimento do códice, que proporcionou um maior conforto ao leitor, não havendo a necessidade de desenrolar o texto com as duas mãos para que o mesmo fosse lido, como era na época do rolo. Assim, a mudança do rolo para o códice, que liberou mais as mãos do leitor, permitiu uma maior difusão da leitura silenciosa e, com isso, houve um contato mais individual do texto com o leitor. Para Chartier (1999a), essa transição de leitura oral para individual seria a primeira revolução no campo da leitura, que antecederia a famosa invenção da impressão por Gutenberg, no século XV. De acordo com o estudioso,

A difusão da possibilidade de ler silenciosamente marca uma ruptura de importância capital. A leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado. Permitiu uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com as complexas relações estabelecidas na página do manuscrito entre o discurso e suas

interpretações, referências, comentários e índices (CHARTIER, 1999a, p. 24).

A capacidade de ler em silêncio tornaria possível uma leitura mais rápida. Sendo assim, o leitor poderia ler ainda mais e textos mais complexos. Daí a importância dessa nova prática que, aos poucos, começava a inserir-se na sociedade. Com o surgimento posterior da imprensa e um aumento dos índices de alfabetização da população, a leitura ganharia ainda maior disseminação entre o público, democratizando-se.

De acordo com Chartier (1999a), a impressão com tipos móveis surgiu nas civilizações asiáticas, em um período que antecede sua famosa descoberta no Ocidente. Segundo o teórico, esse invento, caracterizado por gravação em blocos de madeira providos de caligrafia, era utilizado na China desde o século XI. Os coreanos, por sua vez, utilizavam caracteres metálicos por volta de 1230. Portanto, a região do Oriente foi responsável pela invenção do tipo móvel de impressão, que só seria amplamente utilizado na segunda metade do século XIV, com a produção de livros impressos a partir de blocos, proveniente de uma técnica usada no Ocidente. Assim, de acordo com Chartier (1999a, p. 20), “a civilização da imprensa e da publicação não pode ser restrita somente à ‘Galáxia de Gutenberg’”, ainda que essa tenha sido um marco na história da leitura. O próprio estudioso considera essa a segunda revolução no que se refere às práticas de leitura.

Darnton (2010), tomando como ponto de partida a revolução que se deu nas técnicas de escrita, considera como um importante marco a invenção da escrita e, num segundo momento, a criação do códice manuscrito. A terceira mudança, por sua vez, seria a invenção da imprensa. Tal fato causaria uma maior democratização do saber, aumentando consideravelmente o número de leitores, permitindo, assim, o surgimento de um público de massa, durante meados do século XIX.

A possibilidade de imprimirem-se vários livros, de uma só vez e com maior agilidade, provocou grande transformação para o mercado livreiro da época, que a partir de então, passa a contar com um equipamento que revolucionaria todo o processo de publicação de uma obra, diminuindo os custos. Se antes havia o escriba, que transcrevia manualmente o conteúdo dito pelo escritor e fazia várias cópias desses textos, agora haveria editores, impressores e tipógrafos que cumpririam a mesma função, porém de forma mais rápida, multiplicando-se os livros e proporcionando a outras camadas da sociedade, que antes não tinham acesso ao mundo escrito, a possibilidade de adquirir um exemplar a ser lido. A invenção de Gutenberg, desse modo, proporcionaria uma maior democratização no campo da leitura.

Para o leitor, no entanto, essa mudança não foi tão impactante como tinha sido na transição do rolo para o códice manuscrito. Como afirma Chartier (1999b), a revolução da imprensa não desencadeou o surgimento do livro. O que se modificou foi o modo de produzi-lo, passando-se do manual para o impresso, estabelecendo, dessa forma, certa continuidade entre essas duas práticas. As páginas, a escrita frente e verso, as margens, o sumário, a capa e o tamanho do códice se mantiveram.

Embora o formato do livro praticamente não tenha mudado nos mais de 500 anos de sua existência, seu surgimento proporcionou grandes mudanças no decorrer dos séculos no campo da leitura. A relação do leitor com o texto se consolidou ainda mais, e o próprio número de leitores foi aumentando gradativamente, graças ao avanço da alfabetização.

A era da impressão alcançaria seu auge no século XVIII, na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça. Para Chartier (1999a), a segunda revolução na leitura ocorreu mais precisamente nessa época, antes, portanto, da industrialização da produção do livro. De acordo com o estudioso, essa revolução se amparou em diferentes situações. Primeiramente, no crescente desenvolvimento da produção do livro, que havia aumentado significativamente durante quase todo esse século, chegando mesmo a triplicar ou quadruplicar sua fabricação. Em seguida, também se multiplicou e se transformou a publicação de jornais, e os livros de formato pequeno triunfaram expressivamente. Além disso, a propagação de novas instituições, como as bibliotecas, clubes do livro e outras associações de leitura, disponibilizou à sociedade livros e periódicos que poderiam ser lidos gratuitamente.

Junto a essas novas mudanças surgem diferentes gêneros textuais e práticas de leitura. Chartier (1999a) considera que, de todas as formas de leitura, a mais intensiva se desenvolveu precisamente no momento da revolução na leitura, caracterizado pela publicação de romances, gênero em ascensão no século XVIII, como os de Goethe, Rousseau e Richardson, que moveram seus leitores, de tal forma que eles foram aspirando uma prática de leitura semelhante àquela tradicional, de textos religiosos, que predominou durante o período da Idade Média. Nessa época, segundo Chartier (1999a), os leitores medievais liam, reliam, memorizavam e recitavam livros, de acesso restrito e limitado, que eram transmitidos de uma geração a outra, formando-se um modo de leitura que tinha relação religiosa com textos sagrados, sendo intensamente carregado de autoridade e sacralidade.

No entanto, como a história não é linear, em pleno século XVIII, a leitura de romances assume uma semelhança com a leitura religiosa, que era intensiva e repetida. Múltiplos textos efêmeros foram devorados por novos leitores, que faziam uma leitura rápida e ávida, submetida a um imediato julgamento crítico. Mas com uma diferença. Essa nova forma de ler

ocorreu de maneira mais intensa e descompromissada. Desse modo, “uma relação comunal e respeitosa com a matéria escrita, feita de reverência e obediência, deu lugar a um tipo de leitura mais irreverente e desprendida” (CHARTIER, 1999a, p.25).

Assim, surge uma nova forma literária, na qual o leitor, ao ler o texto, se sente tomado pelo mesmo. A sensibilidade foi, pois, um marco nessa forma de leitura intensiva, abrangendo um número ainda maior de leitores, em especial as mulheres, que eram ainda mais suscetíveis à emoção e às lágrimas. Muitas delas, de acordo com Chartier (1999a, p. 25), “tomavam de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas”.

A leitura foi se popularizando, sobretudo no século XIX, com a diversificação da produção impressa, o aumento do número de escolas e, conseqüentemente, das taxas de alfabetização. Mas a legitimação da leitura se fez presente nesse processo, ao impor disciplinas educacionais que contribuíssem para a definição de uma norma única e controlada no ato de ler. No entanto, essa norma teve que resistir intensamente à grande diversidade de novas práticas que surgiam, bem como diferentes categorias de leitores, como os trabalhadores, as mulheres e as crianças, que teriam, desde então, a possibilidade de ingressar no mundo da cultura impressa, cuja industrialização crescia a pleno vapor, trazendo novos materiais e outros modelos para a leitura. Assim, “com o século XIX a história da leitura entra na era da sociologia das diferenças” (CHARTIER, 1999a, p. 26).

Novos tipos de textos surgiram, atraindo e conquistando um público ainda mais diversificado de leitores. Obras baratas, sem grande valor estético tomam conta do mercado, revolucionando, de maneira polêmica, o conceito de valor na literatura. Enquanto isso, a escola, instituição que se expandia cada vez mais e abarcava um número ainda maior e diversificado de alunos, continuava legitimando as práticas de leitura na sociedade, menosprezando a literatura de massa, que movimentava grandemente o comércio livreiro do século XIX.

Essa característica mercadológica no mundo literário, marcada pela popularização da leitura e pelas ideologias dominantes, que deram origem à chamada literatura de massa, bem como a prática de leitura controlada pela escola, que valoriza uma literatura clássica e erudita, serão objeto do próximo subitem.

1.2. Leitura: prática legitimada pela escola ou pelos poderes do mercado?

A popularização da leitura, desde o século XVIII, foi tão significativa que proporcionou a difusão de novos gêneros literários que entretinham e conquistavam o leitor, figura que foi ganhando maior notoriedade, de tal forma, que passou a interferir no sistema literário², nutrindo considerada fatia do mercado editorial, segmento que crescia significativamente na economia capitalista. Assim, os gêneros literários se submeteram às leis do mercado, industrializando-se e tomando o formato de mercadoria.

Com a interferência do leitor no sistema literário, o autor, a partir do século XVIII, passa a escrever para obter dinheiro. Nesse sentido, pouco importa o conteúdo. Basta que esse entretenha e distraia o leitor-consumidor, sem que se considere qualquer valor estético. O conceito de *valor* passa a existir, no campo da literatura, não só como finalidade estética, mas também econômica. Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2001, p. 17):

Valor, fundamento do funcionamento da economia capitalista, é também um conceito básico da Estética. Não por coincidência a mesma palavra designa um conceito vital para a Economia e para a Estética, que começaram a lidar com ela simultaneamente, no século XVIII. A diferença é que a economia privilegiou o quantitativo, e a Estética, o qualitativo, vertendo-o para abstrações – criatividade, originalidade, genialidade – e não para dígitos.

Valor, nesse sentido, se refere ao conteúdo do texto, na sua qualidade diferenciada de discurso literário, que contenha certa inovação e modernização. Porém, o lado quantitativo também passou a imperar, transformando a arte em mercadoria, algo que, de certa forma, se torna favorável e rentável aos escritores, mas negativo para o campo literário. Escrever, então, se converte em uma atividade altamente lucrativa para a economia da época, que crescia consideravelmente, em seu modelo capitalista.

Para apimentar ainda mais esse mercado literário, atendendo aos anseios do novo leitor, o de classe média, surge, em 1836, na França, o romance-folhetim (*feuilleton-roman*), um “romance publicado em fatias diárias nos jornais” (MEYER, 1996, p. 55), sendo vendido a preço popular, em grande tiragem, e que serviu a essa nova categoria social de entretenimento. A grande estratégia mercadológica de dar continuidade à história em vários exemplares seguidos, do mesmo periódico, em nota de rodapé, proporcionou um efeito lucrativo ainda mais arrebatador, conquistando um número fiel de leitores, as mulheres em

² Antonio Candido (2000) defende, na introdução de seu livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, que a literatura é composta por um “triângulo”, formado por autor, obra e público. Segundo o estudioso, dessa tríade compõe-se o sistema literário.

sua maioria. Com o êxito de suas publicações, o folhetim daria origem, ainda no mesmo século, ao chamado romance popular, que atualmente também pode ser referido como literatura de massa ou de consumo.

O leitor de classe média se rendeu aos veículos de massa. Segundo Regina Zilberman (2001, p. 30), essa mudança fez com que o livro se tornasse “um mediador não só entre pessoas diferentes, mas – e principalmente – entre a imagem externa e a interna de cada indivíduo”. Dessa forma, segundo a autora, a leitura traduziria a interioridade do sujeito que a pratica. Ler se tornaria uma atividade social, que proporcionaria *status* e poder. Por isso, a elite não compartilhou essa mesma preferência pela ficção barata. Assim, a literatura se subdividiu em dois tipos: literatura de massa e literatura culta, dois conceitos polêmicos, que coexistem nos dias atuais, atraindo diversificados públicos leitores.

Sodré (1978) é um dos estudiosos que propõe uma teoria da literatura de massa, opondo à literatura culta ou erudita. De acordo com o autor,

A expressão literatura de massa designará a totalidade do discurso romanesco tradicionalmente considerado como diferente e opositivo ao discurso literário culto, consagrado pela instituição escolar e suas expansões acadêmicas. Incluem-se, assim, no universo da literatura de massa, o romance policial, de ficção científica, de aventuras, sentimental, de terror, a história em quadrinhos, o teledrama, etc. (SODRÉ, 1978, p. 15-16).

A literatura de massa é, pois, um discurso produzido pela indústria cultural, que apresenta diferenças em relação à literatura culta, influenciada diretamente pela escola e por outros mecanismos institucionais que delimitam o que é arte literária ou não. Com o surgimento da literatura de massa, o leitor, muitas vezes, passa a fazer suas escolhas fora do ambiente escolar, obedecendo, portanto, a uma lei de mercado. Em vez de ler um livro, consome uma mercadoria.

A obra de arte ingressa na era de sua reprodutibilidade técnica, tal como propõe Walter Benjamin (1994). Para esse estudioso, que parte de uma análise marxista, focada em uma crítica ao capitalismo, a arte torna-se, no início do século XX, objeto de mercadoria, sendo recebida em série, facilmente digerida, sem fruição e gozo, não valorizando a aura que se faz presente na obra lida. Assim, a arte passa a ser independente, ao ganhar a liberdade anônima do mercado.

O livro denominado *best-seller* é fruto dessa cultura de massa, que começou a se consolidar no século XIX e se tornou um gênero à parte, menosprezado pela elite e pelas escolas, porém de grande receptividade popular. Fraisse (1997, p. 160) o define como obra

“não-cultural”, por ser “um livro fácil, sem interesse, ou um prêmio literário que terá sucesso, venderá muito, depressa e bem”. Daí a derivação do nome *best-seller*, cuja tradução literal designa *o mais vendido*, podendo, atualmente, ser referido também como *mega-seller*, um novo conceito que está sendo amplamente utilizado, no mercado editorial, para definir livros vendidos na casa dos milhões, no mundo todo, e não mais na casa dos milhares de exemplares, tal como ressalta Ruy Castro (2009). De acordo com o jornalista e escritor, esse fenômeno ocorre apenas na área dos romances, não se incluindo biografias e memórias:

Os "mega-sellers" são sempre estrangeiros, e não necessariamente americanos: podem vir da Irlanda, da Austrália ou do Afeganistão, embora só cheguem aqui depois de iniciada sua carreira nos EUA. A partir daí, onde quer que se façam listas de livros mais vendidos, eles estarão nelas, o que torna essas listas monótonas e iguais no mundo inteiro (CASTRO, 2009).

O êxito nas vendas desses livros surpreende bastante, pois tal sucesso, muitas vezes, não chega a atingir alguns autores considerados consagrados pela literatura culta. Nesse ponto reside um dos grandes paradoxos que envolvem o fenômeno da designada literatura de massa, também referida por muitos estudiosos como paraliteratura e subliteratura. Embora ela seja considerada inferior, por não apresentar um trabalho diferenciado de linguagem, ela ajuda a difundir uma prática de leitura, atraindo novos leitores, antes avessos aos livros.

Como afirma Zilberman (1987, p. 7), dos males esse seria o menor, “tolerável diante da hipótese de que pior seria sem ela e qualquer tipo de leitura”. Além disso, se a obra *best-seller* (ou *mega-seller*) for brasileira será essa outra característica favorável para o comércio livreiro de nosso país, uma vez que grande parte da produção de literatura de massa consumida aqui é estrangeira, possível razão pela qual o leitor brasileiro dá mais destaque à literatura vinda de fora do que a produzida em seu próprio país.

O crescimento significativo do gênero autoajuda, nos últimos anos, também movimentou consideravelmente o comércio livreiro de obras *mega-sellers*. Para Deonísio da Silva (2009), a razão para a procura desse gênero, que já se tornou um fenômeno de vendas, se deve ao fato de o leitor ter sido desamparado ou de ter se sentido desamparado, seja pela família ou por outros setores da sociedade, como a escola, a igreja e o Estado, tendo que recorrer a si mesmo, buscando o consolo em títulos que lhe devolvam a autoestima. Por isso, a procura constante pelo gênero autoajuda, que, assim como os romances da literatura de massa, não acrescentam ao leitor algo inovador e significativo, que lhe traga, conforme propõe Gabriel Perissé (2006), questionamentos e indagações sobre temas vitais. Segundo esse estudioso,

O mundo editorial tenta despertar o interesse pela leitura do grande público (e compensar a baixa venda de títulos verdadeiramente valiosos) oferecendo-lhe textos de auto-ajuda, nos quais, como se fossem meros “recipientes”, os autores despejam (auxiliados por especialistas em fabricação de *best-sellers*) pensamentos requentados, extraídos não raro da obra de filósofos e sábios, frases superpostas de acordo com “estratégias de convencimento”, num mix de fácil assimilação, cujo resultado são obras para “levantar o astral” (PERISSÉ, 2006, p. 55).

Esses livros, como um manual de boa conduta, visam despertar o interesse do leitor, “ensinando-o” a se relacionar com os demais, a se comportar “bem” perante a sociedade, dando dicas para que consiga obter sucesso profissionalmente ou na vida amorosa. O objetivo é, por meio de títulos chamativos, atrair maior público leitor, de preferência o que se sente abandonado pela sociedade.

Desde o surgimento da cultura de massa, no século XIX, a crítica literária questiona as leituras de massa, que conferem à arte um valor não estético e sim mercadológico. No entanto, apesar da contrariedade e do preconceito de muitos estudiosos, esse tipo de literatura cresceu significativamente, sobretudo no século XX, criando gêneros próprios e tendo grande sucesso e aceitação por parte dos leitores, que se renderam facilmente a esse comércio literário que impera nos dias atuais, possivelmente, com ainda mais força do que no século anterior. Mas o que leva o leitor a sentir-se tão seduzido por esse tipo de gênero?

Segundo Zilberman (1987), em uma obra *best-seller*, consumida em grande quantidade, há poucos elementos pertencentes à natureza da grande arte literária. A criação, por exemplo, adquire uma conotação contrária ao princípio da originalidade, presente na estética literária. Na cultura de massa, a criação é motivada pela grande tiragem de venda do produto. Assim, o autor inventa uma “fórmula” que ele crê que terá grande receptividade entre os leitores. Alcançando o êxito esperado no primeiro título lançado, ele passa a reproduzir a mesma temática em outras obras, até que o público se canse do assunto. É criada, então, uma nova fórmula, com um tema diferente, que conquistará legião de leitores e essa será exaustivamente repetida até que o público novamente se enfade do assunto.

A repetição se torna, na cultura de massa, um círculo vicioso, podendo propagar-se não só com o mesmo autor, mas também com escritores diferentes, que, ao verem o êxito de um determinado assunto, passam a criar uma obra com características semelhantes. O objetivo é, pois, vender o maior número possível de títulos. Muitas vezes, não há a preocupação com a experiência estética por parte do leitor, que prefere digerir a reprodução da fórmula a ler algo mais profundo e inovador.

Esse fenômeno da repetição pode ser observado em várias obras que se fazem presentes na atualidade e são sucesso de vendas. A saga juvenil *Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling, é um exemplo clássico. A série é composta por sete títulos, lançados entre 1997 e 2007, que relatam aventuras fantásticas de um jovem bruxo. O êxito de vendas do primeiro título foi tão grande que a autora deu continuidade à história em vários outros exemplares. A série movimentou também o mercado cinematográfico, adaptando para as telas essas famosas narrativas juvenis.³

Mas a efemeridade desses tipos de livros é uma das marcas da literatura de massa, pois as fórmulas se desgastam, assim como os autores, que passam a ser esquecidos e descartados pelo público, que, por sua vez, se rende a outros novos títulos. É o caso do folhetim, de grande êxito no século XIX, mas desconhecido por muitos atualmente. Já a arte literária, ao contrário, é perene, podendo “permanecer incólume às transformações do tempo, porque lida com temas universais que não perdem a validade” (ZILBERMAN, 1987, p. 102). Por isso, a leitura da obra clássica, ao contrário do que ocorre com a literatura de massa, é tão apreciada, principalmente pela classe elitista, por seu valor estético e inovador, sendo mais profunda e impactante para o leitor, que, ao ler um livro desse gênero, se choca com experiências diferentes do seu cotidiano, causando-lhe estranhamento e, ao mesmo tempo, forte identificação com a obra.

A adesão do leitor ao texto é, pois, um fator determinante na leitura de uma obra literária. Por isso, Benedito Nunes (1999) enfatiza a importância da “função irrealizante da imaginação”, que constrói os textos literários, apelando para o poder estético que enleia o leitor, levando-o a aceitar esse mundo irreal, de ilusão, o que lhe proporciona uma liberdade estética da capacidade de julgar, uma vez que ele, ao compreender o texto, se compreende a si mesmo. O leitor encontra o prazer de si, vendo o outro, aderindo à narrativa, uma vez que se horroriza, se apaixona, se comove, tal qual o personagem. Esse estudioso, então, procura mostrar como a prática da leitura seria um “adestramento reflexivo”, uma vez que tal prática nos leva a um exercício não só de conhecimento de mundo, mas também de nós mesmos e dos outros. Assim, a experiência da leitura, que se dá de modo solitário e momentâneo, faz com que adquiramos experiência de vida, de forma geral e cumulativa. Nesse sentido, temos, segundo o autor, o “alcance ético das obras literárias” que nada mais é do que

³ Pode-se observar o mesmo fenômeno de vendas em outras obras, lançadas em série, que também tiveram adaptação para o cinema, e são preferidas pelo público, em especial, o leitor juvenil: *O senhor dos Anéis*, do escritor britânico J.R.R. Tolkien; *As crônicas de Nárnia*, do autor irlandês Clive Staples Lewis, e, mais recentemente, a saga *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, que está em seu quarto título. Essa relação entre literatura e cinema será retomada no próximo item desse capítulo, em que será dada uma maior ênfase aos novos suportes eletrônicos.

o saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários, como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de sua existência alienada, da compaixão e do sofrimento. É um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários (NUNES, 1999, p. 197)

O leitor extrai para si algum significado, uma reflexão que lhe traga um novo sentido à sua vida e à realidade que o cerca. Ele complementa o texto com sua experiência de vida, alcançando, assim, o que Nunes (1999) descreve como efeito ético da leitura. Por isso, o leitor, não só reaviva o sentido do texto como também o concretiza, em um ato de executante, uma vez que preenche os significados deixados em aberto no texto, com “variações decorrentes de suas próprias vivências” (NUNES, 1999, p. 199). Ele tem um papel ativo. Não apenas consome o texto, como o leitor da cultura de massa, mas vive uma experiência profunda e edificante.

Desse modo, revela-se significativo fazer o exercício de ver o diferente, o que não é pré-concebido, pronto e acabado. A possibilidade de reeducar o olhar, de ter uma nova percepção do mundo em que vive para que, assim, o homem possa conscientizar-se de seu estar no mundo e de seu papel na sociedade. Daí a relevância em buscar-se uma estética que dê sentido à vida. E a leitura literária tem essa capacidade de recriação do mundo, ampliação de horizontes, podendo religar o sujeito ao universo que está à sua volta, atribuindo-lhe outro significado à sua existência.

Por isso, a leitura da obra clássica tem um valor inestimável. Diferentemente do livro da literatura de massa, que pode ser esquecido facilmente, devido à repetitiva fórmula, peculiar desse gênero, o clássico permanece na memória por muito mais tempo, podendo tornar-se inesquecível, por estabelecer, como sabiamente defende Ítalo Calvino (1997, p.12), “uma relação pessoal com quem o lê”, devendo ser lido por amor e jamais por dever ou respeito (embora a escola assim o faça). Para ele, as instituições acadêmicas são obrigadas apenas a oferecer o suporte necessário para o aluno efetuar uma escolha, que será feita posteriormente, fora do ambiente escolar.

Mas, infelizmente, na prática a situação é outra, pois a escola, ao defender a permanência dos clássicos em sala de aula, acaba legitimando um tipo de leitura. Nas palavras de Antunes e Ceccantini (2004, p. 78), o meio acadêmico sacraliza, ao impor clássicos a serem lidos, pois ele, em seu intuito de preservar o patrimônio, tende “a *crystalizar* uma certa noção de literatura, impedindo, por exemplo, a inclusão de contemporâneos que não seguiram os modelos consagrados”. Daí surge o desinteresse por parte dos alunos, que se sentem

obrigados e desestimulados a ler uma obra clássica. Possivelmente esse seja um dos motivos de muitos jovens, estudantes do ensino básico, darem preferência aos *best-sellers*.

De fato, a literatura culta, embora seja mais prestigiada pela escola, é a menos lida e procurada pelos leitores, sobretudo nos dias atuais, em que a produção da cultura de massa é cada vez mais requisitada. Como será visto no próximo capítulo, as pesquisas realizadas para essa investigação, tanto na livraria como na biblioteca, revelaram que as obras *best-sellers* são as mais lidas pelo público adolescente. Os clássicos, por sua vez, significativamente presentes nas escolas, parecem sofrer um processo contrário, sendo cada vez menos lidos. As escolhas que os jovens fazem fora do ambiente escolar revelam, pois, certa negação ao cânone, termo aqui definido, segundo a concepção de Harold Bloom (1995), como uma obra secular, de escrita forte e memorável.

Para Armando Petrucci (1999) esse tipo de adolescente, que constrói seu repertório de leitura desordenadamente, de maneira quase aleatória, representa o perfil do que ele considera “leitor anárquico”, aquele que busca uma obra alheia ao mundo acadêmico, tomando como referencial o divulgado pela mídia e nas capas e títulos chamativos expostos nas vitrines das livrarias, que acabam orientando suas escolhas.

Infelizmente, muitos são os estudantes brasileiros que têm aversão às obras clássicas, e as justificativas para a negação desse tipo de leitura são muitas. O mito de que “a leitura do texto clássico é difícil”, se faz altamente presente no discurso dos alunos avessos a esse gênero. Maria de Fátima Cruvinel (2002) chama a atenção para o trabalho do professor como mediador, em sala de aula, da prática da leitura literária entre o jovem leitor, fator que contribui para a desmitificação desse mito. Segundo a estudiosa, um texto clássico como o de Machado de Assis, por exemplo, embora apresente algumas dificuldades para o aluno, principalmente, no campo da linguagem, se bem trabalhado em classe, por intermédio do professor, pode motivar o jovem à leitura, mediante várias provocações, que podem ser suscitadas pelo texto clássico. Como afirma Cruvinel (2002, p. 118),

se compreendemos a leitura como um exercício de relação com a palavra escrita, não é difícil pressupor que quanto mais o leitor experimenta, no embate com as palavras, novas possibilidades de construção de sentidos será capaz de construir.

A leitura literária em sala de aula tem, pois, um valor relevante. Ela pode ser a porta de entrada do jovem leitor para a descoberta de novos caminhos de leitura. Daí a importância em trabalhar-se com a obra clássica em sala de aula, de maneira que essa leitura motive o jovem e o instigue, o provoque, lhe proporcionando um novo significado à sua vivência.

Diferentemente da leitura de massa, que se esconde sob o discurso ideológico das leis de mercado, visando reprodução e venda constante de títulos de fácil digestão ao leitor, a literatura é um discurso que provoca o leitor a refletir sobre a vida. Essa experiência literária, empreendida por meio do contato efetivo do leitor com o texto, resulta em troca de significados e de experiências, na ampliação de horizontes por parte do aluno, no questionamento do já dado. O que ela faz é aguçar no imaginário do leitor apenas sugestões e reflexões que lhe permitam organizar seus pensamentos e argumentos, de tal forma que esses atribuam algum sentido à sua existência.

A prática da leitura literária no ambiente escolar pode suscitar provocações aos jovens leitores, fazendo com que esses se apropriem da narrativa, se sensibilizem e se autoquestionem, deixando que a leitura frua esteticamente. O discurso literário admite novas possibilidades de leituras, permitindo, assim, a construção de novos sentidos. Se a experiência literária é singular, única, ela não será igual para os alunos. Conforme afirma Perissé (2006, p. 50), a leitura literária faz com que o leitor entre para a realidade de forma intensa: “Quando o leitor recria o texto, identifica sua melodia profunda, reproduzindo-a com uma voz pessoal, com uma visão de mundo pessoal, e confere ao texto a chance de viver”.

Com o apoio do professor, tal prática pode motivar a recepção do texto literário, fazendo com que o jovem se aproxime e se identifique com o que lê, de maneira a estabelecer uma relação com a realidade mediada pela literatura. Por conseguinte, esse momento em que a obra é discutida em sala de aula pode oportunizar aos alunos-leitores experiências que lhes permitam construir sentidos e ao mesmo tempo pensar sobre si e o mundo que os cerca. Desse modo, o aluno poderá ampliar sua visão de mundo, refletindo sobre o espaço em que está inserido para, em seguida, compreender o outro.

A literatura tem essa capacidade de representar o homem e a realidade na qual o indivíduo está submerso. Ela reconstrói o universo das personagens, que se constituem cheias de fraquezas, de lacunas, fragmentadas, tal como nós, seres humanos. E a narrativa, sobretudo da pós-modernidade, tem esse caráter fragmentário, assim como é nossa própria vida. Daí a forte identificação do leitor com a obra.

Antonio Candido (1995) afirma que a literatura tem esse poder indispensável de humanização do homem, pois eleva e edifica, confirma e nega, propõe e denuncia, podendo suscitar formas amenas para lidar com os problemas. Ela transforma o indivíduo, uma vez que forma personalidade e é contraditória tal qual é a nossa vida, expressando toda fragilidade e fraqueza do ser humano. Daí a adesão do leitor ao objeto literário e a necessidade de fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis, uma vez que ela é um

direito essencial. Mais do que um mero deleite, ela é um direito humano, inerente a qualquer cidadão, não importa sua idade ou classe social. Para esse estudioso, os bens culturais são uma necessidade emergente.

A fruição da arte e da literatura é, pois, uma necessidade profunda do ser humano. Em consonância com a concepção de Candido (1995), temos a de Jorge Larrosa (1996), o qual afirma que a literatura tem essa capacidade de nos tocar, de nos comover, sensibilizar, provocar questionamentos e indagações, troca de experiências que promovam transformação e renovação, que nos ensinem a viver. Conforme o autor,

Pensar la lectura *como formación* implica pensarla como una actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no sólo con lo que el lector sabe, sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos trans-forma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión en aquello que somos (LARROSA, 1996, p. 16, grifos do autor).

Esse efeito transformador provocado pela leitura literária, que promove reflexão e humanização, ratifica a permanência da literatura na escola e do papel do professor como mediador em sala de aula. No entanto, há sempre que tomar cuidado ao se referir ao termo “Ensino de Literatura”, pois na prática a escola não deveria “ensinar” no sentido pedagógico, moralizante, como uma verdade absoluta, o que consta nos romances literários discutidos em sala de aula.

Esse caráter pedagógico, que muitas vezes impõe ao leitor uma significação unívoca, é uma das características típicas da literatura de massa, que tenta explorar, ao máximo, em seus enredos, dualismos que oponham o bem ao mal, nas figuras do mocinho e do bandido, deixando mensagens de alerta ao leitor, contra os perigos que ele corre em corromper-se tal qual o personagem principal. A presença explícita de julgamentos de valor e uma manifestação veemente em defesa da protagonista são elementos que se destacam nas narrativas *best-sellers*. O objetivo é buscar moldar o leitor, mostrando-lhe o que é certo e errado, o que se pode ou não executar para não se deixar cair nas armadilhas impostas pelo poder subversivo. O clássico final feliz, característico desses romances, contribui ainda mais para enfatizar o triunfo do bem sobre o mal.

É preciso, pois, tomar cuidado com essa conotação negativa assumida pelo discurso pedagógico, visto como fim moralizante. Literatura não é para ser ensinada. É ela que ensina no sentido de levar o leitor ao conhecimento do homem, da vida. Candido (1972) defende claramente esse ponto de vista, ressaltando que a literatura pode ter uma função formativa de tipo educacional, mas que devemos tomar cuidado com termos como “formar”, “educar”,

“ensinar”, para que eles não se confundam com “doutrinação”, como algo ético e moral. Para o estudioso,

A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial (...). Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (...) ela age com um impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. (...) a literatura, como a vida, *ensina*, na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta (CANDIDO, 1972, p. 805, grifos do autor).

A literatura de massa é caracterizada por expressar um modelo estereotípico de personagens, que demonstram uma dissimulada moral de boa índole, na tentativa de levar o leitor a se conformar facilmente à realidade que lhe é imposta. Isso traz certa artificialidade ao texto literário, que adquire um valor moralizante não próprio de sua caracterização. A literatura, como afirma Larrosa (2000), nunca foi subsidiária e não se rende à subordinação, sendo antipedagógica, por não aceitar uma verdade absoluta, um significado doutrinário e unívoco, que fecha a interpretação do texto, cujos sentidos são todos dados, de forma passiva, sem causar ao leitor um questionamento inquietante e algo significativo e novo, que renove sua existência.

Por isso, a leitura literária não fecha os sentidos do texto, cabendo ao leitor a coparticipação, para que ele, com suas vivências e questionamentos, complemente os significados presentes nas lacunas do texto a serem preenchidas, mas jamais concluídas. Daí os finais das obras literárias permanecerem, muitas, vezes, em aberto, (tal qual ocorre com nossa vida), demandando uma reflexão por parte do leitor, que exerce um papel ativo no ato de ler. Esse final em aberto, deixado por muitos autores em suas obras, nos leva a refletir sobre uma das funções da literatura amplamente defendida por Umberto Eco. Segundo o estudioso e escritor italiano, a leitura das obras literárias nos obriga a “um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação” (ECO, 2003, p. 12), uma vez que o gênero literário nos propõe “um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem e da vida” (ECO, 2003, p. 12).

Sendo assim, segundo o autor, cada geração pode ler a obra de forma diversificada, no entanto, é necessário que haja uma intensa consideração com o que Eco chama de “intenção do texto”, ou seja, o texto tem de autorizar, dar indícios, dar margens para que haja possibilidades para mais de uma interpretação. Para esse estudioso, o leitor tem de estabelecer um sentido da realidade na obra que lê, senão corre o risco de ser presa de suas próprias alucinações.

A leitura é, pois, um jogo de tensões, que envolve não somente a intenção do texto, mas também a do leitor e do autor. Eco (1997, p. 93) enfatiza que “entre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor está a intenção transparente do texto, que invalida uma interpretação insustentável”. Por isso, mesmo a obra sendo aberta a várias interpretações, essas não podem ser suscetíveis a qualquer leitura. Há que se compreender como o texto produz sentidos, analisando as marcas deixadas no texto que não devem ser ignoradas.

Esse argumento, amplamente defendido pelos principais críticos literários, deve também orientar a prática do professor em aula de leitura. Este, como mediador da prática literária concretizada na escola, não só precisa saber apontar os caminhos para os jovens leitores como também necessita mostrar-lhes que existem limites na interpretação de uma obra literária. Nesse sentido, ao se trabalhar em sala de aula com narrativas que apresentem um final em aberto, há que pedir aos alunos que justifiquem suas interpretações, buscando os indícios, as “pistas” que avalizem sua interpretação como legítima e provável.

Eco (2003) ainda chama a atenção para o fato de vivermos na era do hipertexto eletrônico, o que pode nos proporcionar “viajar” através de um novo modo textual, de uma “prática de uma escritura inventiva livre” (ECO, 2003, p. 18). O leitor, a princípio, poderia atribuir um outro sentido à história que lê. No entanto, como afirma o autor italiano, ele tem de estar apto a aceitar os desejos que vão além de sua imaginação, tem de aceitar sua frustração e “através dela experimentar o calafrio do destino” (ECO, 2003, p. 20). Essa seria, para Eco, uma das principais funções da literatura: fazer com que o leitor também se frustre de vez em quando e aceite o destino trágico dos personagens.

O papel do professor para orientar o trabalho com o texto literário, em sala de aula, é, pois, de extrema relevância, por instigar o jovem à reflexão, podendo motivá-lo, assim, a uma prática contumaz de leitura, uma atividade que está atrelada à vida social. Portanto, não tem como ela encontrar-se totalmente desconectada de duas instituições que, embora sejam bastante distintas, estão inter-relacionadas com o mundo literário: a escola e o mercado, que movimentam o comércio de livros. Como afirma Paulino (2005, p. 146),

Mesmo quando negados, tanto a escola, com seus rituais e seus mediadores de leitura, às vezes inadequados, quanto o mercado, com a transformação das artes em mercadorias encomendadas, propagandeadas, patrocinadas, vendidas e compradas, compõem a instituição literária, no nível da produção e no de sua recepção concreta.

Não há mais como negar o lugar ocupado pela literatura de massa. A leitura de livros *best-sellers* é uma prática que se faz cada vez mais presente entre os jovens e, mesmo a escola não incentivando esse tipo de leitura, o adolescente se apoiará em outras “fontes”, ainda mais poderosas que essa instituição. A internet, por exemplo, é uma das maiores divulgadoras dessa prática leitora, impulsionando legiões de jovens que compartilham e trocam entre si experiências dessas leituras. A influência dos novos suportes tecnológicos nas práticas leitoras será discutida no próximo item, e o trabalho da leitura literária na escola será retomado com maior profundidade no capítulo três, uma reflexão com base na análise dos dados expostos no capítulo dois desta dissertação.

1.3. Leitura literária no Século XXI

A mídia⁴ e as novas tecnologias⁵, em ascensão desde a década de 1990 do século passado, despontam cada vez mais como alternativas à leitura impressa. Livros digitalizados, em formato *e-book*, lidos na tela, ou audiolivros, vêm conquistando alta fatia do público leitor, em especial dos jovens, que dominam ainda com maior facilidade esses meios. Segundo Chartier (1999a), o livro eletrônico, proporcionado pelos modernos meios de comunicação social, desde o final do século XX, trouxe outra revolução no campo da leitura, que tornou possível uma maior acessibilidade à informação e, conseqüentemente, uma maior democratização da leitura.

O surgimento do suporte eletrônico impactou o leitor, da mesma forma que surpreendeu, 500 anos antes, o leitor do códice manuscrito, que teve de adaptar-se ao pequeno e confortável formato do livro. De acordo com Chartier (1999a, p. 28),

A passagem dos textos do livro impresso para a tela do computador é uma mudança tão grande quanto a passagem do rolo para o códex durante os primeiros séculos da Era cristã. Isso desafia a ordem dos livros familiares aos leitores e dita novos caminhos de leitura que superam as limitações tradicionais impostas pelos objetos impressos.

⁴ Entende-se por *mídia*, os meios de comunicação social utilizados para a transmissão da informação. Segundo Canclini (2008, p. 33, grifos do autor), “as *fusões multimídia* e as *concentrações de empresas* na produção de cultura correspondem, no consumo cultural, à *integração de rádio, televisão, música, notícias, livros, revistas e Internet*. Devido à convergência digital desses meios, *são reorganizados os modos de acesso aos bens culturais e às formas de comunicação*”.

⁵ Compreende-se por novas tecnologias ou novos suportes eletrônicos de comunicação, o computador, com os seus formatos portáteis (*netbook, notebook*); a internet; livros no formato *e-book*; o aparelho celular, com suas diferentes funções multimídias; aparelhos portáteis reprodutores digitais de diferentes mídias (é o conhecido *iPod*: tocadores de áudio digital, que reproduzem músicas, no formato mp3, ou vídeos mp4, fotos e imagens etc.); a televisão digital e a tecnologia 3D, que estão em constante ampliação; entre outros meios digitais que se tornam cada vez mais acessíveis à população.

Se antes o leitor lia e fazia suas anotações nas margens das folhas do livro, prática surpreendente para o leitor da Idade Média, com a chegada do *e-book*, lido na tela do computador ou em outros suportes digitais, o leitor adquire uma interatividade impossível de ocorrer com um texto em formato impresso. Ele não apenas lê, mas também pode realizar diversas alterações no escrito original, movendo parágrafos, frases, palavras ou acrescentando observações pessoais no próprio corpo do texto, podendo tornar-se, literalmente, coautor, tal como enfatiza Chartier (1999a). Assim, leitura e escrita se tornam ainda mais imbricadas.

Além de uma maior mobilidade, o texto eletrônico proporciona também uma maior democratização da leitura. Diversos são os livros digitalizados, na íntegra, disponíveis ao leitor a um toque de tecla, ao navegar na internet. De acordo com Darnton (2010), um dos grandes responsáveis por essas digitalizações, que estão a serviço dos internautas, é o Google, um dos maiores sites de busca da atualidade. Desde 2005, o referido buscador digitaliza livros de bibliotecas de pesquisa, disponibilizando ao usuário, por meio do serviço *Google Books*, textos integrais de várias obras, muitas delas já em domínio público. Para o leitor/navegador é, sem dúvida, uma rica fonte de conhecimento, pois por meio da internet pode-se armazenar em seu computador um acervo de livros maior do que o de muitas bibliotecas físicas.

Mas ultrapassar as barreiras dos direitos autorais e do copyright, que garantem os direitos de reprodução da obra, pode dificultar o acesso à informação. O Google, que já sofreu ação popular coletiva de autores e editores, que alegaram violações de copyright, negociou um acordo judicial, em 2008, que permite ao internauta acessar gratuitamente textos integrais, de domínio público, ou fragmentos de livros. Além disso, o usuário pode comprar obras por esse site de busca, que inclui anúncios nas páginas dos livros digitais, o que lhe garante lucros arrebatadores. Enquanto o Google não puder dar um passo mais avançado – seu objetivo é digitalizar todos os tipos de livros fora de catálogo –, resta ao leitor adquirir os títulos que já estão em domínio público, podendo lê-los na íntegra, seja na tela do computador ou imprimindo-os, gratuitamente.

Para o leitor, de fato, foi uma grande conquista, principalmente para os que moram em cidades do interior, onde o acesso às bibliotecas é mais difícil, quando não, inexistente. Ter a possibilidade de acessar vários livros e periódicos sem sair de casa proporcionou uma maior democratização do saber. Dessa forma, como enfatiza Chartier (1999a, p. 29), “o texto em sua representação eletrônica, dissociado da materialidade e da localização convencionais, pode (em teoria), alcançar qualquer leitor em qualquer lugar”.

Com essa maior acessibilidade à informação e os novos suportes digitais, cabe refletir sobre o futuro do livro. Estaríamos próximos de seu fim? Haveria outro suporte capaz de substituir um modelo que vigora há mais de 500 anos? Essa é uma das dúvidas mais inquietantes, pois apesar dos grandes avanços tecnológicos, nas mais diversas áreas do saber, o livro foi o suporte que menos sofreu modificações no decorrer dos séculos, sendo o que mais tempo vigora na sociedade atual, com seu formato original, obtido com a invenção do códice manuscrito no início da era Cristã. Mesmo com o recente formato do *e-book*, que permitiu uma leitura na tela, sua essência permanece a mesma. Mas leitores estariam dispostos a abdicar totalmente do impresso em favor do eletrônico?

Vivenciamos a era da tecnologia da informação, que mescla três diferentes suportes de leitura, coexistentes e complementares: o texto manuscrito, o impresso e o eletrônico. Assim, não podemos dizer que somos apenas leitores, mas também, ao mesmo tempo, podemos ser espectadores e internautas. Néstor García Canclini (2008) demonstra, em simples exemplos, como o sujeito da pós-modernidade concilia, simultaneamente, essas diferentes funções em uma mesma atividade:

Você está dirigindo o carro enquanto ouve um áudio-livro e é interrompido por uma ligação no celular. Ou você está em casa, sentado numa poltrona, com o romance que acabou de comprar, enquanto na televisão ligada à espera do noticiário passam um anúncio sobre as novas funções do iPod. Você se levanta e vai até o computador para ver se compreende essas novidades que não estão mais nas enciclopédias de papel e, de repente, percebe quantas vezes, mesmo para procurar dados sobre outros séculos, recorre a esses novos patrimônios da humanidade que se chamam Google e Yahoo (CANCLINI, 2008, p. 11).

Com os avanços tecnológicos, a multiplicidade e simultaneidade de ações se tornaram características típicas da sociedade atual, fruto do sistema capitalista, que a tudo reproduz em série, com velocidade e praticidade. Assim, não apenas a produção se tornou rápida e plural, mas o indivíduo também se multiplicou, ampliando o número de suas funções, não sendo raras execuções de diversas atividades em um só momento, tal como ocorre com o leitor/espectador/internauta.

A revolução digital foi, pois, um marco significativo para a democratização do saber, e embora saibamos que ela não cessará tão cedo de crescer e expandir-se, proporcionando outros meios tecnológicos ainda mais inovadores, não podemos crer que isso resulte um dia na morte do livro ou do leitor. Ao contrário. O mais provável é haver a complementaridade e coexistência entre os diferentes suportes de discurso, que resultará em “uma nova relação,

tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos” (CHARTIER, 2000, p. 22). O que não há como saber é se no futuro os formatos manuscrito, impresso e eletrônico conviverão pacificamente.

Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010), já no sugestivo título lançado recentemente, anunciam: *não contem com o fim do livro*. Para ambos estudiosos, que descontraidamente dialogam sobre o tema, o livro não morrerá, como profeticamente é apregoado pela opinião pública. Eles partem do pressuposto de que a história dos livros e o amor a eles os resguardarão da dissipação. Apesar de esse objeto ter adquirido diferentes variações no decorrer dos séculos, ele não modificou sua função básica em mais de 500 anos de existência.

Como ressalta Eco (2010, p. 16-17), “o livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados”. Por isso, os autores acreditam que o livro, mesmo obtendo novas alterações, resistirá às inovadoras técnicas digitais que por ventura surgirão. O próprio formato *e-book*, segundo os autores, está fadado ao desaparecimento, podendo ser substituído, futuramente, por outro mecanismo ainda mais potente, que, por exemplo, interligue leitores a todas as bibliotecas do mundo.

Por mais que novos suportes surjam, o livro, em sua essência, permanecerá, da mesma forma que o cinema não desapareceu com o surgimento da televisão, do vídeo e DVD, e o quadro não se evaporou com o nascimento da fotografia. Na verdade, uma mídia não tomou o lugar de outra, mas somou-se às já existentes, dando certa continuidade ao processo tecnológico e oferecendo diferentes opções a seus usuários. Assim, como afirma Manguel (2006, p. 74) “o monitor e o códice podem se alimentar mutuamente e coexistirem bons termos na mesma escrivaninha”.

É o que ocorre na atualidade. Sem dúvida, a internet revolucionou os meios de comunicação. As notícias, presentes em grandes sites, aparecem quase simultaneamente ao seu acontecimento, deixando o leitor constantemente atualizado do que se passa em todo o mundo. Se alguém quiser manter-se informado sobre qualquer assunto, de diferentes áreas do conhecimento, não precisa mais esperar pelos noticiários televisivos ou pelos jornais e revistas que ainda circularão por via impressa. Tais fontes da informação, embora ainda predominem com grande força, mostram-se ultrapassadas e desatualizadas se comparadas à rapidez do fluxo de dados disponibilizados *online*. Nesse ponto, o mundo virtual se torna mais eficaz para o leitor do que os amontoados de papel.

Mas o que dizer da leitura literária na tela? Teria essa o mesmo efeito proporcionado pelo formato impresso do livro? Mario Vargas Llosa (2009, p. 67), embora seja grato à

acessibilidade e rapidez da informação, proporcionadas pela internet, em todas as esferas humanas do saber, crê que o efeito da leitura literária virtual jamais será igual à do papel, por não propiciar “a mesma sensação de intimidade, a mesma concentração e o mesmo isolamento espiritual do livro”.

Assim, ainda que aparelhos digitais específicos para a leitura sejam cada vez mais produzidos, com a finalidade de proporcionar maior conforto ao leitor, o livro impresso, parece ser ainda mais prático de manusear, além de ser mais convidativo e instigante, prendendo mais a atenção, não tornando a leitura tão cansativa como a da tela, principalmente quando o número de páginas é bastante extenso. Por isso, muitos leitores, em especial os adultos, preferem mais a leitura literária impressa.

Darnton (2010) define ao códice como um elemento superior e enriquecedor, se comparado ao texto eletrônico:

Pense no livro. Sua resistência é extraordinária. Desde a invenção do códice, por volta do nascimento de Cristo, provou-se uma máquina maravilhosa – excelente para transportar informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido na cama, soberbo para armazenamento e incrivelmente resistente a danos. Não precisa de upgrades, downloads ou boots, não precisa ser acessado, conectado a circuitos ou extraído de redes. Seu design é um prazer para os olhos. Sua forma torna o ato de segurá-lo nas mãos um deleite. E sua conveniência fez dele a ferramenta básica do saber por milhares de anos, mesmo quando precisava ser desenrolado para ser lido (...) muito antes de Alexandre, o Grande fundar a biblioteca de Alexandria em 332 a.C. (DARNTON, 2010, p. 86).

Como se trata de diferentes suportes, o efeito da leitura não teria como se dar de forma igualitária. Como vimos na primeira parte desse capítulo, cada nova mudança do livro acarretou diversas formas de leitura no decorrer dos séculos, modificando a relação do leitor com o texto. É o que ocorre na atualidade, que ainda conta com um diferencial: o convívio de dois distintos formatos de livros, deixando a critério do leitor o poder de escolha do método que lhe atraia mais e que lhe dê maior conforto e praticidade. Quem sabe para um porvindouro próximo, outros mecanismos ainda surjam, aumentando a gama de possibilidades disponíveis ao leitor.

Mas o futuro dos novos modos de comunicação é tão incerto, que não podemos prever que outros empreendimentos eletrônicos possam surgir no campo da leitura. Até mesmo o Google, com sua ampla rede de digitalização de livros, pode um dia desaparecer ou ser substituído por uma tecnologia superior, tal como nos alerta Darnton (2010), porque a efemeridade é a marca da era digital.

Do ponto de vista capitalista, o livro, visto como produto, dificilmente irá desaparecer, pois estará, de certa forma, atendendo a uma demanda constante de mercado, alimentando um comércio que visa satisfazer os anseios do leitor, que, por sua vez, é expressivamente influenciado pelo marketing que influencia na venda de livros. Como afirma Zilberman (2001, p. 118):

A lógica do capitalismo, fundada na obsolescência programada, sugere que o livro não vai desaparecer, porque encontrará seu nicho no sistema. Talvez se torne ainda mais elitizado; ou, pelo contrário, ameaçado de desaparecimento, providencie no barateamento do custo e à renovação de popularidade.

Pensando-se no livro como um produto altamente rentável, que movimentava significativamente o mercado editorial – apesar do preço alto e inacessível para grande parte da população –, a profecia de seu desaparecimento parece perder ainda mais força, tornando-se praticamente insustentável. Por isso, ainda é cedo para analisar a forma como o mercado atuará na definição do preço do livro: se irá barateá-lo, tornando-o mais acessível ao consumidor ou se ficará ainda mais caro.

A maior acessibilidade proporcionada pelo mundo virtual contribui ainda mais para o êxito nas vendas. Sem sair de casa, o leitor pode realizar pela internet a compra de livros, sejam esses digitais ou impressos. No mundo conturbado em que vivemos, em que muitos alegam falta de tempo, essa parece ser uma boa saída e, de fato, é, sendo vantajosa tanto para o cliente quanto para as lojas virtuais. Mas, certamente, muitos leitores não abririam mão de uma agradável visita *real* a uma mega livraria, em que se pode tocar nos livros, manuseá-los, folheá-los, cheirá-los e, até mesmo, lê-los confortavelmente em uma poltrona.

O comércio livreiro já se atentou para esse fato e muitas livrarias, embora trabalhem com vendas virtuais, também abrem suas portas para atender aos anseios do bom e velho leitor, que prefere sentir a textura e o cheiro dos livros. Surge, então, um novo conceito de livraria, denominada *megastore*, que oferece um ambiente acolhedor e reconfortante para a leitura, de tal forma que o leitor se sinta bastante à vontade nesse espaço, podendo não apenas olhar os livros expostos nas chamativas vitrines, mas também interagir com eles, escolhendo os que mais agradam, para lê-los calmamente, sem pressa, tal como se estivesse em uma biblioteca. Essa liberdade e autonomia proporcionadas ao leitor é uma das estratégias mestras dessas lojas para conquistar seus clientes, que ali começam uma leitura que muito provavelmente será concluída em casa, caso se sintam tomados pelo objeto lido. Segundo Steven Roger Fischer (2006), esse é o modelo da livraria moderna, um ambiente tido por

muitos leitores não só como reconfortante e de refúgio, mas também um lugar de crescimento pessoal e de novas descobertas, que busca atrair o leitor que sente prazer pela palavra escrita:

Uma estratégia social particularmente bem-sucedida é a nova encarnação da livraria tradicional: a livraria moderna. As livrarias, com diversos andares, espaçosas, elegantes e até provocantes, como experiência humana, são hoje o ideal em nosso planeta, do amplo acesso a informações impressas (As bibliotecas públicas começaram a copiar essa nova estratégia). Foi-se o tempo das prateleiras enormes ordenadas de acordo com o sobrenome dos autores. Nas ilhas bem organizadas de coleções de livros individuais, o leitor moderno encontra um ambiente harmonioso e bem-arranjado que exalta a compartimentalização, permitindo que ele tenha autonomia na escolha do livro de sua preferência (FISCHER, 2006, p. 280-281).⁶

Não por acaso, muitas dessas livrarias, típicas das grandes cidades, estão situadas em *shoppings*, ambientes considerados por seus frequentadores como confortáveis e seguros, além de práticos, por reunirem, em um mesmo espaço, estabelecimentos diferentes. Daí o movimento desses centros comerciais ser tão intenso, atraindo diversificados públicos, em busca de lazer e entretenimento. Assim, o faturamento de uma livraria que está localizada nesse ambiente pode ser muito maior do que uma que não esteja situada nesse mesmo lugar, até porque essas *megastores*, na maior parte das vezes, não comercializam apenas livros, mas vários artigos da área de papelaria, informática e eletrônicos. No centro da cidade de Goiânia, por exemplo, várias foram as livrarias, muitas delas tradicionais – que já foram pontos de encontro de escritores goianos, abrigando importantes círculos de leitura – que fecharam suas portas nos últimos anos, pois o movimento caiu drasticamente. As lojas que comercializam livros usados são as que mais se destacam, quantitativamente, na cidade, embora a frequência em muitas delas também tenha reduzido bastante, uma vez que o comércio de livros antigos também se faz altamente presente na internet.

Em contrapartida, as livrarias situadas em *shoppings* viram seu comércio expandir-se significativamente. Basta visitar uma delas para perceber seu grande movimento. Além do ambiente acolhedor e reconfortante, já referidos acima, muitas contam com um *cybercafé*, um espaço em que o cliente pode desfrutar de uma boa leitura, devidamente acompanhada de um café e, ainda, pode navegar pela internet. Além disso, grande parte das livrarias presentes nos centros comerciais situa-se próxima à praça de alimentação e às salas de cinema, o que torna a circulação na loja de livros ainda maior, pois a maioria do público, após assistir ao filme,

⁶ Segue, como Anexo A, a foto de uma livraria *megastore*, situada na Av. Paulista, São Paulo - SP, para que se possa ilustrar o modelo desse novo espaço de leitura que se configura no século XXI.

também não deixa de dar uma entrada rápida na livraria, ao menos para conferir as novidades. Assim, leitura literária e cinema se aproximam ainda mais.

Essa relação da literatura com a sétima arte vem crescendo cada vez mais, seduzindo, principalmente, os jovens, que se rendem mais facilmente aos novos suportes eletrônicos. Segundo Cruvinel (2010, p. 16), as obras adaptadas para o cinema geram um fascínio enorme no leitor, que embora muitas vezes goste do visto na tela, prefere ainda mais a leitura do livro: “a leitura das obras foi motivada pelo cinema, mas é coroada pela afirmação categórica dos leitores: o livro é muito melhor! A fantasia, portanto, nunca esteve em baixa”.

O cinema como motivador da leitura é, sem dúvida, um dado positivo para a literatura, não devendo ser ignorado pelo professor, em seu trabalho em sala de aula. Antoine Compagnon (2009) justifica a possível causa desse favoritismo literário:

Todas as formas de narração, que compreendem o filme e a história, falamos da vida humana. O romance o faz, entretanto, com mais atenção que a imagem móvel e mais eficácia que a anedota policial, pois seu instrumento penetrante é a língua, e ele deixa toda a sua liberdade para a experiência imaginária e para a deliberação moral, particularmente na solidão prolongada da leitura. Aí o tempo é meu. Sem dúvida posso suspender o desenrolar do filme, pará-lo em uma imagem, mas ele durará sempre uma hora e meia, ao passo que eu dito o ritmo de minha leitura e das aprovações e condenações que ela suscita em mim. Eis porque a literatura continua sendo a melhor introdução à inteligência da imagem (COMPAGNON, 2009, p. 55).

O imaginário construído pelo leitor, que se sente seduzido pela delicadeza da linguagem, se torna, pois, determinante para a inicialização de uma prática leitora. O interesse despertado pelo filme pode criar no espectador o desejo de leitura e, quando essa se realiza, se torna mais interessante. Cria-se, então, um forte vínculo entre texto e leitor, que antes não havia despertado para a leitura, vista anteriormente como algo enfadonho e difícil.

Vivemos na era da informatização, que constantemente une o mundo digital ao universo do papel. Se o livro realmente estivesse fadado ao seu desaparecimento, certamente, um dos espaços de leitura mais antigos já haveria há muito sido extinto: a biblioteca pública. No entanto, esse ambiente, que surge no contexto da Revolução Industrial para ajudar a escola, não só continua sendo regularmente frequentado como também ampliado e adaptado aos novos meios tecnológicos. Grande parte das bibliotecas, incluindo as públicas, oferece a seus usuários acesso à rede de computadores, com internet disponível.

Na cidade de São Paulo, por exemplo, foi inaugurada, no início de 2010, no antigo espaço que abrigava a famosa penitenciária do Carandiru, uma biblioteca pública no melhor

estilo *megastore* adotado pelas livrarias acima referidas, deixando de lado a formalidade tradicional que antes caracterizavam esses ambientes de leitura⁷. A notícia da inauguração foi veiculada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, versão *online*, no dia 08 de fevereiro de 2010. Segundo a reportagem, assinada por Ana Paula Sousa, a biblioteca conta com um acervo de mais de 30 mil títulos, distribuídos por faixas etárias, em prateleiras baixas que expõem chamativas capas. Além disso, o lugar oferece computadores e modernos leitores de livros digitais. Há também um espaço adaptado para deficientes físicos, que conta com um equipamento que, por meio de escaneamento de livros, transforma a palavra escrita em falada. Dessa forma, cultura impressa e eletrônica dividem o mesmo ambiente, oferecendo ao usuário opções diferentes para consultas e pesquisas.

A digitalização se faz presente até mesmo no momento do empréstimo de livros, proporcionando maior liberdade ao leitor. Basta que ele faça o cadastro, escolha o título e o leve para casa, sem intermediários, pois o processo é bem simples: apenas passa a carteirinha no terminal de autoatendimento, que essa libera a saída do livro. Outro propósito é fazer com que tudo o que chegue de novo às livrarias também se torne disponível aos usuários dessa instituição. O objetivo é atrair um público amplo de leitores, fazendo com que esse ambiente seja, de fato, democratizado. Nas palavras de João Sayad, secretário da cultura, na época, e um dos idealizadores do projeto, a biblioteca não seguirá uma visão acadêmica. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, que veiculou a referida reportagem, mencionada acima, o secretário e também economista ressaltou que irá destacar os livros que circulam entre os mais vendidos na mídia, devendo esses ser organizados como nas livrarias, deixando a biblioteca com um aspecto de uma *megastore* cultural. Para tanto, os funcionários irão se comportar como vendedores e não bibliotecários. Esse é o projeto proposto por Sayad.

Como se vê, os espaços de leitura também estão se adaptando aos novos tempos, lançando alternativas viáveis que seduzam o leitor da era tecnológica. Não apenas clássicos e livros acadêmicos circulam nesses ambientes, como antigamente se predominava, mas também *best-sellers*, autoajuda, livros religiosos, que são cada vez mais lidos e requisitados. Por isso, é difícil crer que um dia essas instituições, assim como o livro, venham a desaparecer. Como afirma Manguel (2006, p. 192), “é provável que as bibliotecas persistam e sobrevivam, na medida em que continuemos a emprestar palavras ao mundo que nos cerca e a preservá-las para leitores futuros”.

⁷ Segue, como Anexo B, uma foto da Biblioteca de São Paulo, situada ao lado da estação Carandiru, na capital paulista.

Mas o excesso de ofertas de livros, acrescido do ambiente luxuoso e agradável desses novos espaços de leitura, com seus atrativos produtos, no mercado, embora permitam ampliar o repertório de escolhas de quem lê, tornando o ato de leitura ainda mais democrático, podem gerar um vazio no leitor, deixando-o perdido, descompassado, sem saber ao certo o que escolher. Por isso, o papel da escola e do professor na escolha de obras literárias do aluno pode ser determinante, propiciando ao indivíduo um maior direcionamento, que poderá ser crucial futuramente, quando estiver mais maduro e apto para realizar suas próprias escolhas literárias, objetos de desejo.

É sobre leitores e espaços de leitura, em Goiânia, que se centrarão os estudos dessa dissertação no seguinte capítulo, referente à análise de dados. Para tanto, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com leitores que frequentam uma livraria situada em um *shopping* considerado de prestígio, na capital goiana, e em uma biblioteca pública, também localizada na mesma cidade.

2. DOIS ESPAÇOS PARA A LEITURA LITERÁRIA

Livros velhos, que conhecemos mas não possuímos, cruzam nosso caminho e se convidam para a biblioteca. Livros novos tentam nos seduzir diariamente com títulos tentadores e capas irresistíveis.

(Alberto Manguel)

A biblioteca e a livraria. Dois ambientes de leitura que coexistem nos tempos atuais. Embora ambas dividam espaço com as novas mídias e aparatos tecnológicos, são ainda bastante requisitadas por distintos públicos leitores, que preferem sentir nas mãos a textura do objeto livro, em seu formato impresso. Seja ele novo ou velho, seduz o leitor de diferentes idades: a criança, o jovem, o adulto e o idoso. Seja o espaço de leitura moderno ou tradicional, calmo ou movimentado, tal qual o ritmo frenético dos novos tempos, ainda assim é capaz de levar o leitor a obter uma experiência íntima de leitura que lhe seja renovadora. Mas quem são os leitores frequentadores de ambos espaços? O que procuram? O que leem?

Primeiramente foi investigado, por meio de observações diárias, entre os meses de abril a agosto de 2009, o movimento dos clientes que fazem uso da livraria, espaço de comercialização do livro, que atualmente se tornou também um lugar efetivamente dedicado à leitura. Com base em entrevistas e questionários, realizados com seus visitantes, (o modelo do questionário aplicado segue como Apêndice A) e com os vendedores desta livraria (o modelo do questionário aplicado segue como Apêndice B), foi traçado um perfil do leitor que frequenta esse ambiente (faixa etária, classe social etc.), a fim de investigar, entre outros dados, o motivo que o levou a visitar esse espaço. Foi averiguado o que esse leitor lê, por que lê, por influência de quem e, principalmente, o efeito que essa literatura lhe provoca, uma vez que essa pesquisa se deterá mais especificamente no gênero literário.

O objetivo, como já se observou, é o de refletir sobre o papel da leitura literária realizada fora do ambiente escolar, ou seja, a prática de leitura literária cujos sujeitos leitores leem não motivados pela escola ou pelo professor. Um dos questionamentos pertinentes a este trabalho de investigação é saber se esse jovem que frequenta as livrarias *megastores* busca uma alternativa de leitura diferente da sugerida (ou imposta) pelo meio acadêmico.

Do mesmo modo como foi feito na livraria, foi escolhida uma biblioteca pública, em Goiânia, para observar o fluxo de pessoas que a movimentam, fazendo entrevistas e questionários com os usuários de tais bibliotecas (o modelo desse questionário segue como

Apêndice C) e com as bibliotecárias que trabalham nesse local (o modelo desse questionário segue como Apêndice D), em fevereiro e março de 2010. Essa será uma das investigações que também será desenvolvida neste capítulo.

O modelo de todos os questionários aplicados, tanto na livraria como na biblioteca, segue, pois, como apêndice. As respostas dadas foram tabuladas em forma de gráficos, que constam no corpo do trabalho. Como se verá na seguinte análise, na maioria das respostas apresentadas, os entrevistados marcaram mais de uma alternativa. Por isso, a somatória das referidas respostas, ultrapassará os 100%.

No próximo item será traçado um perfil do jovem leitor que frequenta uma livraria *megastore* de Goiânia, a fim de observar, entre outros dados, se esse leitor lê sem ser influenciado pela escola ou pelo professor. Com essas informações em mãos entendemos ser possível traçar um panorama da leitura literária na cidade de Goiânia fora do ambiente escolar.

2.1. A livraria

A livraria *megastore* escolhida para a observação e entrevistas com os clientes e vendedores está situada em um *shopping* considerado de prestígio na capital, localizado em uma região nobre de Goiânia, que possui um perfil residencial e comercial de classe média alta e se encontra próximo a escolas privadas de ensino fundamental e médio. O trabalho foi realizado em um período de quatro meses, com frequência média de uma vez por semana, concentrando-se, sobretudo, nos finais de semana, dias em que esse local é mais frequentado. As observações se iniciaram no dia 17 de abril de 2009, data em que foi feita a primeira entrevista com um dos clientes, e foram concluídas com o último questionário aplicado no dia 27 de agosto do corrente ano. Dessa forma, foi abarcado o período das férias de julho, época em que o movimento da livraria cresceu bastante, sobretudo no meio da semana.

Inicialmente, as entrevistas foram realizadas com clientes de faixas etárias diversas, a fim de traçar um perfil mais abrangente de leitores. No total foram 74 entrevistados. Dividimos esse público em quatro faixas etárias diferentes: adolescentes de 13 a 17 anos, que cursam o ensino fundamental e médio; jovens de 18 a 22 anos, compostos por vestibulandos e estudantes universitários; jovens de 23 a 28 anos, que formam uma geração recém-saída da universidade e ingressante no mundo do trabalho; e, por fim, o público adulto que foi dividido em duas faixas etárias distintas: de 30 a 40 anos e acima de 40 anos.

O foco da pesquisa foi, sobretudo, a faixa etária composta por adolescentes que cursam o ensino fundamental e médio, para que, assim, possa ser analisado até que ponto a escola e o professor influenciam no gosto e formação da prática da leitura. Essa é uma das hipóteses a serem avaliadas. Por isso, a divisão das faixas etárias dos jovens adolescentes se pautou, sobretudo, pela fase escolar em que se encontra o leitor. O austríaco Richard Bamberger (1977) e o alemão Erich Schön (1995, *apud* Souza, 2003), com base em pesquisas aplicadas com leitores, classificaram o período, que nesse estudo dividimos de 13 a 17 anos, em duas diferentes fases, levando-se em conta os gêneros literários mais lidos e preferidos pelos jovens, atrelados a outras características, de âmbito sociológico e psicológico.

Bamberger (1977) divide o público leitor infantil e juvenil em cinco fases distintas e analisa as peculiaridades desse leitor. De acordo com esse estudioso, a faixa etária de 12 a 14 ou 15 anos é caracterizada por um leitor que, embora seja mais agressivo, tem consciência da própria personalidade, e anda em grupos formados. Além disso, há a exploração das sensações e da esfera sentimental. Ele prefere ler textos e/ou poemas mais longos, de cunho sensacionalista e sentimental, e não psicológico. É essa a idade da história de aventuras, do realismo aventuroso, dos “romances sensacionais, livros de viagens, histórias ordinárias e de um sentimentalismo barato” (BAMBERGER, 1977, p. 38).

Já o público juvenil de 14 a 17 anos é caracterizado, por Bamberger (1977), por uma maturação da personalidade, acrescida de incerteza, descoberta do mundo interior e egocentrismo crítico. Há o desenvolvimento de escala de valores e o planejamento do futuro. Os leitores dessa idade preferem ler também textos mais longos, histórias de aventura, mas de conteúdo mais intelectual, com temas da atualidade e de estrutura narrativa mais complexa, de cunho psicológico. Destacam-se ainda as histórias de amor, de espionagem, de ficção científica, as biografias e os romances históricos, de engajamento social. Uma linguagem mais esteticizada também é valorizada por esse jovem, que prefere ler poemas de maior concentração lírica e de teor filosófico.

Schön (1995, *apud* Souza, 2003), por sua vez, estudou a leitura de obras literárias por crianças e jovens alemães, pautando-se em relatos autobiográficos de leitores adultos, e encontrou em sua pesquisa três fases distintas: a entrada precoce (5 a 11 anos); a puberdade (12 a 15 anos) e a adolescência (16 e 17 anos). Centramo-nos nas duas últimas referidas por ele. Primeiramente, dos 12 aos 15 anos, em que as autobiografias dos jovens pesquisados pelo alemão apontam ser esta a idade mais intensa para a leitura, que é marcada por um caráter obsessivo, sendo a cama o lugar mais recomendado e o livro lido sofregamente. Essas experiências da leitura, portanto, se dão de forma agradável e essa fase favorece também,

segundo o estudioso alemão, a socialização literária, sendo reconhecida como relevante para o desenvolvimento geral do ser humano. Já na adolescência, dos 16 aos 17 anos, marcada pelas relações de amizade e os primeiros relacionamentos amorosos, destacam-se leituras que visam uma temática voltada para a violência, o submundo do crime e das drogas, além das histórias românticas, classificadas pela crítica como enredos mais fáceis de serem lidos.

Assim, com base nessas classificações do leitor juvenil por faixas etárias, definidas por Bamberger (1977) e Schön (1995, *apud* Souza), entre outros estudiosos, sustentaremos a análise dos dados deste estudo, com os resultados obtidos tanto entre os questionários aplicados com os jovens da livraria como os da biblioteca. Embora a fase dos 13 aos 17 anos tenha sido a mais relevante para análise, como foi mencionado acima, os demais grupos de leitores, divididos também por idade, têm muito a acrescentar nessa investigação.

Um estudo com o público recém-saído do ensino médio e ingressante no ensino superior, por exemplo, é de fundamental importância para que se possa comparar e até mesmo complementar esse perfil, dos jovens de 18 a 22 anos, com o dos adolescentes de 13 a 17 anos. Há estudiosos que defendem a exigência de obras literárias no concurso vestibular, pois acreditam que essa possa ser a última oportunidade de o jovem ter acesso à leitura literária brasileira. Por isso, uma análise e reflexão dos questionários realizados com os jovens de 18 a 22 anos podem também trazer dados relevantes. Já com o público adulto, o propósito foi investigar se a leitura literária ainda se faz presente entre leitores dessa faixa etária que há algum tempo concluiu o ensino médio, e se dividem esse gosto com os filhos, que muitas vezes os acompanham na livraria.

O objetivo foi demonstrar o papel da escola na formação leitora, sobretudo, do jovem que ainda cursa o ensino fundamental e médio. A escolha da livraria se deu em razão de esse ambiente se configurar como espaço de leitura, além de espaço comercial. A seguir será apresentada a reflexão sobre os dados constatados em cada faixa etária entrevistada.

2.1.1. Jovens de 13 a 17 anos

O movimento dos jovens na livraria é bastante acentuado, sobretudo nos finais de semana, quando eles, na maior parte das vezes, frequentam o ambiente acompanhados dos amigos. Alguns deles também vêm sozinhos, e passam horas lendo, apreciando os livros e vendo as novidades. Geralmente, no meio da semana frequentam mais os jovens que estudam em colégios particulares situados nas adjacências do *shopping*, como foi constatado pelos uniformes escolares. Entrevistamos muitos deles, que confirmaram ter o hábito de dar um

passeio pela livraria, ao menos duas vezes na semana, depois do término da aula, ora sozinhos ora acompanhados.

Como vemos, por essa observação constatada na livraria, os jovens dessa idade gostam de andar em grupos, valorizando as relações de amizade, tal como caracterizaram Bamberger (1977) e Schön (1995, *apud* Souza 2003) o leitor dessa fase. Também é bastante comum os jovens, ao passearem pelo ambiente da livraria, trocarem ideias e experiências de leitura sobre uma obra literária em voga, com os amigos. Em uma das visitas ao local, foi possível observar um grupo de adolescentes, de 13 a 15 anos, aproximadamente, sentados em volta de uma das mesas da livraria, discutindo a respeito de um dos livros da série *Harry Potter*, destacando os momentos do enredo que lhes pareceu mais interessante e os personagens que mais se identificaram.

Essa socialização e troca de experiências leitoras é, pois, bastante relevante, por poder propiciar aos jovens um maior interesse pela leitura de obras literárias, algo que pode ir além da vida acadêmica. Baudelot, Cartier e Detrez (1999, *apud* Souza 2003), por meio de pesquisas realizadas com leitores, também apontam que os jovens gostam de debater com os amigos os livros lidos e, muitas vezes, tais discussões se dão fora do ambiente da sala de aula. Além disso, percebe-se, segundo o constatado pelos estudiosos, haver várias formas diferentes de ler na idade juvenil. Assim, muitos jovens sabem separar as leituras lidas por prazer das realizadas por dever da escola. Essa relação entre leitura por escolha pessoal e por obrigação será retomada mais adiante, quando nos determos mais especificamente nesse tópico, que aparece em outras perguntas do questionário.

A localização estratégica da livraria ao lado das salas de cinema faz com que o movimento dessa loja de livros cresça ainda mais. Valendo-se dessa jogada de marketing, a grande maioria do público que sai do cinema não deixa de dar uma entrada rápida na livraria, para ao menos conferir as novidades. Isso pôde ser comprovado em uma das entrevistas. Uma jovem afirmou que um dos motivos que mais a levam a frequentar esse ambiente é justamente a proximidade ao cinema.

Passemos, então, à análise dos dados colhidos dos jovens de 13 a 17 anos. No total foram entrevistados 24 adolescentes, sendo 62,55% desse público composto pelo sexo feminino. Todos são estudantes do ensino fundamental ou médio. O fato de 91,74% de esses jovens serem provenientes de escola particular e 37,53% deles terem renda familiar acima de cinco salários mínimos já aponta para um perfil de classe média.⁸

⁸ O IBGE considera classe média quem tem renda de R\$ 1.126 a R\$ 4.854.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual frequentam a livraria, 79,23% dos entrevistados afirmaram que visitam esse espaço para apreciar os produtos, ver as novidades ou por curiosidade; 54,21% para comprar obras literárias e 37,53% gostam de ler, na própria livraria, as obras expostas nas estantes. Tais dados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

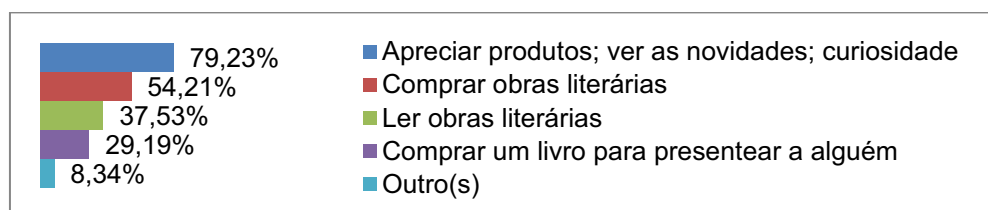


Gráfico 1: Motivo da frequência à livraria

Como mostra o gráfico, o número de adolescentes que frequentam a loja para apreciar os produtos e ver as novidades é significativamente alto. Um adolescente de 17 anos fez uma observação em um dos itens dessa questão. Quando citado o item “para apreciar os produtos”, imediatamente ele fez a correção, afirmando gostar de apreciar *livros* que, segundo sua concepção, não são produtos⁹. Esse jovem foi um dos poucos que se mostrou bastante prestativo e solícito durante a realização da entrevista, falando com entusiasmo sobre sua paixão pelo universo da leitura literária. Ele frequenta a livraria aos domingos, sozinho, passando horas apreciando os *livros*, como ele mesmo fez questão de frisar. Outra jovem, de 15 anos, afirmou que visita a livraria pelo menos duas vezes por semana, depois que sai da aula, para ver livros indicados pelos amigos. Além disso, passa um bom tempo contemplando o que há de novo, principalmente na seção de literatura infantil e juvenil. Outro adolescente frequenta a livraria para passar o tempo, como uma forma de entretenimento.

No que se refere à periodicidade, foi constatado que 29,19% dos jovens entrevistados frequentam a livraria duas vezes por mês e 25% a visitam pelo menos uma vez por semana, o que comprova ser esse um ambiente regularmente frequentado pelos estudantes adolescentes. O gráfico abaixo confirma esses dados:

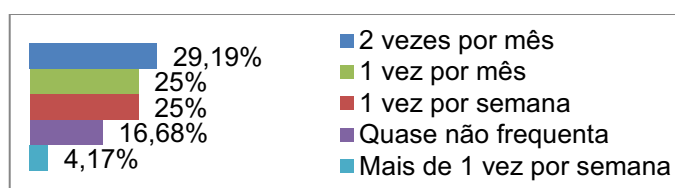


Gráfico 2: Periodicidade da frequência à livraria

⁹ O livro visto como mercadoria foi um assunto explanado na segunda parte do primeiro capítulo dessa dissertação.

É interessante observar que todos os jovens que alegaram quase não frequentar a livraria se justificaram afirmando não viver em Goiânia. Segundo eles, estavam a passeio na capital, usufruindo de suas férias. Nesses casos, lhes foi perguntado se eles teriam o hábito de visitar alguma livraria em sua cidade¹⁰. Todas as respostas foram afirmativas. Uma jovem de Uberlândia afirmou que, embora frequente livrarias, prefere ir mais à biblioteca da escola, na qual regularmente recorre a empréstimos de livros literários.

Essa liberdade que os clientes têm de poder apreciar, folhear e ler o livro é um forte chamariz aos jovens leitores: para 79,23% esse é o principal fator que os motiva a comprar uma obra nesta livraria. Em seguida, a variedade de livros, com 62,55%; e a oferta de outros produtos além de livros aparece em terceiro lugar, com 45,87%, seguida do ambiente agradável (41,7%). A comodidade do *shopping*, que acreditávamos ser um dos principais fatores, uma vez que muitos frequentam esse espaço comercial para ir a vários lugares distintos, desponta em quinto lugar, com 20,85%. O bom atendimento foi citado como outro fator. Tais dados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

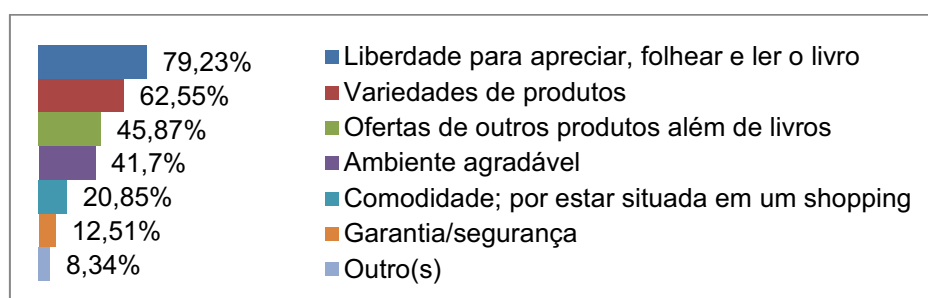


Gráfico 3: Fatores que mais motivam a compra de livros

Um dado também bastante revelador quanto à periodicidade da leitura: 50% dos adolescentes leem mais de um livro por mês e 37,53% leem pelo menos uma obra nesse mesmo intervalo de tempo. Temos, portanto, quase 90% de um público leitor contumaz¹¹. Esse, sem dúvida, é um dado bastante positivo, considerando que a grande maioria deles lê bastante e muitas vezes sem influência ou pressão acadêmica. Em alguns depoimentos, pôde-se perceber uma maior assiduidade de leitura, podendo uma obra ser lida por semana ou, se o livro for muito bom, lido em dois dias.

¹⁰ Sabe-se que nas pequenas cidades do interior o comércio livreiro é quase inexistente. Como revelou a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), a maior parte dos municípios brasileiros não possui livraria e a região Sudeste concentra mais da metade desse total, com 1.414 livrarias. Em contrapartida, na região Centro-Oeste há apenas 118 livrarias.

¹¹ Consideramos o leitor contumaz aquele que afirmou ler mais de uma obra por mês.

Um informante argumentou que no momento está lendo mais de um livro por mês por causa do vestibular, mas que, independentemente dessa exigência, tem o hábito de ler pelo menos um exemplar por mês, como escolha pessoal, confirmando, assim, o revelado por Baudelot, Cartier e Detrez (1999, *apud* Souza, 2003), no que se refere às leituras realizadas pelos jovens, que ora se dão por escolha pessoal, ora por exigência acadêmica, sendo de caráter oscilante, “seja pelas condições contextuais da escola, da família ou da origem social” (SOUZA, 2003, p. 82).

A distribuição das alternativas segue no gráfico a seguir:

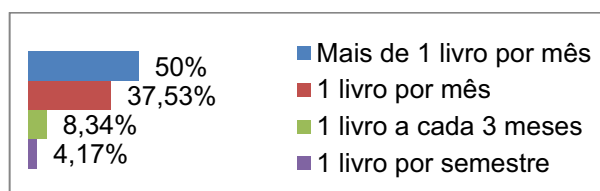


Gráfico 4: Periodicidade da leitura

Esses primeiros dados revelam, pois, que o jovem que tem visitado regularmente esse tipo de livraria quase sempre o faz em busca de novidades e, principalmente, por sentir-se atraído pelo universo dos livros ali oferecidos. Esse, possivelmente, já seria um indício de que esse adolescente frequenta esse espaço como alternativa ao que lhe é oferecido no colégio. Tal informação é corroborada pelas respostas apresentadas pelos entrevistados quando questionados sobre os fatores que mais o influenciam na escolha de um livro. A exposição de obra nas estantes das livrarias aparece em primeiro lugar, com 87,57%; o tema e a indicação de amigos ou de outras pessoas dividem o segundo posto, com 75%; o livro estar na lista de *best-sellers* surge na terceira posição, com 66,72% e, em quarto lugar, com 50%, despontam as críticas ou resenhas em jornais, revistas, internet etc. Somente 41,7% leem por indicação da escola e para apenas 37,53% o livro ser considerado uma obra literária clássica é um fator determinante na hora de escolher um exemplar para ser lido. Tais dados aparecem abaixo no gráfico:

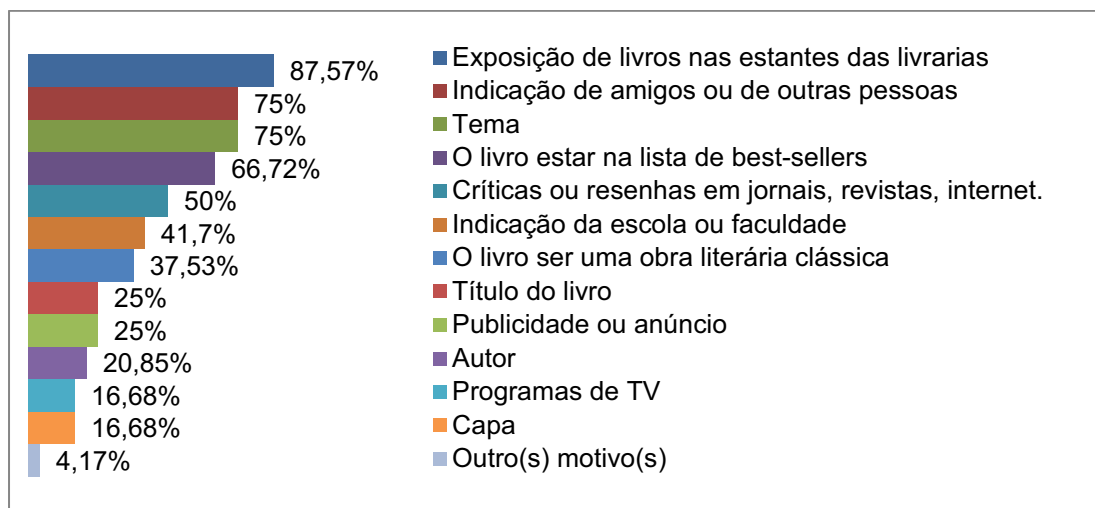


Gráfico 5: Fatores que mais influenciam na escolha de um livro

Analisando a disposição em que os livros aparecem expostos nas vitrines e estantes da livraria¹² não é difícil supor o porquê de os jovens, que estão em plena fase de formação leitora, se sentirem tão influenciados. Eles, possivelmente, acabam se rendendo ao fascínio exercido por uma infinidade de livros que é apresentada de forma diversificada e atrativa, sobre três grandes mesas expositoras, centradas próximas à entrada da livraria. Em uma dessas mostradoras estão expostos os livros mais vendidos, devidamente acompanhados de uma lista atualizada, publicada em uma revista nacional de grande prestígio, que divulga as vinte obras mais lidas no mês anterior. Nas outras duas mesas encontram-se *best-sellers* e os livros que são lançamentos. Mais no interior da livraria estão as poucas estantes nomeadas como “literatura brasileira”, que perdem espaço para a seção de literatura estrangeira e infantil e juvenil, localizadas em um lugar mais visível, onde as obras estão mais bem distribuídas e dispostas. Não por acaso, 58,38% dos entrevistados afirmaram que o gênero mais lido é a literatura infantil e juvenil, seguido dos romances clássicos (45,87%) que, por sua vez, se igualam com “outros gêneros” citados pelos jovens, sendo que um dos mais mencionados foram a literatura estrangeira e a leitura de *best-sellers*. Tais dados podem ser conferidos no gráfico a seguir:

¹² Segue, como Anexo C, a foto da Livraria *Megastore*, situada em um *shopping* de Goiânia. Esse foi o espaço em que foi realizada essa investigação.

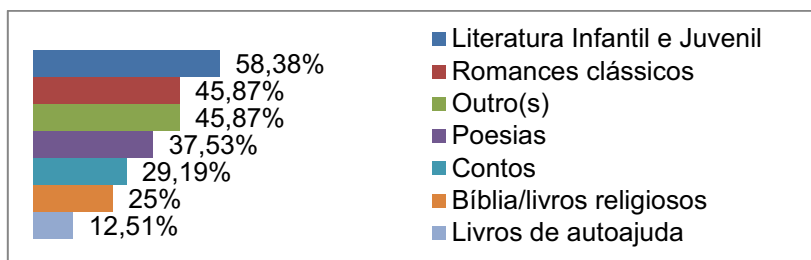


Gráfico 6: Gêneros mais lidos

Levando em conta que a grande maioria dos escritores de *best-sellers* são estrangeiros, e que esse é um dos gêneros mais lidos entre os jovens, não estranharíamos tanto o fato de 12,51% dos adolescentes entrevistados terem alegado não saber responder à pergunta “Quais escritores brasileiros mais admira e por quê?”, justamente porque eles não têm o hábito de ler literatura brasileira. Ainda assim, as demais respostas foram bastante animadoras. 45,87% admiram Machado de Assis, entre outros motivos, por sua linguagem, por se identificarem com o estilo do autor, e até mesmo por influência da escola. Já o segundo posto é dividido por outros clássicos e contemporâneos escritores nacionais: Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Luís Fernando Veríssimo. Por fim, em terceiro lugar foram citados os seguintes escritores: Olavo Bilac; Vinícius de Moraes; José J. Veiga; Graciliano Ramos; Clarice Lispector; Cora Coralina; Ariano Suassuna; Chico Buarque; Walcyr Carrasco¹³; Thalita Rebouças¹⁴ e Paulo Coelho¹⁵.

Vemos que mais de 90% dos adolescentes citaram escritores clássicos e contemporâneos de nossa literatura, o que já aponta para uma forte influência da escola. No entanto, analisando o que esse público ultimamente tem lido, se constata que, de fato, a literatura estrangeira, na forma de *best-sellers*, se mostra significativamente presente. Esses dados podem ser vistos no gráfico abaixo¹⁶:

¹³ Mais conhecido como autor de telenovelas e dramaturgo, Walcyr Carrasco também é escritor de romances infantis e juvenis, como *Vida de droga* e *O menino narigudo*. Esses livros são usados como paradidáticos em algumas escolas brasileiras.

¹⁴ Jornalista e escritora carioca que escreve livros direcionados ao público adolescente. Tem dez obras publicadas, entre as quais se destacam: *Traição entre amigas*, livro de estreia publicado em 2001, e *Fala sério, professor!*

¹⁵ Escritor brasileiro do gênero autoajuda mais vendido no mundo.

¹⁶ Os títulos dos livros informados nos gráficos não foram destacados por não ser esse um recurso disponível na execução dessa representação.

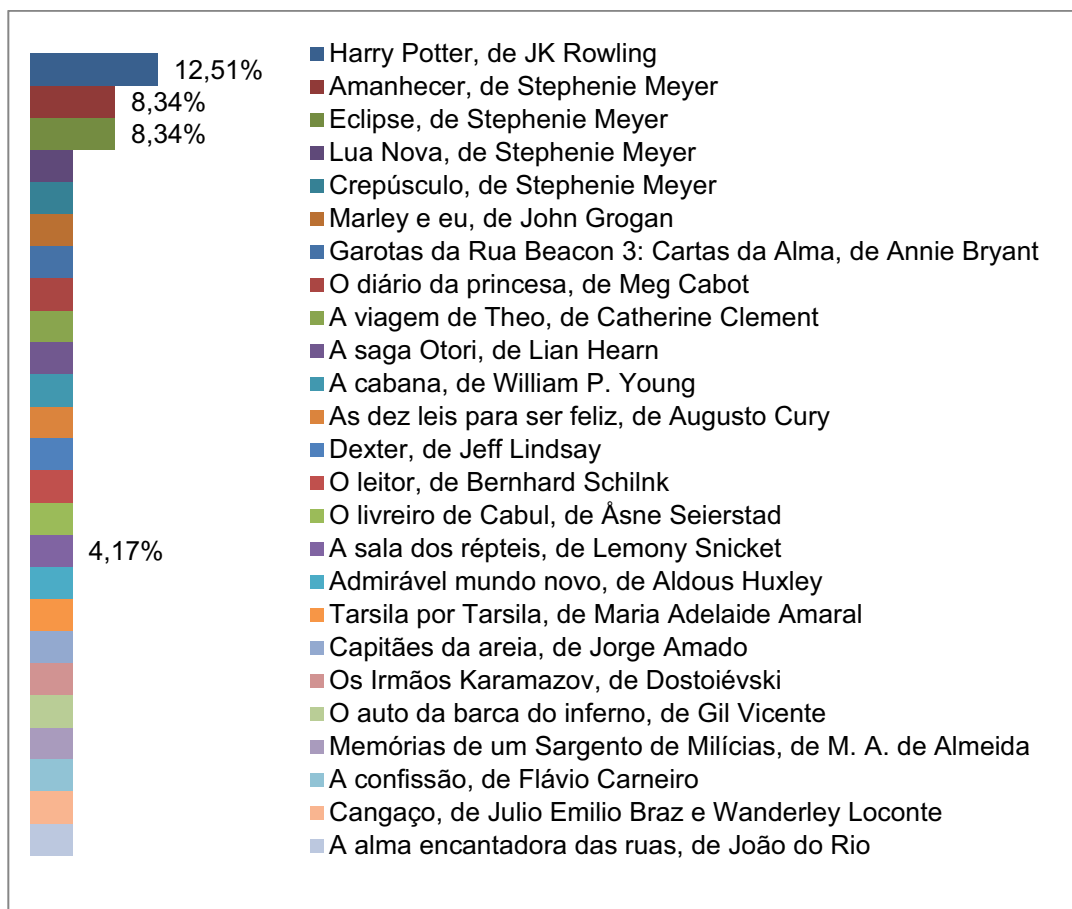


Gráfico 7: Títulos do(s) último(s) livro(s) lido(s), ou que estava(m) sendo lido(s) no momento da entrevista

Somando o percentual de leitura das quatro obras da série *Crepúsculo*, da escritora Stephenie Meyer, que foram citadas pelos adolescentes, teremos uma taxa de 25% do público jovem. Assim, *Harry Potter*, da escritora britânica JK Rowling, que aparece no topo da lista, perderia, de longe, sua posição de líder, com seus 12,5%.

Além desses cinco títulos, foram citados, entre as 25 obras mencionadas pelos adolescentes como lidas no atual momento, mais doze livros também considerados *best-sellers*. São eles: *Marley e eu*, de John Grogan; *Garotas da Rua Beacon 3: Cartas da Alma*, de Annie Bryant; *O diário da princesa*, de Meg Cabot; *A viagem de Theo*, de Catherine Clement; *A saga Otori*, de Lian Hearn; *A cabana*, de William P. Young; *As dez leis para ser feliz*, de Augusto Cury; *Dexter*, de Jeff Lindsay; *O leitor*, de Bernhard Schilnk; *O livreiro de Cabul*, de Åsne Seierstad; *A sala dos répteis*, de Lemony Snicket e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Tivemos, então, no total, um percentual de 68% de obras *best-sellers* lidas recentemente pelos adolescentes.

Somente cinco das 25 obras citadas (28%) foram livros literários indicados pela escola ou para o vestibular. *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, *A alma encantadora das*

ruas, de João do Rio e *Cangaço*, de Julio Emilio Braz e Wanderley Loconte foram lidos por exigência da escola; já *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *A confissão*, de Flávio Carneiro foram lidos para o vestibular. Apenas dois leitores estavam lendo um clássico por escolha pessoal: um lia *Capitães da Areia*, de Jorge Amado e o outro fazia a leitura de *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski. *Tarsila por Tarsila*, biografia escrita por Maria Adelaide Amaral, foi relida pela quarta vez por um jovem.

Os livros de Jorge Amado e de Dostoiévski, referidos por dois adolescentes como escolha de leitura pessoal, nos fazem retomar o conceito de clássico atribuído por Calvino (1997, p.12), que afirma que uma obra desse gênero pode se tornar inesquecível para o leitor, por estabelecer “uma relação pessoal com quem o lê”. Além disso, as escolhas de obras clássicas, segundo o autor, são feitas posteriormente, fora da escola. O testemunho desses dois jovens mostra que, embora eles ainda pertençam ao meio acadêmico, parecem ter uma relação pessoal com a obra lida, pois demonstraram guardar, dessa leitura, uma experiência que os marcou bastante.

A última pergunta do questionário, “O que a literatura acrescentou à sua vida?”, obteve respostas bastante diversificadas e observamos que a grande maioria delas foi, direta ou indiretamente, influenciada pelo discurso escolar. 33,36% dos entrevistados revelaram que aprenderam muito português, gramática e ortografia; a ler melhor, a escrever bem, a aprimorar a fala, além de ter ajudado bastante na escola. Para 25% trouxe muito conhecimento. O terceiro lugar foi dividido por quatro definições diferentes, cada uma com 12,5%: a literatura acrescentou, de maneira geral, cultura; aprendizagem; amadurecimento, diversão e lazer. Já a quarta posição foi repartida, com 8,34% para cada, em cinco acepções distintas: criatividade; identificação com a história e os personagens; visão diferente da vida; conquista de novas amizades e oportunidade de diálogo e reflexão sobre o cotidiano. Foram citados ainda outros fatores, como motivação, ideologia e fanatismo por livro. Para um dos informantes, a leitura literária acrescentou tudo, por isso, deve a ela toda a sua vida. Já outra entrevistada afirmou o contrário: que a literatura não lhe acrescentou nada.

Uma jovem de 13 anos, que cursa a 7ª série, comentou o trabalho que sua professora realiza com os alunos para que esses leiam constantemente obras literárias. Uma vez por bimestre ela passa quatro livros para os estudantes lerem. Além de terem de ler todos, pois depois farão uma prova sobre eles, o aluno escolhe um dos quatro para fazer um trabalho, passado pela professora em forma de questionário. Uma das perguntas que a estudante mais gosta de responder é semelhante a essa última do nosso questionário: o que achou do livro e o

que essa leitura acrescentou à sua vida. De acordo com o depoimento da informante, esse é um exercício bastante positivo, por trazer o leitor mais para a realidade, o ajuda a refletir.

As palavras dessa adolescente nos remetem a Benedito Nunes (1999), quando se refere à adesão do leitor ao texto. Segundo o autor, o texto literário leva o leitor à reflexão, de tal forma que este, ao compreender o texto, se compreende a si mesmo, identificando-se com a narrativa. Para contemplar essa particularidade da recepção do texto literário pelo leitor, que associa a experiência estética à vida particular, acrescentou-se ao questionário uma pergunta em que o jovem pudesse manifestar o que a literatura acrescentou à sua vida. Todas as respostas referentes a essa questão estão tabuladas no gráfico a seguir:

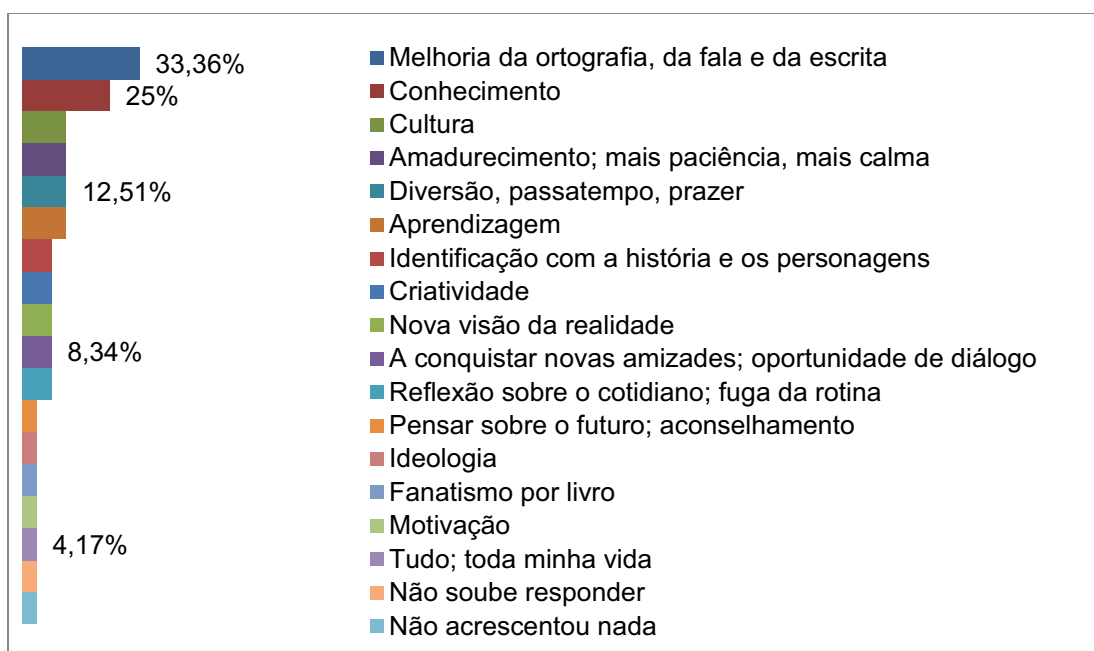


Gráfico 8: O que a literatura acrescentou à vida

Embora 33,36% tenham alegado, provavelmente valendo-se do discurso escolar, que a literatura ajudou na ortografia e a melhorar a leitura, a fala e a escrita, respostas mais animadoras e diversificadas também foram ditas, tais como: conhecimento, cultura, amadurecimento, diversão, aprendizagem, criatividade, identificação com a história e os personagens; reflexões sobre o cotidiano etc.

Para complementar essa questão, pedimos aos entrevistados que citassem como exemplo uma obra literária que os tivesse marcado. Novamente, a saga *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, está no topo da lista, com 16,68%. Só que dessa vez, dividindo o posto com outra obra igualmente mencionada como marcante: *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini.

Em terceiro lugar foi citada a série *Harry Potter*, com 8,34%. Com essa mesma porcentagem, aparecem os jovens que alegaram não ter ainda uma obra lida que o tivesse marcado, fator até certo ponto justificável, se tratando de adolescentes que ainda estão descobrindo o mundo da leitura.

Foram mencionados ainda mais oito livros estrangeiros, considerados como *best-sellers*: toda coleção *Desventura em série*, de Lemony Snicket; toda a coleção *O guia do mochileiro das galáxias*, de Douglas Adams; *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien; *Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis; *A viagem de Theo*, de Catherine Clement; *Anjos e demônios*, de Dan Brown; *A sombra do vento*, de Carlos Ruiz Zafón e os romances de Sidney Sheldon.

Somente três obras juvenis de escritores brasileiros foram mencionadas: *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos; *O imperador da urso maior*, de Carlos Eduardo Novaes e *Mohamed*, de Fernando Vaz. Dos clássicos apenas cinco foram citados como importantes para a sua vida: *Dom Casmurro* e *A mão e a luva*, de Machado de Assis; *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector; *Os miseráveis*, de Vitor Hugo e *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, como se pode visualizar no gráfico a seguir:

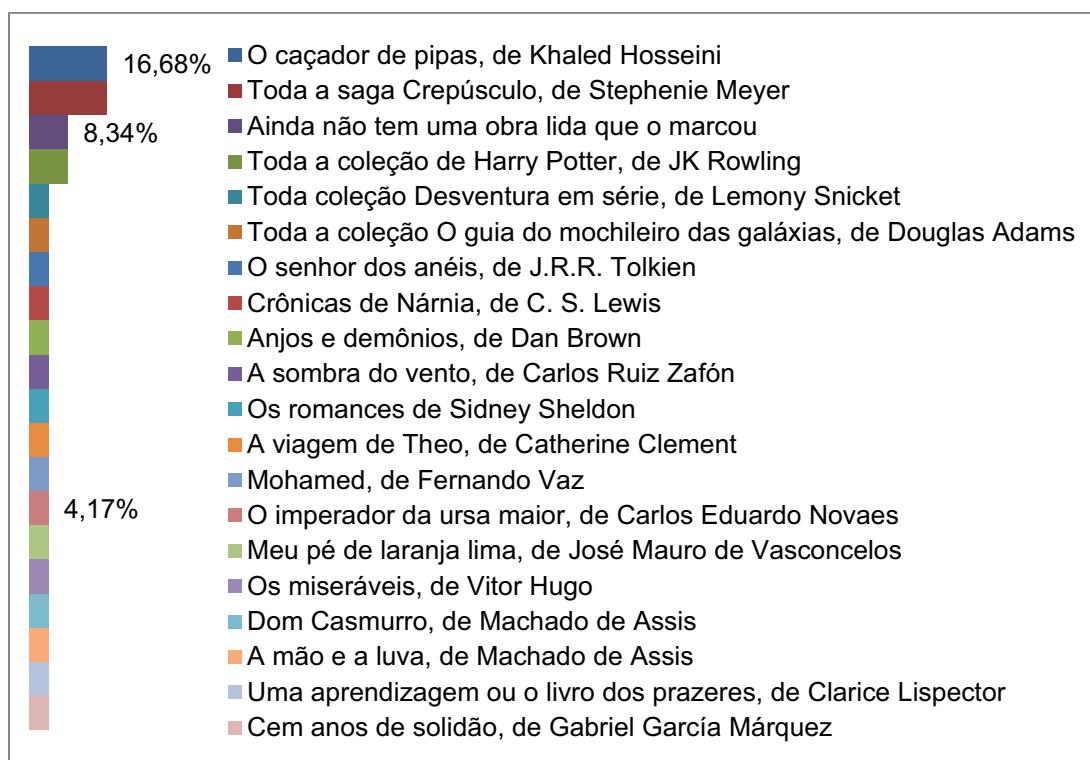


Gráfico 9: Obras literárias citadas como marcantes

Uma adolescente, de 14 anos, disse que odiava ler, e a partir do momento em que leu *O crepúsculo* passou a ter uma prática de leitura. Mas, segundo ela, a escola também teria contribuído para a formação desse gosto. Das muitas obras que leu, por indicação ou obrigação do meio acadêmico, gostou bastante. Esse dado é relevante, pois mostra que a jovem leitora primeiro foi incentivada, na prática da leitura literária, por uma obra lida fora do meio acadêmico. Antes dessa leitura, de fundamental importância para ela, a escola e/ou o professor, ao exigir ou indicar livros lidos, podem tê-la desmotivado a ler. O conceito só mudou depois da realização de uma leitura feita por escolha pessoal, de uma obra alheia ao ambiente acadêmico, que a fez despertar para outras leituras. Mas seria somente esse o motivo que a teria despertado? Cabe questionar se uma mudança de professor ou de escola também não poderia ter contribuído para esse interesse em ler obras literárias ou mesmo a indicação de leituras por outra pessoa, da família, ou de amigos.

Esse é um dado que se diferencia do revelado pela pesquisa feita por Schön (1995, *apud* Souza, 2003), que constatou que as referências da escola são negativas para o jovem leitor quando esse cursa o ensino secundário, diferentemente com o que ocorre no estudo primário, em que as leituras da infância mostram-se mais agradáveis. Embora a leitora, no passado, não gostasse de ler, o que leva a deduzir que ela não foi influenciada desde pequena a ler, seja pela escola ou pela família, posteriormente passou a mesclar os dois tipos de leituras – por obrigação e por prazer –, sendo essas experiências leitoras positivas, por cultivar uma forte identificação com a obra. Quando questionada se um título que está na lista de *best-seller* a influencia na escolha de um livro, ela respondeu que não gosta muito do que é “modinha”. As únicas exceções teriam sido as duas obras de Stephenie Meyer, que ela citou como marcantes em sua vida. Mas, ainda assim, ela leu ambas depois de algum tempo de terem sido lançadas e feito sucesso em todo o mundo, o que pode comprovar o poder de influência da publicidade.

O espaço físico e a distribuição estratégica nas estantes e vitrines da livraria, que destacam mais os *best-sellers* e os mais vendidos, por vezes, acabam por entusiasmar o leitor que visita esse local em busca de uma novidade. Da mesma forma, a indicação de amigos ou de outras pessoas acaba sendo também um forte atrativo, pois se o leitor lê algo e gosta muito, uma de suas atitudes é recomendar essa obra a um ente querido e até mesmo emprestá-la, se tiver ao seu alcance. Essa sugestão do amigo acaba sendo um fator determinante, principalmente, para o adolescente que, como vimos, gosta de andar em grupos e trocar ideias sobre o livro lido com os colegas, sobretudo fora do ambiente escolar. Além disso, ler o que

está na moda, assim como vestir-se com o que está em voga, também é uma característica dos jovens, para que se integrem ainda mais aos grupos e rodas de amigos.

Não por acaso, 37,53% dos jovens entrevistados revelaram que as pessoas que mais os motivaram no gosto e prática da leitura foram os amigos, perdendo o posto somente para a mãe ou responsável mulher, que aparece em primeiro lugar com 41,7%. A terceira colocação é ocupada pelo pai ou responsável homem, com 29,19%. Os outros parentes aparecem na quarta posição, com 25%, o que comprova que a maior influência vem de casa ou da família. Outro dado curioso é que 25% desse público revelou não ter ninguém em específico que o tenha motivado a ler, o que soa estranho, uma vez que não há como não se sentir influenciado por alguém na formação dessa prática leitora. O que se pode supor é que se trata de esquecimento ou negação. Ao menos o professor ou professora deveria ter sido mencionado, porém, muitos negaram essa influência e teve até quem dissesse que esses os desmotivaram a ler. Mesmo assim, 20,85% se lembraram de seus mestres. O gráfico abaixo apresenta esses dados:

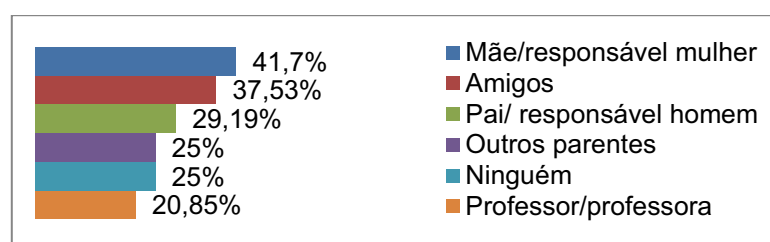


Gráfico 10: Quem mais influenciou

Esses últimos dados demonstram que o papel da escola ou do professor na indicação de obras e formação da prática da leitura foi, relativamente, pequena, se comparada a outros tipos de motivações exteriores ao meio acadêmico. Nesse ponto, os resultados apontados por Schön (1995, *apud* Souza, 2003) em sua pesquisa se assemelham bastante ao revelado nesse estudo: as referências da leitura literária advindas do meio acadêmico são negativas para o estudante adolescente, que se identifica mais com as leituras realizadas por prazer, sem compromisso, tais como as feitas na infância. Por isso, a influência da mãe, e da família, de uma maneira geral, é tão importante para a criança.

Como afirma Schön (1995 *apud* Souza, 2003, p. 80): “a leitura se aprende e se transmite como uma tradição familiar que, sendo função da classe social e do nível de instrução, é por consequência mais praticada pelas categorias sociais privilegiadas”. Assim, a origem social estaria, de certa forma, também atuando de maneira relevante na formação de uma prática leitora, uma vez que o incentivo por parte da família quase sempre advém das

camadas sociais mais abastadas. E é essa influência familiar que se torna determinante ao leitor, fazendo que o jovem continue a ler mesmo depois de concluir os estudos.

Ainda que a família seja uma importante motivadora da prática leitora, a escola não deixa de exercer também certa influência, embora muitas vezes essa acabe sendo, em alguns momentos, mais negativa do que positiva. Segundo foi constatado nesse estudo, metade do público adolescente entrevistado lê por exigência da escola, mesmo não gostando muito dessa obrigatoriedade. Esse é um dado um tanto quanto polêmico. Houve adolescente que defendeu a exigência de determinadas leituras, pois elas, ainda que obrigatórias, foram interessantes e estimuladoras. Já outros, manifestaram-se contra, por crerem que tudo o que é imposto torna-se desestimulante e chato.

Esse duplo e contraditório resultado mostra, assim como foi apontado por Baudelot, Cartier e Detrez (1999 *apud* Souza, 2003, p. 82), que a relação do jovem leitor com o texto, como já foi mencionado aqui, oscila bastante. Mas pelo menos em um ponto esses jovens foram unânimes: todos os adolescentes entrevistados alegaram ler por prazer, gosto, ou necessidade espontânea, o que, sem dúvida, já é um dado bastante positivo. O segundo motivo determinante para a leitura de um livro aparece como atualização cultural ou conhecimentos gerais, com 66,72%. Tais dados podem ser verificados no gráfico a seguir:

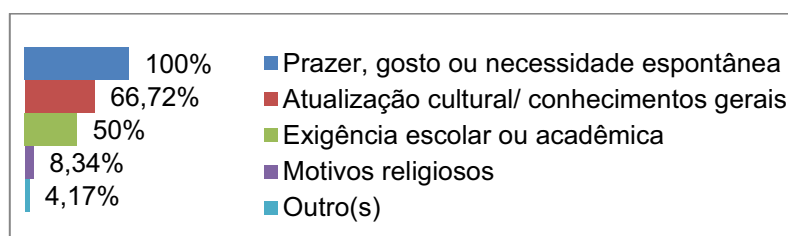


Gráfico 11: Motivações dos leitores

Ainda que essa influência da escola ou do professor tenha parecido pequena na maioria das respostas dos entrevistados, não podemos negar a importância do meio educacional na formação do gosto e prática da leitura. Apesar de a maioria dos adolescentes lerem mais os *best-sellers* e literaturas estrangeiras, percebemos que eles ainda leem literatura brasileira, embora na maioria das vezes leiam por indicação ou exigência da escola. Além disso, quando questionados sobre quais escritores brasileiros mais admiram, a maior parte citou os grandes autores clássicos e contemporâneos de nossa literatura e, em suas justificativas, observou-se que o que mais os fascina são o estilo e a linguagem do autor, a forma e a sensibilidade com que se expressam em suas obras. Conforme vimos com

Bamberger (1977), os adolescentes de 16 a 17 anos gostam de apreciar, além da temática, o estilo, a linguagem e a estrutura da obra. Talvez por isso, os jovens aqui entrevistados tenham mencionado essas justificativas no que se refere à escolha do escritor brasileiro. No entanto, é importante considerar que esse discurso quanto à linguagem e estilo do autor pode ser também, em alguns casos, influência do meio acadêmico.

Todos esses dados são relevantes para que possamos, posteriormente, elaborar uma reflexão sobre a relação da literatura na escola e a formação leitora do jovem aluno. Por isso, até o momento, o que podemos alegar, conforme os dados revelados na pesquisa realizada na livraria entre os jovens estudantes de 13 a 17 anos, é que a escola ainda é um fundamental meio de divulgação e formação literária para os estudantes adolescentes, embora atualmente divida o posto com os mais diversos aparatos midiáticos.

A internet, que atualmente conta com um amplo acervo de livros que podem ser “baixados” gratuitamente, é, ao mesmo tempo, um aliado e um concorrente aos meios de comunicação social. Da mesma forma, o cinema atrai a atenção do jovem com a adaptação de obras, e as famosas listas de *best-sellers*, lançamentos e mais vendidos, que fascinam o leitor que passeia pela livraria em busca de novidades. Além da mídia e das próprias estratégias de marketing da livraria, há ainda a influência vinda de casa, por intermédio dos pais ou outros parentes, destacando-se mais o papel da mãe como principal motivadora. Ademais, não podemos ignorar o significativo número de amigos que atuam na indicação de leituras.

Com todos esses dados em mãos, percebemos que atualmente a escola perde o posto, dominado por décadas, de principal motivadora da prática de leitura literária entre os jovens, o que, de forma alguma, diminui sua relevância e permanência nos currículos escolares. Provavelmente haja a necessidade de uma ampla modificação na forma como essa prática leitora vem sendo abordada no colégio. Esse tópico será desenvolvido no próximo capítulo. A seguir, continuaremos com a reflexão sobre os dados colhidos dos questionários realizados entre os jovens de 18 a 22 anos, complementando-se, assim, esses resultados coletados entre o público adolescente.

2.1.2 Jovens de 18 a 22 anos

O propósito ao analisar o perfil dos jovens de 18 a 22 anos, é o de verificar o que essa geração recém-saída do ensino médio e ingressante no ensino superior está lendo. No total foram 23 entrevistados, sendo que a maioria desse público (60,9%) é formada pelo sexo masculino. Esse é um dado curioso se comparado com o dos adolescentes, cuja maioria era do

sexo feminino. Além disso, vários desses rapazes com que dialogamos, como veremos nos depoimentos a seguir, mostraram-se bastante entusiasmados e motivados com a leitura.¹⁷

Quanto à renda familiar, 69,6% revelaram ter mais de cinco salários mínimos e 30,45% afirmaram receber de dois a cinco salários. No que se refere à escolaridade, foi constatado que 78,3% estão cursando ou já concluíram o Ensino Superior e 21,75% possuem apenas o ensino médio. Esses primeiros dados mostram que grande parte desse público jovem que frequenta a livraria é de classe média. Talvez por isso a maioria tenha dado prosseguimento imediato aos estudos, saindo do ensino médio e ingressando, em seguida, na universidade. A maior parte deles (78,3%) é proveniente de escola particular e 47,85% estão estudando em uma faculdade privada.

Quando questionados sobre os motivos pelos quais frequentam a livraria, 78,3% dos entrevistados responderam que buscam esse ambiente mais para apreciar os produtos, para ver as novidades ou por curiosidade; 43,50% visitam esse espaço para comprar obras literárias e, na terceira posição, 26,1% frequentam para ler na própria livraria. Esses resultados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

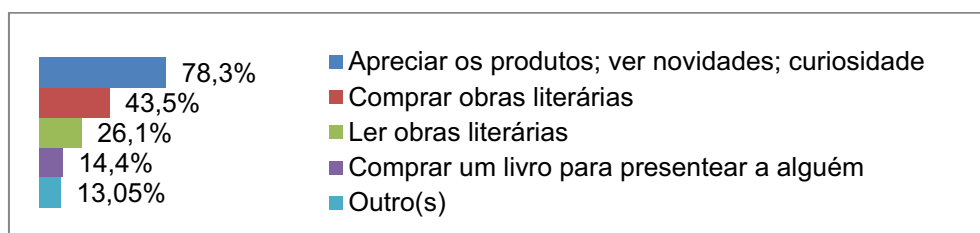


Gráfico 12: Motivo da frequência à livraria

Alguns jovens complementaram essas respostas com “outros motivos”. Um estudante universitário, de 18 anos, visita esse espaço mais para passar o tempo; uma jovem de 22 anos, que concluiu recentemente a faculdade, citou como principal motivo sua adoração por leitura. E outro rapaz da mesma idade, que também finalizou há pouco tempo o curso superior, gosta de ir à loja para se atualizar sobre livros e música. Tais dados mostram que esse resultado está em consonância com as respostas apresentadas pelos adolescentes de 13 a 17 anos, o que comprova que esses dois públicos juvenis têm frequentado esse espaço em busca de novidades.

¹⁷ De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), as mulheres leem mais que os homens. Do total dos leitores, 55% são do sexo feminino, público maior em quase todos os gêneros da literatura. Os homens, por sua vez, leem mais apenas sobre história, política e ciências sociais.

Igualmente foi constatado, conforme se pode observar na disposição das alternativas do gráfico abaixo, que os jovens de 18 a 22 anos também visitam regularmente a livraria. 47,85% deles frequentam pelo menos uma vez por semana a loja e 26,1% a visitam duas vezes por mês:

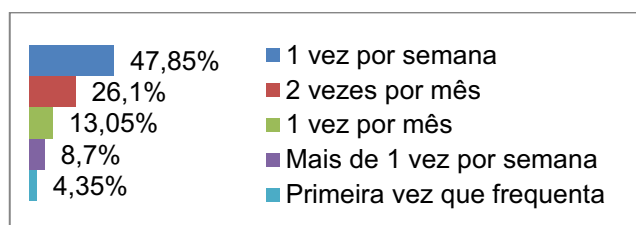


Gráfico 13: Periodicidade da frequência à livraria

É relevante considerar que, ainda que essa periodicidade dos jovens entrevistados seja alta, há quem nunca tenha ido à livraria em questão. Um jovem informante de 20 anos, apesar de morar em Goiânia, nunca havia frequentado esse espaço, sendo essa, portanto, a primeira vez.

Como principal fator de motivação na hora de escolher a loja para comprar um exemplar se destaca, mais uma vez, a liberdade para apreciar, folhear e ler o livro, com 82,65%, como se pode observar no percentual das respostas do seguinte gráfico. No entanto, a comodidade por estar situada em um *shopping* aparece como a segunda opção mais votada (69,6%), diferentemente do que foi citado pelos adolescentes, que preferiram a variedade de produtos, item que agora divide o terceiro lugar (60,9%), com a alternativa “ambiente agradável”:

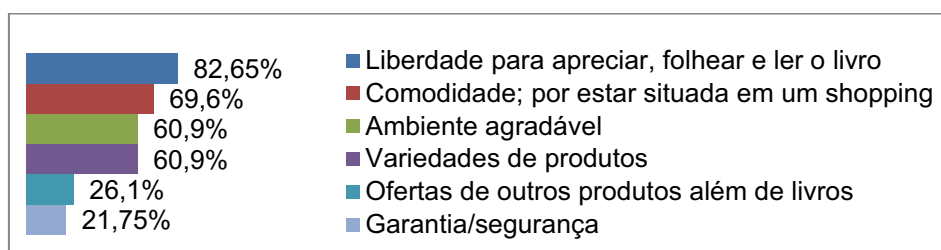


Gráfico 14: Fatores que mais motivam a compra de livros

Tais dados demonstram que os jovens de 18 a 22 anos se aproveitam dessa maior acessibilidade e conforto oferecido pelo *shopping* para poder visitar mais regularmente a livraria. Um adolescente de 18 anos citou a proximidade de sua casa também como fator

determinante para visitá-la constantemente, o que não deixa de estar relacionado à comodidade. Além disso, esse público jovem visita mais esse ambiente em busca de livros e não de outros produtos, como disseram vários adolescentes.

Outro dado bastante positivo é que esses estudantes recém-saídos do ensino médio, tais quais os adolescentes, continuam lendo regularmente um livro. 47,85% leem pelo menos uma obra por mês e 39,15% leem mais de um exemplar nesse mesmo intervalo de tempo. Somando-se esses números teremos, assim, 87% de leitores contumazes, número bastante similar ao dos adolescentes entrevistados.

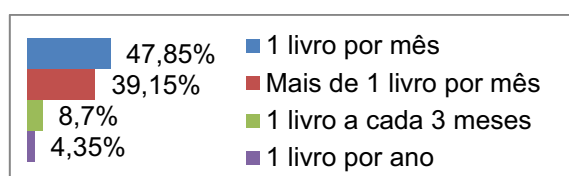


Gráfico 15: Periodicidade da leitura

Um informante de 18 anos lê duas obras por semana; outro de 19 lê três por mês. Uma jovem, também de 19 anos, lê um livro por mês, porém, fez questão de frisar que tem um leve defeito: não costuma ler um romance até o fim. Faz isso, às vezes, por falta de tempo, outras vezes por não ter achado o livro tão interessante. Ressaltou ainda que lê conforme seu estado de espírito. Quando está triste lê autoajuda, se está feliz lê algo mais cômico etc. Por seu depoimento deu para perceber que a entrevistada realiza uma leitura mais descompromissada, sem ser por obrigação ou exigência acadêmica. Daí o fato de muitas vezes não concluir suas leituras. Um estudante de 22 anos, que cursa o quarto ano de medicina, embora goste muito, só lê livro literário uma vez ao ano.

Já os gêneros lidos por ambos os públicos jovens parecem diferenciar-se um pouco. Dos 25 livros citados como lidos no momento da pesquisa, somente 13 podem ser considerados *best-sellers*, o que corresponde a um percentual de 52%, número bem abaixo dos *best-sellers* lidos pelos adolescentes (68%). Por outro lado, dois gêneros novos foram citados por essa faixa etária: livros de autoajuda (24%) e romances espíritas (8%). Somando-se esses três gêneros temos um percentual de 84%.

Somente quatro obras citadas são de escritores brasileiros, sendo três dessas clássicas: *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo; *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O outro livro mencionado é *O senhor da chuva*, do autor

André Vianco¹⁸. Os títulos de todos os livros lidos no momento da entrevista podem ser visualizados no gráfico abaixo:

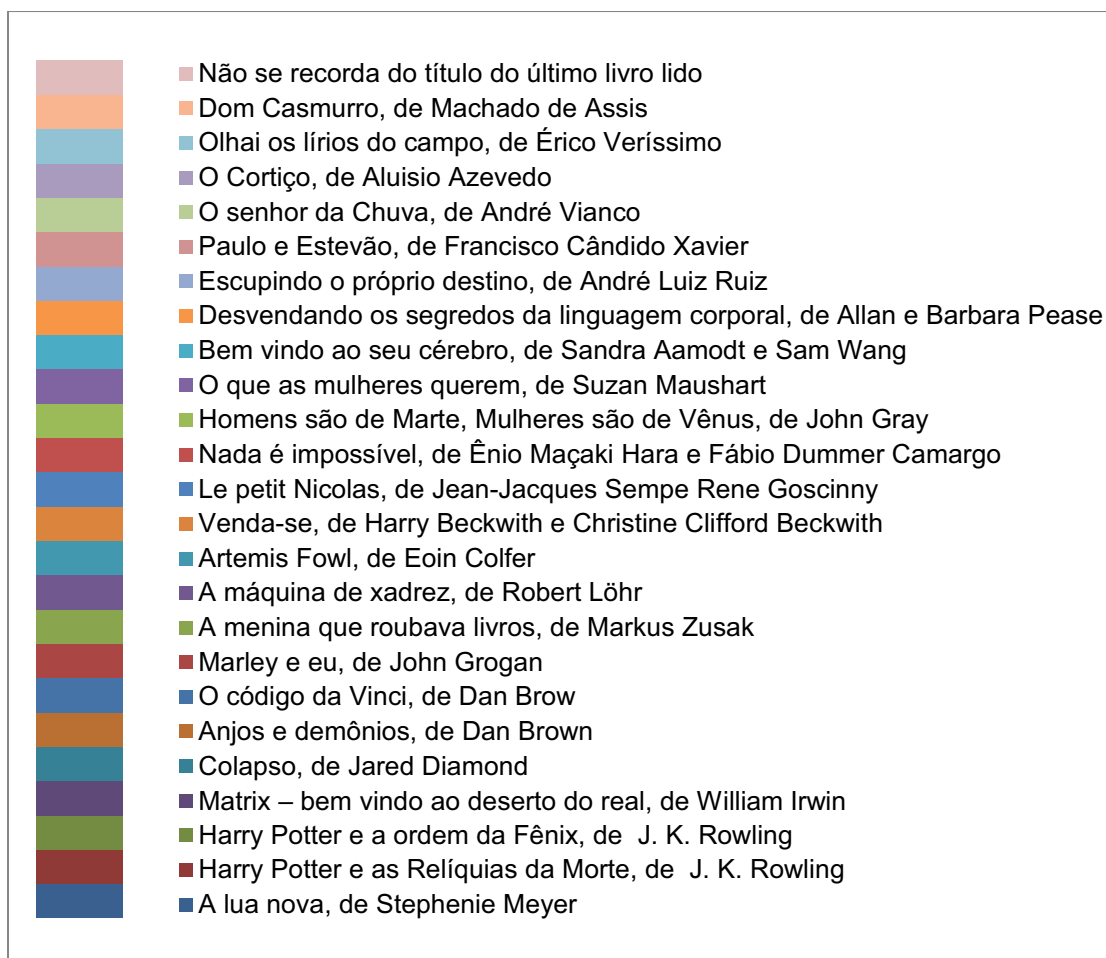


Gráfico 16: Títulos do(s) último(s) livro(s) lido(s), ou que estava(m) sendo lido(s) no momento da entrevista

Como se pode observar, grande parte dos jovens de 18 a 22 anos, assim como os adolescentes, tem o hábito de ler romances estrangeiros e/ou *best-sellers*, destacando-se ainda a leitura de grande sucesso entre o público juvenil: dois livros da série *Harry Potter* e um da saga *Crepúsculo*. No entanto, um novo gênero, antes pouco lido ou mencionado pelos adolescentes, começa a despontar nessa faixa etária: a autoajuda, que, como veremos, se tornará mais presente com o avanço da idade. Os clássicos de nossa literatura mais uma vez foram pouco mencionados.

Alguns desses dados se complementam com as respostas dadas à seguinte pergunta: “Quais são os gêneros mais lidos?”. Mais da metade dos entrevistados (52%) citou outros

¹⁸ Escritor paulista que vem conquistando jovens leitores por todo o Brasil. Suas obras abordam o sobrenatural, misturando terror, suspense, fantasia e romance, em histórias que geralmente envolvem o tema “vampiros”. Seus livros mais conhecidos são: *O senhor da chuva* (primeiro romance, publicado em 1998) e *Os Sete*, publicado em 2000, que já vendeu mais de 50.000 exemplares.

gêneros que não estavam no questionário, dos quais se destacam livros literários e não-literários. Em segundo lugar, curiosamente, com 47,85%, estão os romances clássicos, como vimos, pouco mencionados pelos leitores como obras lidas no momento da pesquisa. Na terceira posição aparece a Literatura infantil e/ou juvenil, com 39,15%; seguida dos contos (34,8%) e poesias (26,1%).

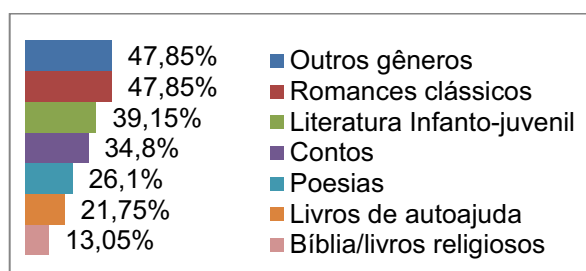


Gráfico 17: Gêneros mais lidos

Embora o percentual de leitura de gêneros clássicos tenha sido relativamente alto, vimos poucos títulos desses gêneros serem citados como livros lidos, já que somente 12% afirmaram estar lendo uma obra clássica. No entanto, iremos ver a forte presença desses gêneros nas duas últimas perguntas do questionário. Possivelmente, essa menor referência aos clássicos se deva ao fato de muitos adolescentes não saberem ao certo o que é uma obra clássica. Durante a entrevista foi possível perceber que, em alguns casos, jovens não tinham uma noção clara do que seria esse gênero, relacionando-o, por vezes, com todo o tipo de leituras estudadas no colégio, lidas por obrigação.

Isso nos remete ao mito, presente no discurso de muitos estudantes, de que ler um clássico é difícil. Como vimos, Cruvinel (2002) desmitifica esse argumento, cristalizado entre muitos leitores, mostrando a importância do trabalho do professor no momento da aula de leitura para que a recepção de tais obras se dê de forma mais fácil, tornando-se convidativa. Mas, infelizmente, para muitos, o clássico está associado diretamente ao meio escolar e, pode ser, provavelmente, essa a razão de muitos jovens terem uma imagem negativa desse gênero.

Quando indagamos aos entrevistados quais escritores brasileiros mais admiram, mais uma vez Machado de Assis foi significativamente lembrado, com 47,85%. Foram diversas as justificativas mencionadas para essa escolha: por ele ser um escritor clássico; por seu estilo; pela ambiguidade de sua escrita; por levar o leitor a se questionar; por contar a história e ao mesmo tempo analisar a sociedade; pela forma como transmitia para a escrita o modo de vida que levava; por ele ter a arte de escrever e prender o leitor; por causa de seu leve sarcasmo; por sua visão, seu ponto de vista, a forma como criticava a sociedade da época (ele mesmo

sofreu preconceito); pela obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o narrador conta a história depois de morto; e, por fim, houve quem afirmasse gostar de Machado por influência de professores.

Outra escritora bastante aclamada por esse público foi Clarice Lispector, que aparece na segunda posição com 34,8%, por seu estilo de escrever, sua linguagem, sua densidade e profundidade na escrita; por ela ser “complexamente simples”, por escrever com sensibilidade; por se identificar com ela, com seu abismo; por sua capacidade de refletir os seus sentimentos nos seus contos. Em terceiro lugar está Luís Fernando Veríssimo, com 13,05%, também por seu estilo e por sua linguagem. E o quarto posto é dividido, com 8,7% para cada, entre quatro escritores distintos: Érico Veríssimo, por escrever bem, por causa da linguagem fácil; Carlos Drummond de Andrade, pela qualidade da escrita, por oferecer várias possibilidades de leitura, pela inteligência com que escreve; Bernardo Élis, por seus contos serem bem regionalistas, de Goiás; e Lygia Fagundes Telles, pela qualidade da escrita, por oferecer várias possibilidades de leitura, pela inteligência com que escreve e por ela brincar com a prosa poética intimista.

Em seguida, foram mencionados diversos autores: Lya Luft e Marina Colasanti, pelos mesmos motivos citados para Lygia e Clarice; Mário de Andrade e José de Alencar, justamente por serem escritores brasileiros; Fernando Sabino, citado como autor de literatura juvenil; Manuel Bandeira; Vinicius de Moraes; Monteiro Lobato, em razão de até hoje suas obras serem lidas e permanecerem atuais; Bernardo Guimarães, por gostar muito de *Escrava Isaura*; Joaquim Manuel Macedo, por causa de *A Moreninha*; Pedro Bandeira¹⁹, por gostar muito de seus romances; Marcelo Rubens Paiva, por seus livros serem bons e prenderem a atenção; André Vianco, por gostar do jeito que ele escreve e também por ele ser uma vertente mais contemporânea; e Caio Fábio (religioso), por falar de uma maneira “legal”. Somente 4,35% não responderam ou por não terem preferência por um autor em específico ou por não lerem literatura brasileira ou simplesmente não souberam responder.

Nesse grupo pesquisado, Paulo Coelho não foi citado como escritor brasileiro mais admirado. Porém, um jovem de 18 anos fez questão de ressaltar que não gosta desse autor e lançou argumentos contra sua escrita e a favor da de Machado. Enquanto este último o seduziria pela ambiguidade de sua escrita, levando-o todo o momento a se questionar, Paulo Coelho faria o percurso contrário, não proporcionando experiência estética a quem lê.

¹⁹ Escritor de literatura infantil e juvenil mais vendido no Brasil (21 milhões de exemplares até julho de 2009, segundo a Revista *VEJA.com*). É autor consagrado junto ao público jovem e têm publicadas 80 obras, entre as quais se destacam *A droga da obediência*, *A marca de uma lágrima*, *A hora da verdade* e *Prova de fogo*.

Segundo o jovem, esse escritor contemporâneo, conhecido como “mago”, “doutrina falsamente”, ou seja, disfarça, finge trazer alguma filosofia, um sentido de vida, mas, na verdade, não acrescenta nada.

Em contrapartida, houve dois jovens que afirmaram “odiar” Machado de Assis, justamente por sua linguagem difícil. É interessante observar que esses entrevistados que fizeram tal apreciação são os leitores de *best-sellers*, literaturas de fácil digestão, lidas por modismo, e que, usando as palavras do jovem acima entrevistado que condenou Paulo Coelho, nada acrescentam de significativo a quem lê. Por isso, o trabalho na escola, sob o intermédio do professor, é tão importante, para que mitos como esse – de que ler Machado é difícil – se desfaçam, tal como propõe Cruvinel (2002). Se a linguagem é considerada complexa, tornando a leitura, por vezes, desestimulante, falta o apoio do mestre, como um leitor mais experiente, para facilitar o processo de leitura entre os alunos.

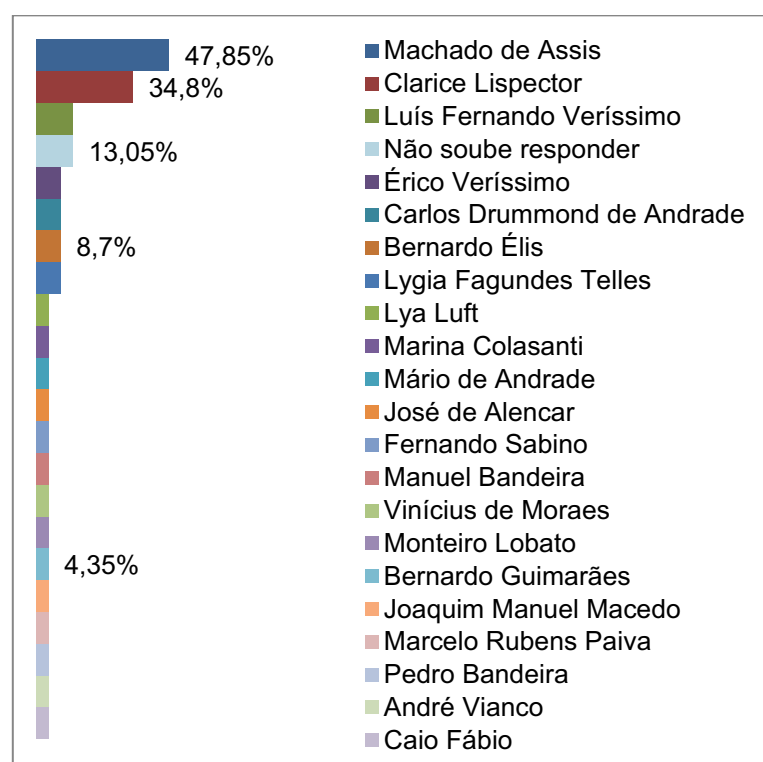


Gráfico 18: Escritores brasileiros mais admirados

Por esses dados percebemos uma influência positiva da escola na formação do gosto e da prática da leitura, visto que mais de 90% dos entrevistados citaram vários escritores brasileiros clássicos e contemporâneos, sendo dois deles bastante aludidos: Machado de Assis e Clarice Lispector. Se antes o maior escritor brasileiro de todos os tempos foi depreciado por dois jovens, aqui ele aparece com forte destaque e com justificas bastante favoráveis a sua

escrita, mostrando que o meio escolar pode influenciar o estudante tanto de forma afirmativa como negativa.

Da mesma forma, observamos a presença do discurso escolar nas respostas da última questão: “O que a literatura acrescentou à sua vida”. Para 30,45% dos informantes, a leitura literária teria ampliado nível do vocabulário e para 21,75% teria melhorado a argumentação, a maneira de redigir um texto, a organizar melhor as ideias; a saber quais palavras utilizar e a falar melhor com os outros.

Para 34,8%, a literatura trouxe conhecimento; já para 30,45%, a leitura literária proporcionou diversão, prazer e boas horas de lazer e entretenimento; para 26,1% a literatura oferece uma visão ampla de mundo, leva a conhecer outras realidades, transporta para outros lugares, desperta sentimentos e sensações, prendendo o leitor. Para 17,4% o gênero literário proporciona cultura; para 13,05% a leitura leva à reflexão, tornando o leitor mais crítico para ver as coisas e opinar sobre certos assuntos. Para 8,7% aguça a imaginação e para outros 8,7% a leitura literária os levou a conhecer a fundo pessoas e ideias diferentes. Por fim, com 4,35% para cada, os entrevistados disseram que a literatura lhes acrescentou tudo; mais vontade de ler; valores; preencheu um vazio; e proporcionou maior centralidade psicológica em momentos difíceis.

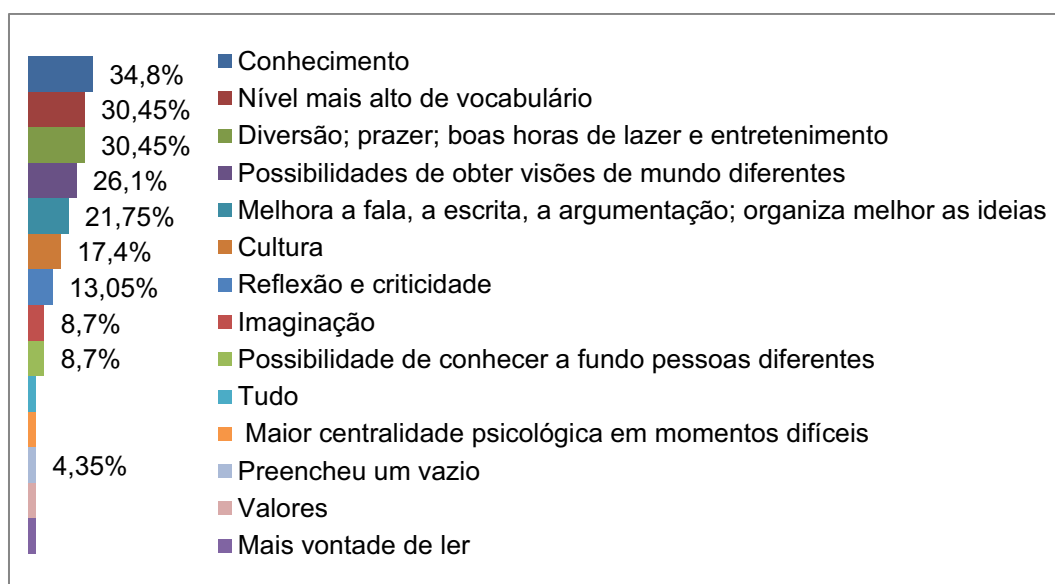


Gráfico 19: O que a literatura acrescentou à vida

Como se pode ver por esses depoimentos, a literatura para esses jovens parece ter sido muito mais significativa do que para os adolescentes, que estão descobrindo o mundo da leitura. Conforme classificou Bamberger (1977) e Schön (1995 *apud* Souza, 2003), as leituras

da adolescência ainda se centram mais na temática do que na estrutura da obra em si. Já os jovens de 18 a 22 anos apresentaram argumentos mais maduros, centrados mais na psicologia e filosofia a ser extraída pela obra lida, mostrando uma maior identificação com o livro. Tais dados se complementam ainda mais quando é citada a obra literária que lhes teria marcado.

Foram mencionados 25 títulos tidos como marcantes, sendo 11 considerados *best-sellers* de literatura estrangeira. *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *Anjos e demônios*, de Dan Brown, aparecem no topo, por terem sido mencionados duas vezes. Os demais livros citados foram: *Ponto de impacto*, também de Dan Brown; a trilogia *As crônicas de Artur*, de Bernard Cornwell; *Colapso*, de Jared Diamond; *Doce Vingança*, de Nora Roberts; *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini; *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *Os elefantes não esquecem*, de Agatha Christie; *A arte da Guerra*, de Sun Tzu e *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Três são livros de autoajuda e medicina clínica: *Anticâncer - Prevenir e Vencer Usando Nossas Defesas Humanas*, de David Servan-Schreiber; *O Livro dos Segredos*, de Osho e *Como os pinguins me ajudam a entender Deus – pensamentos pós-modernos sobre espiritualidade*, de Donald Miller.

Onze obras citadas são de nossa literatura, sendo grande parte delas lidas para o vestibular: *Contos*, de Machado de Assis; *Desmundo*, de Ana Miranda; *A confissão*, de Flávio Carneiro; *Os melhores contos de Bernardo Élis*; *Os melhores poemas de Manuel Bandeira*; *Iracema*, de José de Alencar; *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo; *A hora da estrela e Água Viva*, de Clarice Lispector; *O estudante*, de Adelaide Carraro e *Revolução em mim* de Marcia Kupstas. No gráfico abaixo estão dispostas as 25 obras mencionadas como marcantes:

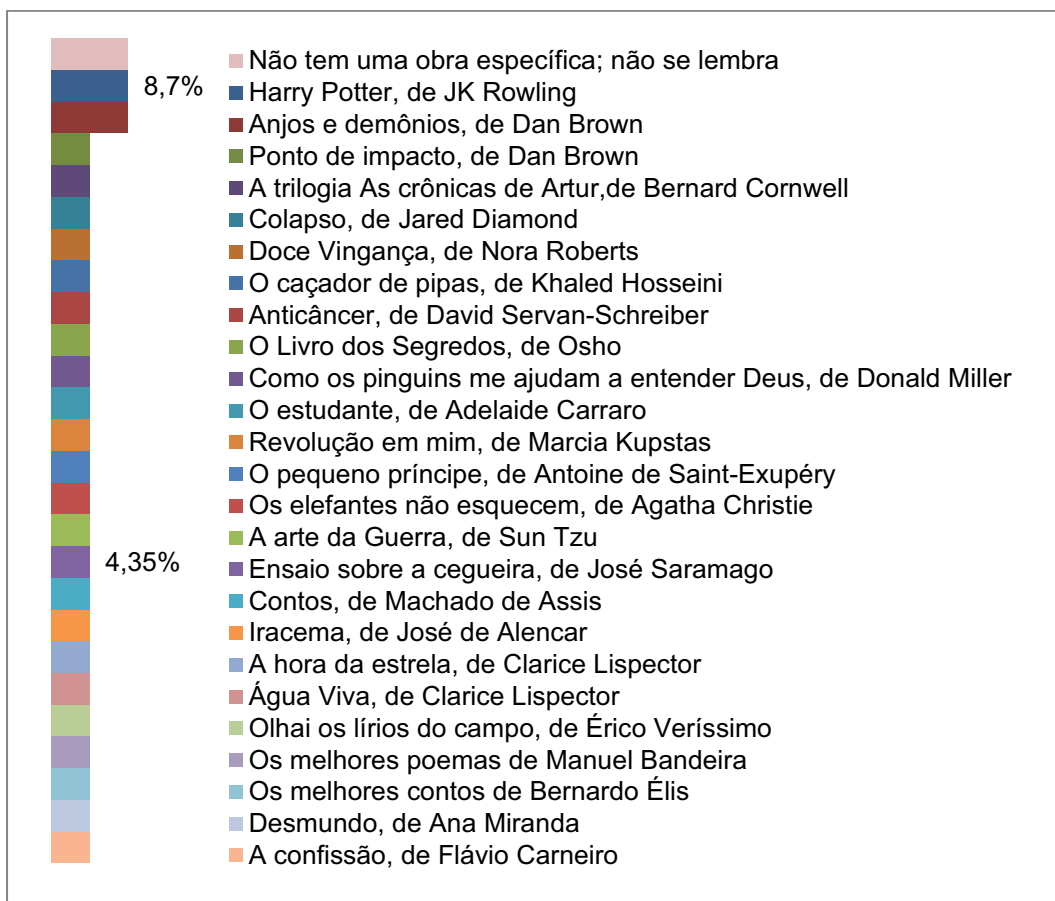


Gráfico 20: Obras literárias citadas como marcantes

Apesar da obrigatoriedade, percebe-se que as leituras exigidas pela escola ou para o vestibular marcaram positivamente a vida desses leitores, fazendo com que esses, mesmo tendo concluído o ensino médio e ingressado no ensino superior continuassem lendo. Segundo Cruvinel (2009), a leitura literária, mesmo obrigatória, como requisito para que se ingresse na universidade, pode despertar uma experiência subjetiva no leitor, que, em contato com o texto, pode sentir-se provocado pelo mesmo, independente de qual seja sua motivação para a leitura.

O que se observou no depoimento dos jovens entrevistados nesse grupo é que a leitura de clássicos, embora não seja tão recorrente atualmente, representa algo significativo para esses leitores. Nota-se que, ainda que atualmente esses jovens leiam muitos *best-sellers*, livros religiosos e de autoajuda, tais obras, muitas vezes, não são mencionadas como uma literatura que tenha marcado significativamente algum período de sua existência. Um ligeiro afastamento do período escolar, acrescido do ingresso na faculdade, que exige novas e diferentes leituras, mais específicas, poderia culminar na diminuição do número de obras literárias lidas. Mas, além desses fatores, há um outro que estimularia a leitura desse número

expressivo de títulos *best-sellers*, religiosos e de autoajuda: a mídia e o marketing, presente, principalmente nas livrarias, que criam essa necessidade emergente de leitura. Segundo Michel de Certeau (1994, p. 262), “A eficácia da produção implica a inércia do consumo. Produz a ideologia do consumo-receptáculo”. O autor defende, pois, a hipótese de que há uma incompreensão quanto à noção de consumo, por parte de quem produz, no caso a mídia e a escola. Para De Certeau o consumo não é meramente uma ação passiva, direta, sem filtros e infalível. Os consumidores não recebem passivamente os produtos que leem. Eles exercem uma apropriação, um consumo tático. Por isso, as obras quando lidas não deixam de causar experiência estética, sendo as mais marcantes as que ficarão registradas na memória dos leitores, permanecendo determinantes.

Essa diferenciação entre literatura marcante e literatura lida no momento (seja essa realizada com algum objetivo pragmático ou não) pode ainda ser conferida nas respostas dadas à pergunta relacionada aos fatores que mais influenciam na escolha de um livro. O tema aparece em primeiro lugar, com 82,65%. A exposição de livros nas estantes das livrarias está em segundo, com 78,3%, seguida da indicação de amigos ou de outras pessoas, com 69,6%. Mais uma vez as obras clássicas são significativamente citadas, com 65,25%, como um fator determinante. A indicação da escola ou faculdade aparece em seguida, com 39,15%, e os *best-sellers* surgem em sétimo lugar, com 30,45%:

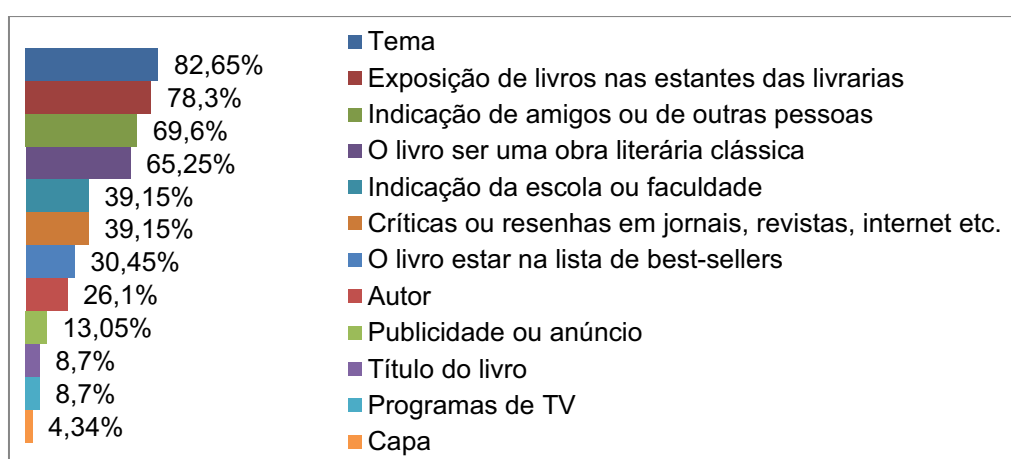


Gráfico 21: Fatores que mais influenciam na escolha de um livro

Esses últimos dados mostram que os jovens de 18 a 22 anos, quando escolhem um título, se deixam influenciar mais por uma obra literária clássica do que por um livro que está na lista de *best-seller*. Além disso, percebemos também uma ligeira influência do meio acadêmico, se compararmos as respostas dos adolescentes que ainda cursam o ensino

fundamental e médio. O professor ou professora, que foram pouco citados como determinantes na formação da prática de leitura dos jovens de 13 a 17 anos, aparecem dessa vez em segundo lugar, com 34,8%, perdendo o posto somente para a mãe ou responsável mulher, com 47,85%, o que mostra uma certa relevância da escola e dos docentes na formação leitora desses jovens que já concluíram o ensino básico. Em terceiro lugar, surge o pai ou responsável homem, com 26,1%, confirmando, mais uma vez, que a maior influência na leitura vem de casa. Dessa vez, os amigos, que na outra faixa etária foram fortemente lembrados, estão na quinta posição, com 13,05%:

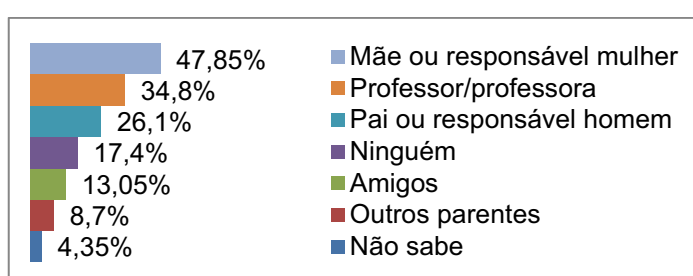


Gráfico 22: Quem mais influenciou

Segundo o depoimento de um dos entrevistados, de 18 anos, sua motivação para ler advém da influência dos pais, desde pequeno, e da escola, com o incentivo dos professores e até mesmo do próprio colégio, que tinha biblioteca e dava muitos prêmios aos leitores vorazes. Ele mesmo teria ganhado várias congratulações por ler muito. Por isso, atualmente, se sente muito grato por todo esse apoio que obteve desde a infância.

Os estímulos obtidos por esse informante, quando pequeno, foram, pois, determinantes para sua formação de leitor. Além da atividade leitora propiciada desde os primeiros anos, em sua casa, houve o trabalho por parte da escola no incentivo da leitura, que se constitui, segundo Schön (1995 *apud* Souza, 2003), de forma muito positiva na infância, aqui denominada por ele como “entrada precoce”, que decorre dos 5 aos 11 anos. Essa experiência, que se dá, segundo o estudioso alemão, de forma emotiva caracteriza afetivamente a vida desses leitores, que não se esquecem de suas leituras da infância, recordando-as de forma carinhosa.

Novos dados surgem nas respostas da questão que se refere à motivação dos leitores para ler um livro. Apesar de não ter sido unânime, o número de entrevistados que lê por prazer, gosto ou necessidade espontânea foi bastante alto: 91,35%. Isso mostra que esses jovens, embora tenham assumido novos compromissos e leiam outros gêneros, sobretudo os

que fazem parte do currículo acadêmico, não deixaram de ler por prazer. Segundo Souza (2003, p. 83),

Forças diferentes vão dando condições variadas para os usos pessoais da leitura: o próprio trabalho escolar, o lazer, as preocupações profissionais, a interiorização de valores humanistas, a aquisição de um patrimônio cultural. Tudo isso, além de aspectos de gênero, de série de estudo, de classe social, de 'idade da leitura', concorre para auxiliar, ou dificultar, a formação do leitor.

No caso dos leitores de 18 a 22 anos, todos esses fatores acabaram por favorecer, de certa forma, a prática da leitura literária. Esses jovens leem tanto quanto os adolescentes entrevistados e, assim como eles, o fazem por prazer, apesar das inúmeras responsabilidades que assumiram com a chegada da maioridade.

Em segundo lugar está a atualização cultural ou conhecimentos gerais, com 78,3%, e a exigência escolar ou acadêmica aparece em terceiro, com 52,2%. A exigência do trabalho ou atualização profissional é citada pela primeira vez, com 21,75%, já que os adolescentes de 13 a 17 anos ainda não trabalhavam. Tais dados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

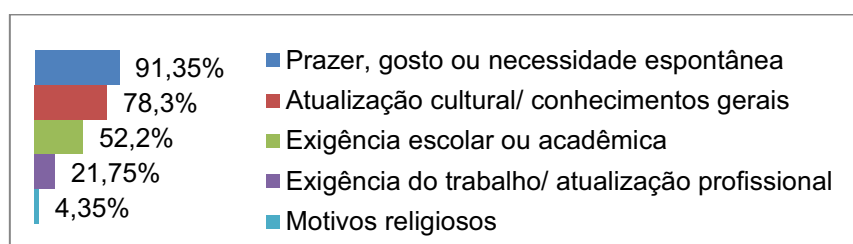


Gráfico 23: Motivações dos leitores

Confirma-se, assim, que com o avanço da idade as cobranças e responsabilidades dos jovens aumentam, principalmente depois que cumprem a maioridade, período que normalmente marca a transição do ensino médio ao superior e o ingresso no primeiro emprego. Muitos são estudantes universitários, trabalham, e, na maioria das vezes, leem não só por exigência da faculdade, mas também para que se atualizem profissionalmente. No entanto, mesmo com todas essas novas cobranças, percebemos que a grande maioria não deixou a leitura de lado e vemos, agora, mais claramente, a presença da escola na formação dessa prática. Muitos desses jovens leem menos *best-sellers* e consideram a leitura de obras clássicas como as mais marcantes de sua vida, o que sem dúvida é um dado muito relevante.

2.1.3 Jovens de 23 a 29 anos

Será analisado, nesse subitem, o perfil dos jovens que já concluíram o ensino superior, para saber o que essa geração está lendo e o motivo pelo qual frequenta a livraria. Dessa vez, diferentemente dos outros públicos jovens analisados, aos quais demos maior ênfase justamente por serem aquelas as faixas etárias mais relevantes para essa pesquisa, não ilustraremos as respostas tabuladas em gráfico. Preferimos apenas lançar breves reflexões sobre algumas das alternativas mais citadas e relevantes para análise em cada uma das respostas apresentadas.

No total foram entrevistadas oito pessoas, sendo que 75% delas são do sexo feminino. 62,5% desses jovens possuem renda familiar acima de cinco salários mínimos e 37,5% têm de dois a cinco salários, o que nos dá um perfil de um público de classe média. A pesquisa revelou que todos possuem curso superior completo, sendo 75% deles formados por uma universidade privada e 87,5% cursaram, a maior parte do ensino fundamental e médio, em escola particular.

Todos informantes dessa faixa etária frequentam a livraria para apreciar os produtos, ver as novidades ou por curiosidade; 87,5% gostam de visitar esse ambiente para comprar obras literárias, e metade desse público revelou ir à livraria para ler e também para comprar um livro para presentear a alguém. A pesquisa ainda constatou que todos esses entrevistados frequentam regularmente a livraria, sendo que 87,5% a visitam pelo menos duas vezes por mês. Para 87,5%, o que mais motiva a comprar um livro nesse ambiente é a liberdade para poder apreciar, folhear e ler o livro, seguida da comodidade por estar situada em um *shopping*.

No entanto, um dado se diferencia do constatado nos perfis já analisados: essa faixa etária, que já possui o ensino superior, lê bem menos literatura que os adolescentes e os estudantes universitários. 50% dos jovens de 23 a 29 anos leem um livro por mês e 25%, um exemplar a cada três meses. Somente 12,5% leem mais de uma obra por mês. Uma jovem, de 23 anos, assumiu ler pouco. Crê que é por causa da falta de hábito, pois quando fazia ensino médio lia mais, por haver uma biblioteca na escola, o que a estimulava. Depois que entrou na faculdade perdeu um pouco essa prática leitora.

Tais dados revelam que o meio acadêmico exerce, de certa forma, maior influência na prática de leitura das pessoas. Esses resultados se confirmam nas respostas dadas à pergunta que se refere à motivação para ler um livro. Ainda que todos tenham afirmado ler por prazer, gosto ou necessidade espontânea, 75% deles asseguraram que leram por exigência da escola

e/ou faculdade, na época em que estudavam, e que atualmente leem por uma exigência do trabalho ou atualização profissional.

Diferentemente também do que foi constatado nas pesquisas anteriores, que apontaram uma maior influência da leitura, por parte da família, advindo principalmente da mãe ou responsável mulher, 37,5% desses informantes foram incentivados à leitura pelo professor ou professora, sendo relativamente baixa a influência de alguém de casa. Somente 12,5% afirmaram que a mãe foi a principal responsável e ninguém mencionou o pai ou responsável homem e tampouco outros parentes foram citados. No entanto, o primeiro lugar foi dividido com outro dado um tanto quanto inusitado: 37,5% alegaram não terem sido incentivados por alguém específico. Conforme já discutimos anteriormente, é praticamente impossível alguém não ter sofrido qualquer espécie de influência ou motivação para a formação dessa prática leitora. Os amigos aparecem em terceiro lugar, com 25%, e 12,5% não souberam informar.

Quando questionados sobre os fatores que mais os motivam na escolha de um livro, o tema aparece em primeiro lugar, com 87,5%, seguido das críticas ou resenhas em jornais, revistas, internet etc., com 75%. Esse é um dado novo, pois nos outros perfis analisados tais críticas eram pouco mencionadas, perdendo sempre a vez para a exposição dos livros nas estantes das livrarias e a indicação de amigos ou de outras pessoas, que aqui aparecem, respectivamente, com 50% e 62,5%. O livro ser uma obra literária clássica ou figurar na lista dos mais vendidos também foram significativamente mencionados, com 37,5%.

Entre os gêneros mais lidos destacam-se, em primeiro lugar, com 50%, os livros de autoajuda, antes poucos mencionados pelos jovens, e os romances clássicos. Em segundo lugar, com 37,5%, aparecem os outros gêneros, como psicologia e filosofia. Tais dados se confirmam quando observamos os títulos de obras lidas por eles mais recentemente. Dos 14 livros mencionados, 5 são *best-sellers*: *Amanhecer*, de Stephenie Meyer; *Marley e eu*, de John Grogan; *A cabana*, de William P. Young; *O menino do pijama listrado*, de John Boyne e *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak. E três são livros de autoajuda e medicina: *Educação e amor*, de Içami Tiba; *O código da inteligência*, de Augusto Cury; *A bíblia da gravidez*, de Wladimir Tabora & Alice D'agostini Deutsch. Igualmente três obras clássicas foram mencionadas: *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *Onde estiveste de noite*, de Clarice Lispector e *Um certo capitão Rodrigo*, de Érico Veríssimo. Somente dois entrevistados não se recordavam do título do último exemplar lido.

Esses dados mostram que os clássicos ainda se fazem presentes no repertório de leituras desses jovens que já concluíram seus estudos. Mais que isso: muitas obras desse gênero também marcaram algum período de suas vidas. Das quatro obras literárias citadas

como marcantes três podem ser consideradas como clássicas. Para dois entrevistados, a obra mais importante foi *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, lida na época para o vestibular. Outro livro igualmente citado por duas pessoas foi *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder e, coincidentemente, *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, também foi mencionado duas vezes.

Diferentemente dos demais perfis analisados, nas respostas da questão que trata de autores brasileiros que mais admiram, não observamos tanto a influência da escola. Três entrevistados não souberam responder a essa pergunta, por admirar mais os escritores estrangeiros. Augusto Cury²⁰ foi o mais mencionado, por gostar de psicologia e por acreditar que suas obras enfatizam muito a espiritualidade, uma necessidade da sociedade. Os demais escritores mencionados foram: Darcy Ribeiro²¹, por questão social; Arnaldo Jabor²² e Paulo Markun²³, por se identificar com suas obras, principalmente as relacionadas à política e história geral; e Paulo Coelho, por ser muito crítico e realista. Somente três escritores clássicos foram aludidos: Clarice Lispector, por ela ser dinâmica; Guimarães Rosa, por retratar bem a realidade brasileira, e Cora Coralina, por sua história de vida.

A menção significativa a Augusto Cury possivelmente se deva ao fato de esse escritor ser, além de um dos autores brasileiros mais lidos em autoajuda no momento, uma referência nos estudos de psicologia, com sua teoria da inteligência multifocal. Sua formação acadêmica (que lhe confere credibilidade perante o público), além de seu texto (de linguagem simples e acessível, transmitindo uma mensagem com forte apelo motivacional), conquistam a admiração e o respeito de um grande número de leitores. O mesmo ocorre com Paulo Coelho. Por também apresentar uma linguagem mais simples, desperta a atenção dos leitores, ainda que atualmente a procura por seus livros tenham diminuído um pouco, perdendo vez para o psiquiatra brasileiro referido acima. No entanto, é difícil crer que Paulo Coelho possa ser considerado como autor crítico e realista, como revelado pelo entrevistado acima, pois seus livros abordam temáticas místicas e distantes da realidade vigente.

Já as respostas da questão “O que a literatura acrescentou à sua vida?” não diferiram muito das citadas pelas demais faixas etárias entrevistadas. Para 30% dos entrevistados acrescentou conhecimento e informação; para 20% trouxe cultura e outros 20% aprendizagem e autoconhecimento; para 10% a literatura proporciona a oportunidade de comparação com a

²⁰ Psiquiatra, psicoterapeuta e escritor de autoajuda mais vendido no País na última década (quase 10 milhões de exemplares no Brasil, até agosto de 2009, segundo a Revista *VEJA.com*). Tem mais de 20 títulos publicados.

²¹ Antropólogo, político e escritor mineiro.

²² Cineasta, crítico, jornalista e escritor carioca.

²³ Jornalista e escritor paulista.

vida diária e identificação com a obra e, por fim, houve quem dissesse que adquiriu conhecimento de língua, pois se absorve o conteúdo de forma mais natural, sem decorar regras (o famoso discurso escolar, tão presente nos demais questionários analisados).

Nas respostas apresentadas por esse público entrevistado, percebemos que, embora menor, a influência da escola ainda mostra-se presente, se não atualmente, pelo menos na época em que estudavam. As obras mais marcantes foram as lidas na infância ou adolescência e até mesmo as lidas obrigatoriamente para o vestibular. Resta analisar o perfil do público adulto, aqui dividido em duas faixas etárias diferentes: de 30 a 40 anos e acima de 40 anos.

2.1.4. Adultos: de 30 a 40 anos

No total foram entrevistadas sete pessoas, de 30 a 40 anos. 71,5% delas são mulheres e 71,5% desse público adulto recebem mais de 5 salários mínimos, o que indica que estamos diante de um público de classe média. 85,8% possuem ensino superior, sendo que 42,9% o concluíram em faculdade pública e outros 42,9%, em particular. No entanto, diferentemente do que foi constatado nas demais faixas etárias, composta por adolescentes e jovens, 71,5% desses entrevistados cursaram grande parte do ensino fundamental e médio em escola pública.

O motivo pelo qual frequentam a livraria permanece o mesmo: unanimemente todos responderam que gostam de visitá-la para apreciar os produtos, ver as novidades ou por curiosidade. Em segundo lugar, com 71,5%, para comprar obras literárias. A periodicidade com que visitam esse ambiente também permanece alta: 57,2% a frequentam pelo menos uma vez por semana. A comodidade por estar situada em um *shopping* e a liberdade para apreciar, folhear e ler o livro ainda são indicadas como principais fatores de motivação para comprar um livro, com 71,5% para cada, seguida da variedade de produtos, com 57,2%.

Um dado bastante positivo, comparado ao público anterior, se apresenta: esta faixa etária adulta está lendo bem mais: 71,5% leem pelo menos um livro por mês e 28,6% mais de um exemplar nesse mesmo período de tempo. Todos esses informantes também leem por prazer, gosto ou necessidade espontânea, seguido da busca por atualização cultural e conhecimentos gerais, com 71,5%. A exigência do trabalho ou atualização profissional também aparece significativamente, com 42,9%, e até mesmo a exigência escolar ou acadêmica foi mencionada, com 28,6%.

A indicação de amigos ou de outras pessoas aparece, pela primeira vez, em primeiro lugar, com 85,8%, como fator que mais os influencia na escolha de um livro, deixando atrás o tema, com 71,5%, e a exposição dos livros nas estantes da livraria, com 57,2%. Na alternativa

“outros”, foram mencionadas ainda as orelhas do livro como forte atrativo. No entanto, os amigos não são os que aparecem como as pessoas que mais os influenciaram na leitura. A mãe ou responsável mulher está em primeiro lugar, com 42,9%, seguido do pai ou responsável homem, com 28,6%, e, igualmente, da professora ou professor.

Outros dados novos também surgem: a leitura da Bíblia ou de livros religiosos aparece, pela primeira vez, em primeiro lugar, com 71,5%, como gênero mais lido por este público adulto. Os romances clássicos ocupam o segundo posto, com 42,9%; e a literatura infantil e juvenil está em terceiro, com 28,6%. Possivelmente esse gênero seja um dos mais lidos devido à presença dos filhos, que muitas vezes estavam acompanhados dos entrevistados. Os livros de autoajuda também aparecem na terceira posição.

Dos doze livros citados, seis são romances de literatura estrangeira: *O caçador de pipas*, de Khaled Rosseini; *A sombra do vento*, de Carlos Ruiz Zafón; *La bodega*, de Noah Gordon; *Os canhões de Navarone*, de Alistair MacLean; *As cruzadas - o novo reino*, de Jan Guillou e a autobiografia romanceada *O código da vida*, de Saulo Ramos. Somente um romance brasileiro foi citado: *O senhor da chuva*, de André Vianco. Dois são livros de autoajuda: *O sucesso não acontece por acaso*, de Lair Ribeiro e *Como tornar sua vida um milagre*, de Bryan E. Robinson; um científico: *A linguagem de Deus*, de Francis Collins e um religioso: A vida de Ester (antigo testamento da Bíblia).

Conforme já foi constatado em questionários anteriores, o número de obras literárias citadas como marcantes foi maior. Das oito mencionadas quatro são literárias: *O pequeno príncipe*, lida na infância; *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, pelo aspecto social; uma coletânea de poesias de Thiago de Mello e *O despertar*, de Kate Chopin, por achar uma obra bastante atual e interessante. Dois livros referidos são de autoajuda: *Como tornar sua vida um milagre*, de Bryan E. Robinson e *O segredo*, de Rhonda Byrne e um religioso: *O livro dos espíritos*, de Alan Kardec. Somente um *best-seller* foi mencionado: *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien.

Os escritores brasileiros citados como os mais admirados por este público foram Machado de Assis e Augusto Cury (ambos com 28,6%), seguidos pelos seguintes autores: Érico Veríssimo; Aluísio Azevedo; Cecília Meirelles; Mário Quintana; Guimarães Rosa; André Vianco; Paulo Coelho e Luiz Alberto Py (psicanalista). Por essas respostas vemos uma leve interferência da escola na indicação de grandes escritores brasileiros.

Já à pergunta que se refere à importância da literatura para a vida, foram dadas, pela primeira vez, respostas que não aludiam ao clássico discurso escolar (como acréscimo de vocabulário e gramática). Para os entrevistados dessa faixa etária, a leitura literária

proporciona um diálogo com o autor e ajuda a entender melhor as pessoas. Além disso, acrescenta cultura e conhecimento; calma; reconforto; entretenimento e lazer e, finalmente, a literatura oferece a oportunidade de se vivenciar experiências diferentes, de se colocar no lugar dos personagens.

O depoimento de um dos informantes chamou bastante atenção em vários aspectos. Trata-se de um professor de biologia, de 36 anos, que se definiu como um leitor hiperativo. Ele afirmou ler quatro livros por semana, todos ao mesmo tempo e somente na tela do celular. Gosta de frequentar a livraria não para comprar obras e sim para ver as novidades. Quando se interessa por algum livro específico, em vez de comprar, “baixa o arquivo” em seu celular e prontamente começa a leitura. Ele ainda tem o hábito de ler revistas e jornais periodicamente, todos na forma *online*. Vemos, pois, a significativa presença da mídia, com seus novos suportes tecnológicos, seduzindo leitores e internautas de diferentes idades e democratizando o acesso ao saber e a informação. A internet é um importante veículo de comunicação para esse professor, que a utiliza em todos os momentos de sua vida, seja pessoal ou profissional.

Mas apesar da mídia representar um canal de fácil acesso a esse leitor, há uma outra fonte bastante marcante e influenciável em sua vida leitora: sua mãe, a grande responsável em alimentar esse gosto pela leitura, uma vez que ela sempre tinha o hábito de ler para ele quando pequeno. Não só lia como apontava no livro as letras e figuras, o que fez com que ele aprendesse, antes de entrar na escola, a ler e escrever, se autoalfabetizando. Quando a mãe ou qualquer outra pessoa ia lhe presentear em alguma ocasião especial ele pedia que lhe dessem livros em vez de brinquedos. Uma de suas recordações da infância e adolescência foi haver lido toda a coleção Vaga-lume, da editora Ática. Em razão desse seu autodidatismo e de sua paixão pela leitura, a exigência escolar nunca lhe teria servido de motivação, até porque, na maioria das vezes, ele já havia lido antes de a professora pedir as obras a serem trabalhadas em classe.

Atualmente como professor, sempre indica livros a seus alunos quando eles lhe pedem. Mostrou-se desapontado com os rumos de nosso ensino, revelando ser preocupante o fato de muitos alunos seus, do terceiro ano do ensino médio, rede particular, lerem em voz alta de maneira lenta e fragmentada, como um aluno que está se alfabetizando. Além disso, censurou os professores de Literatura que criticam o fato dos alunos lerem *Harry Potter*, por exemplo, por não ser obra clássica. Ele contra-ataca dizendo que o que importa é que eles estão lendo (objetivo esse já difícil de ser atingido, segundo ele) e que essas leituras podem um dia levá-los a um Machado de Assis ou qualquer outro escritor clássico.

Como se vê, o depoimento do professor foi bastante enriquecedor. A facilidade e praticidade com que lida com as novas tecnologias, o número de obras lidas frequentemente, o seu contato diário com os alunos adolescentes, acrescido de sua paixão pela leitura, acalentada desde a infância, pela mãe, mostram ser esse um perfil de leitor bastante diferenciado.

Por esse e demais dados, constatamos que o público adulto entrevistado na livraria mantém uma prática de leitura até mais intensa que os jovens leitores. Ainda que as obras clássicas não tenham sido mencionadas como lidas no atual momento, algumas delas são referidas como livros que marcaram as suas vidas, mostrando, pois, a relevância da escola na indicação e formação do gosto e prática da leitura. Agora resta conhecer o que o público adulto, acima de 40 anos, está lendo.

2.1.5. Adultos: acima de 40 anos

Por fim, será traçado o perfil dos leitores adultos, de mais de 40 anos. No total, foram 12 entrevistados, sendo 66,4% deles do sexo feminino. Dos 12 entrevistados, 11 têm entre 40 e 50 anos. Somente uma senhora, que não quis revelar a idade, aparentava 70 anos. Quanto à renda familiar, 58,1% revelaram receber mais de cinco salários mínimos e 41,5% declararam ter de dois a cinco salários. Esses dados, portanto, indicam que estamos ante um predominate público de classe média.

O nível de escolaridade foi alto: 91,3% têm ensino superior, sendo que 83% estudaram em uma faculdade privada. No entanto, 58,1% estudaram grande parte de sua vida escolar (ensino fundamental e médio) em rede pública, dados que se invertem ao dos jovens leitores, em que muitos alegaram ser provenientes de colégio particular.

Outro dado novo surgiu na pesquisa: 66,4% frequentam a livraria para comprar obras literárias e, em segundo lugar, com 58,1%, para ler livros. Somente 50% visitam esse espaço para apreciar os produtos e ver as novidades, item que antes sempre aparecia em primeiro lugar nos demais perfis analisados. A periodicidade com que frequentam a livraria também permaneceu alta: 41,5% a visita pelo menos uma vez por mês; 33,2% uma vez por semana; 16,6% duas vezes por mês e 8,3% mais de uma vez por semana, constatando assim, ser esse um lugar regularmente frequentado pelos clientes. O ambiente agradável e a liberdade para apreciar, folhear e ler o livro destacam-se em primeiro lugar (74,7%) como fatores que mais os motivam a comprar um livro nesta livraria, seguida da comodidade por estar situada em um *shopping* (66,4%) e a variedade de produtos (58,1%).

Esse público adulto também é composto por contumazes leitores. 58,1% leem mais de um livro por mês e 25% leem pelo menos uma obra neste mesmo intervalo de tempo. Somando-se esses números temos um percentual de mais de 80% de leitores. A exposição de livros nas estantes da livraria volta a aparecer, com 83%, como principal fator que influencia na escolha de um livro, seguido pelas críticas ou resenhas em jornais, revistas, internet etc., que despontam em segundo lugar com 74,7%. O tema surge no terceiro posto, com 66,4%, e em quarto lugar está a indicação dos amigos ou de outras pessoas. Um dado novo também foi constatado nas respostas a essa pergunta: na alternativa “em outros motivos”, foi destacado o fato de o filme baseado em uma obra ser um forte atrativo para a leitura de um livro. Esse é um dado curioso, se analisarmos que foi aludido por adultos e não jovens e adolescentes, que se sentem muito mais seduzidos pela adaptação de obras cinematográficas. Outra cliente mencionou como um fator determinante a leitura do livro na livraria, pois, se ao ler a obra o tema a interessar, ela compra o livro para terminar de lê-lo em casa.

Entre os gêneros mais lidos, a Bíblia e os livros religiosos aparecem, assim como ocorreu com o público adulto, de 30 a 40 anos, em primeiro lugar, com 50%, dividindo o posto com os livros de autoajuda. Já o item “outros gêneros” foi mencionado por 41,5% desse público, que fez alusão a diferentes tipos de livros, entre os quais se destacaram, principalmente, leituras não-literárias, relacionadas às mais diversas áreas do saber. Essas informações se ratificam quando se analisa o que este público tem lido atualmente.

Dos 17 títulos citados, 3 são livros de autoajuda (*Por que os homens mentem e as mulheres choram?*, de Allan Pease e Barbara Pease; *Mulheres que amam demais*, de Robin Norwood e *Seu eu sagrado*, de Wayne Dyer) e 3 são espíritas (*Ninguém é de ninguém*, de Zibia Gasparetto; *Nosso lar*, de André Luiz e *Fonte da vida*, de Chico Xavier). Uma obra de psicologia que já se tornou *best-seller* no Brasil foi mencionada duas vezes: *Mentes perigosas*, de Ana Beatriz. Ainda se destacam como livros não-ficcionais: *O sapo que queria ser príncipe*, livro de memórias de Rubem Alves; *Verdade tropical*, autobiografia de Caetano Veloso; *Família Schürmann*, relato de viagens escrito por Heloisa Schürmann; *Origem das espécies*, de Charles Darwin e o livro de administração *Os segredos da mente milionária*, de T. Harv Eker.

Romances de literatura estrangeira quase não foram mencionados. Destacam-se somente *Anjos e Demônios*, de Dan Brown e *A cidade do sol*, de Khaled Hosseini. Houve um leitor que não se recordava do título do último livro lido, mas assegurou ser de Paulo Coelho.

Os livros religiosos e de autoajuda aparecem, pois, como grandes campeões de leitura nessa faixa etária. De acordo com Maria Antonieta Antunes Cunha (2008, p. 51),

o grande número de citações de *livros religiosos* (livros psicografados, biografias de santos e figuras de atuação religiosa ou orientações de vida com caráter religioso) poderia apontar uma necessidade a ser atendida, ou um campo a ser explorado editorialmente.

Como os adultos dessa faixa etária estão ainda mais distanciados do período escolar, em que, teoricamente, se lê mais obras literárias, como já foi constatado nessa investigação e também na pesquisa *Retratos da Leitura*, a recorrência por livros religiosos e de autoajuda, gêneros que também merecem forte destaque por parte da mídia e do marketing livreiro, acaba sendo maior nessa idade. Assim, com o maior afastamento da leitura de obras literárias, muitos desses leitores se apoiarão em outras fontes leitoras, que levantam a autoestima e afloram o lado religioso.

O prazer, gosto e necessidade espontânea ainda surgem, com 91,3%, como principal motivação para ler um livro, seguido, mais uma vez, pela atualização cultural e busca por conhecimentos gerais, com 58,1%. No entanto, os motivos religiosos, antes tão pouco mencionados, despontam significativamente na terceira posição, com 50%, deixando para trás a exigência do trabalho ou atualização profissional (33,2%) e a exigência escolar ou acadêmica, com 25%.

Outro dado curioso que distinguiu bastante essa faixa de leitores dos demais perfis analisados: para 41,5% não há ninguém em específico que os tenha influenciado na leitura. Em segundo lugar, com 33,4%, foram mencionados os amigos. O pai ou responsável homem, pela primeira vez, ganha um destaque maior da mãe ou responsável mulher: eles aparecem na terceira posição, com 25%, e elas, que nos outros perfis muitas vezes dominavam o ranking, agora surgem na última colocação, com 16,6%.

Segundo o depoimento de uma informante, de 43 anos, na época em que estudava não havia influência do professor na escola. Mas, atualmente, ela já percebe, por intermédio dos filhos adolescentes, que lhes mostram os livros sugeridos pelos docentes, que há esse interesse, esse papel do educador na indicação de livros.

Outro testemunho relevante colhido nessa faixa etária foi de uma senhora, que não quis revelar a idade. Apresentada por uma das vendedoras como uma das clientes mais assíduas da livraria, a referida informante, uma pedagoga aposentada, não queria dar entrevista. Só aceitou participar quando lhe foram explicados os objetivos da investigação. Ao perceber que se tratava de leitura literária, uma de suas grandes paixões, cedeu com bastante cordialidade. Seu passeio predileto é ir à livraria. E ainda fez uma comparação, dizendo que tem gente que sente prazer em sair para comprar roupas, mas para ela, sua imensa satisfação é

sair para comprar livros. Seus gastos ao mês são quase todos aplicados na compra de obras literárias. Esse seria o seu único luxo. Por isso, frequenta esse ambiente quase todos os dias, pelo menos três vezes por semana, para conferir as novidades, principalmente do gênero infantil e juvenil, para presentear os netos.

A influência da prática da leitura teria vindo de casa. Seu pai era escritor e poeta nordestino e transmitiu esse gosto aos filhos. A entrevistada, por sua vez, repassou para os seus filhos essa prática e agora tenta incentivar os netos. Acredita que o prazer pela leitura acaba sendo hereditário e acha importante que os pais estimulem seus filhos a ler. Por isso, sente imenso orgulho ao dizer que todos os seus filhos têm nível superior e são apreciadores da leitura. Atualmente, viúva e morando sozinha, lê muito também para passar o tempo. Suas leituras dependem muito de seu estado de espírito.

Vemos, pois, mais uma vez, como a formação de uma prática leitora está relacionada ao ambiente familiar, sendo esse determinante para a criança, que desde pequena já pode ir tendo contato com os livros, fazendo com que essa relação se estreite ainda mais na fase adulta. Segundo Jean-Claude Pompougnac (1997, p. 48):

O acesso ao mundo do livro procede da filiação: a criança “burguesa” herda o ler na medida em que vive num universo em que se manifestam hábitos de leitura. A aprendizagem (no sentido que se dá a esse termo na escola) é “natural” porque o escrito é “familiar”; a leitura é – como a língua – materna, às vezes “paterna”.

A formação da leitura na infância, por intermédio dos pais, pode proporcionar a criança um contato efetivo com o livro que poderá manter-se por toda a vida. O caminho para essa prática leitora inicia-se nos primeiros anos de vida e, embora a família, posteriormente, pode não atuar com grande força nessa formação deixa como rica herança cultural esse amor aos livros, que pode se estender por diferentes gerações.

Quando questionados sobre o que a literatura acrescentou à vida, as respostas dadas foram bastante diversificadas. Para 50% dos entrevistados a leitura literária trouxe conhecimento e informação e para outros 50% a leitura deu um sentido de vida, proporcionou reflexão, ampliou a visão, deixando o leitor com a mente mais aberta. Para 41,6% acrescentou cultura e 41,6% utilizou o famoso discurso escolar, que defende a leitura como uma prática que leva o indivíduo a melhorar o idioma, a fala e a escrita. Para 33,3%, a leitura literária proporciona uma viagem que eterniza no tempo. As demais respostas, com 8,33% cada, foram: sabedoria; crescimento e aprendizado; prazer e, por fim, a literatura é importante para a formação da identidade do sujeito.

Pela primeira vez, Paulo Coelho, antes pouco mencionado, aparece com mais destaque: dos quinze escritores brasileiros citados, ele foi o mais aludido, com 19,8%, e com as seguintes justificativas: por seu estilo levar a refletir e por seus romances serem de autoajuda. 13,2% não souberam responder. A influência da escola, que, até então, aparecia timidamente, ganha mais força nas demais respostas. Em segundo lugar, com 13,2%, surgem Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado, este último, por retratar os problemas sociais brasileiros e por ter uma linguagem fácil. Os demais autores mencionados foram: Mário de Andrade, também por ter uma linguagem fácil; Adélia Prado e Cecília Meirelles, por gostar muito de poesias; Machado de Assis; Aluísio Azevedo; Monteiro Lobato, pela coleção completa lida na infância; Gilberto Freyre, pela obra *Casa-grande e senzala*; Guimarães Rosa, por *Grande Sertão: Veredas*; Érico Veríssimo, por suas histórias serem cativantes; Bernardo Élis, por gostar do que escreve; Rubem Alves; Chico Xavier e Zibia Gasparetto.

Essas respostas estão em consonância com as apresentadas na questão seguinte, em que os entrevistados deram um exemplo de pelo menos uma obra literária que os tenha marcado. Muitos deles fizeram questão de não só mencionar a obra como também ressaltar que as leituras mais marcantes foram justamente as lidas na infância e adolescência. É o caso dos seguintes livros mencionados: *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach; *Veias e vinhos*, do escritor goiano Miguel Jorge; a coleção completa de Monteiro Lobato, lida na infância e *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, por ter sido o primeiro livro lido, em sua adolescência (o enredo foi interessante e lhe despertou para outras leituras). Além desses, foram mencionados os seguintes clássicos: *Grande Sertão: Veredas*; de Guimarães Rosa; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e *Clarissa*, de Érico Veríssimo.

Os romances *best-sellers* de literatura estrangeira foram pouco referidos: *O caçador de pipas* e *A cidade do sol*, de Khaled Hosseini; *Primeiro entre iguais*, de Jeffrey Archer; *Médico de almas e de homens*, de Taylor Caldwell e toda a coleção de Sidney Sheldon. De autoajuda, gênero tão mencionado em respostas anteriores, somente um foi citado: *Você pode curar sua vida*, de Louise L. Hay. Ainda foram aludidas duas biografias: a de *Frida Kahlo*, de Jill A. Laidlaw e um livro que trata da vida de Freud (cujo autor e título não soube informar) e um livro de arte, de Augusto Rodin, totalizando-se, assim, 17 obras citadas como marcantes.

Tais dados são bastante reveladores, pois demonstram que a influência da escola na formação da prática da leitura foi efetivamente determinante para esses leitores. Ainda que hoje muitos leiam obras não-literárias, religiosas e de autoajuda, percebemos, que essas, na

verdade, não foram tão significativas e marcantes como os romances de escritores clássicos e modernos, lidos na infância e adolescência.

A seguir apresentaremos o perfil de outro público leitor que acompanha de perto o movimento dos clientes e ainda auxilia na indicação de leituras: os vendedores que trabalham na livraria.

2.1.6. Um diálogo com os vendedores da livraria

Foram entrevistados alguns vendedores da livraria para conhecer o perfil desses funcionários-leitores, visando saber, entre outros aspectos, se são sujeitos de leitura como os clientes, bem como investigar até que ponto seu gosto e prática da leitura podem contribuir satisfatoriamente em seu trabalho. O objetivo dessa pesquisa, portanto, é analisar a relação que se pode estabelecer entre o emprego desses vendedores e a prática da leitura literária realizada em suas horas livres.

No total foram 7 entrevistados, sendo 57,2% do sexo feminino e 42,9% do sexo masculino. A idade deles varia entre 18 a 32 anos e 57,2% possuem o ensino superior incompleto. Os demais (42,9%) têm o ensino médio completo. Conforme foi averiguado, 71,5% deles trabalham em uma livraria por adorarem ler e gostarem do ambiente. E para 57,2% essa foi a oportunidade de trabalho que surgiu primeiro. No entanto, todos enfatizaram que sempre gostaram muito de ler. O emprego na livraria só teria alimentado ainda mais esse gosto.

Quando questionados a respeito dos tipos de livros que leem, foram dadas as seguintes respostas, que podem ser conferidas no gráfico abaixo:



Gráfico 24: Tipos de livros que os vendedores gostam de ler

Por esses dados percebe-se que todos os vendedores (85,7%) gostam de ler romances. Os gêneros aventura e mistério, considerados, segundo Sodré (1978), subdivisões por temática e público leitor da narrativa romanesca de literatura de massa, também foram significativamente mencionados, assim como os livros não-literários, como economia e investimento. Os clássicos foram pouco citados. Porém, alguns vendedores afirmaram que estão aprendendo a apreciar mais esse gênero, justamente para que possam indicar a seus clientes esses tipos de exemplares.

Quanto à periodicidade de leitura, foram constatados dados bastante positivos: 71,5% leem mais de um livro por mês e 28,6% leem um exemplar a cada três meses. Esses que afirmaram ler uma obra a cada três meses se justificaram, dizendo não ler mais por se dedicarem às leituras exigidas pela faculdade, que consomem bastante tempo. No entanto, todos procuram ler, constantemente, livros diversificados, até mesmo porque isso contribui para o seu trabalho.

Foi questionado aos vendedores qual o título do último livro lido ou que estava sendo lido por eles no momento da entrevista. Muitos citaram mais de um livro. Os títulos citados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

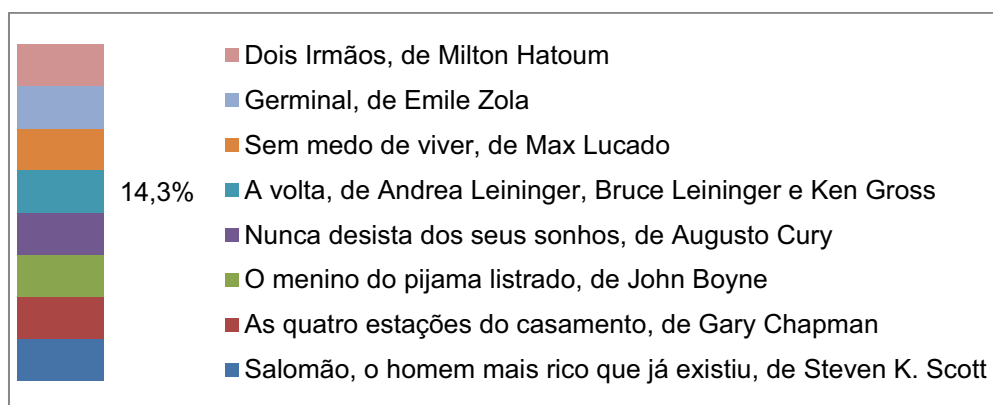


Gráfico 25: Título do(s) último(s) livro(s) lido(s), ou que estava(m) sendo lido(s) no momento da entrevista

Como podemos conferir no gráfico acima, grande parte dos livros lidos são *best-sellers* de literatura estrangeira, um dos gêneros mais citados pelos leitores que frequentam a livraria. Os livros de autoajuda, significativamente mencionados pelos clientes, também se destacam entre os lidos pelos vendedores. Somente um clássico foi aludido: *Germinal*, de Emile Zola, e um romance de um escritor brasileiro: *Dois irmãos*, de Milton Hatoum.

A forma como os vendedores atendem aos consumidores também é diversificada, variando muito de cliente para cliente. De uma maneira geral, 85,8% preferem não o procurar

imediatamente, deixando-o mais à vontade para apreciar os livros com maior liberdade. Já 71,5% preferem se mostrar prontamente solícito para ajudá-lo no que for necessário. E ainda há os que mudam sua forma de atendimento de acordo com o tipo de cliente (71,5%). Segundo os vendedores entrevistados, há leitores que circulam pela livraria mais com a intenção de apreciar, não gostando muito de aproximação. Nesse caso, os vendedores se dispõem a auxiliar seu cliente, mas depois se afastam para deixá-lo mais à vontade.

Também foi perguntado aos vendedores sobre sua compreensão a respeito dos motivos que levam os clientes a frequentar a livraria:

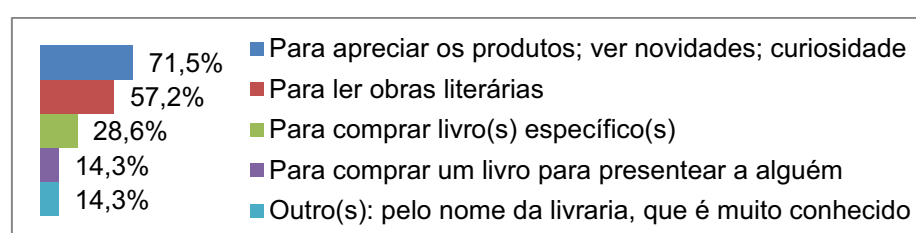


Gráfico 26: Motivos pelos quais os clientes frequentam a livraria

De acordo com o gráfico, podemos concluir que os clientes, de fato, frequentam mais a livraria para apreciar os produtos, ver as novidades ou por curiosidade. Em segundo lugar para ler obras e somente 28,6% visitam esse ambiente para comprar um livro específico. Um vendedor afirmou, como outro motivo relevante, o nome da livraria. Segundo ele, muitos a frequentam justamente por ser esse um lugar bastante conhecido e renomado.

Outra pergunta importante feita aos vendedores se refere à frequência com que os clientes os procuram para pedir sugestões de livros.

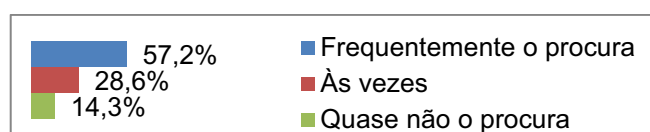


Gráfico 27: Frequência com que o cliente procura o vendedor para pedir sugestões de livros

Verificamos que o número de clientes que procura o vendedor para pedir sugestões de livros é bastante significativo. O fato de 57,2% dos leitores pedirem sugestões constantemente pode demonstrar que grande parte desse público que frequenta a livraria o faz sem ter um livro em mente para comprar ou apreciar, deixando-se fascinar pelo amplo acervo de obras expostas, entre elas as mais vendidas. Talvez por isso procurem mais aos vendedores para

pedir uma sugestão, possivelmente acreditando que grande parte deles já tenha um amplo repertório de leituras.

Dando continuidade a essa questão, e já imaginando que a procura dos clientes para sugestão de livros fosse alta, perguntamos aos vendedores como eles atuam nessa indicação de livros. Os resultados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

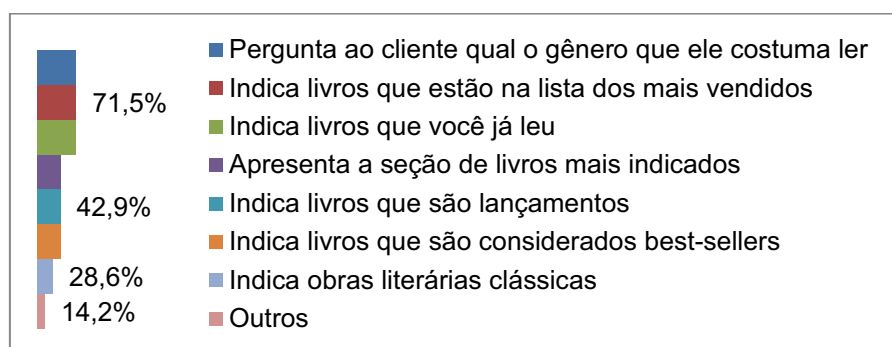


Gráfico 28: Como o vendedor atua na indicação de livros

Pode-se concluir que, 71,5% dos vendedores preferem, primeiramente, perguntar ao cliente qual o gênero que ele costuma ler para depois dar sua sugestão. Um dos funcionários adota outra estratégia: pergunta também a idade do leitor, para que possa indicar uma obra mais específica. Em segundo lugar, os vendedores indicam livros já lidos por eles ou que estão na lista dos mais vendidos. Um deles prefere não indicar livros que nunca leu. Nesse caso, pede opinião a um colega para que esse o auxilie na sugestão a ser dada ao cliente. Em terceiro lugar, esses funcionários apresentam a seção de livros mais indicados, lançamentos e *best-sellers*, talvez com a intenção de não comprometer-se tanto ao indicar um livro não lido, seguindo, assim, o senso comum.

Por fim, perguntamos aos vendedores se eles acreditam que a literatura possa acrescentar algo à vida:

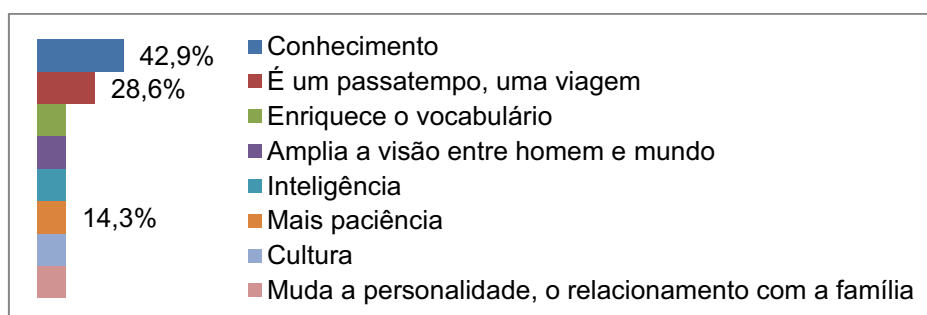


Gráfico 29: O que a literatura acrescentou à vida dos vendedores

Muitos vendedores (42,9%), tal como os clientes, veem a literatura como poderoso instrumento de aquisição de conhecimento e, em segundo lugar, como passatempo, uma viagem. O famoso discurso de enriquecimento de vocabulário também aparece entre os vendedores, dividindo o posto com a cultura e paciência. Uma das funcionárias, segundo seu depoimento, se transformou depois que começou a trabalhar na livraria. Antes, não tinha uma prática de leitura, e adquiriu esse gosto por causa do trabalho. Com esse novo universo descoberto pelas letras, modificou até mesmo sua personalidade e o seu relacionamento com a família. Outro vendedor, de 18 anos, chamou a atenção para a importância dessa primeira oportunidade de emprego que lhe surgiu. Assim como a outra colega, ele também não tinha muito o hábito de ler e hoje se sente bastante realizado com essa nova experiência.

Como vimos, por meio desses depoimentos, a leitura deu um novo sentido de vida para muitos desses vendedores-leitores. O que percebemos nessas entrevistas é que por meio desse emprego eles acentuaram ainda mais sua prática leitora, sendo essa uma agradável opção de lazer, entretenimento, conhecimento, cultura, valores humanos, entre outros aspectos.

Para finalizar, também foi indagado aos vendedores se alguma obra literária os teria marcado. Foram dadas as seguintes respostas:

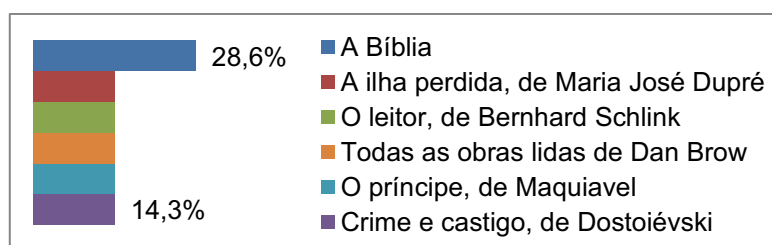


Gráfico 30: Obras literárias marcantes na vida dos vendedores

Dois vendedores, por não terem até o momento um livro marcante, mencionaram a leitura da Bíblia. Outros citaram obras lidas na infância, como *A ilha perdida*, de Maria José Dupré. Para uma vendedora, que gosta muito dos clássicos, principalmente as obras de Dostoiévski, o livro mais importante foi *Crime e castigo*. Os *best-sellers*, como os romances de Dan Brown e *O leitor*, de Bernhard Schlink, também foram aludidos.

Como se pôde perceber, as entrevistas e questionários com os vendedores foram bastante reveladores, pois mostraram que esses funcionários, antes mesmo de serem simples vendedores são também leitores, que gostam de estar sempre atualizados, bem informados. Por isso, sempre que podem, leem um bom livro, não só porque essa leitura lhes ajudará no

seu trabalho, mas também, porque essa os satisfaz como leitores. Como pudemos perceber, essa prática de leitura literária mantida por todos os vendedores deu um novo sentido de vida para eles, que se transformaram nessa inovadora descoberta.

Por esses dados apresentados é possível concluir que a livraria em questão tem uma certa preocupação, no momento da contratação, de selecionar vendedores que tenham já uma prática leitora, uma maior familiaridade com os livros, pois essa é uma forma de se aproximar mais do cliente, ajudando-o, quando necessário, na indicação de leituras, que, como foi visto, são bastante recorrentes. É importante observar, que essa megalivraria, que também vende artigos de papelaria e eletrônicos, nunca encarrega um mesmo vendedor para diferentes funções.

Assim, nesse ambiente, sempre há os vendedores que se dedicam exclusivamente à venda de livros e os demais funcionários que auxiliam nos demais departamentos independentes do universo da leitura, o que, portanto, corrobora que a referida livraria tem um maior cuidado e atenção na seleção desses vendedores-leitores, que tem um importante papel a desempenhar. Mais do que vender livros, eles atuam determinantemente na indicação de obras, diferentemente do que ocorre em algumas livrarias, em que falta maior conhecimento por parte dos vendedores, que, muitas vezes, ficam presos somente às máquinas de consulta de preço e do nome da seção em que se encontram os títulos, e mal sabem como proceder quando não estão diante dos computadores, pois, na maior parte das vezes, não conhecem sequer dados importantes da obra solicitada, como autor e gênero a qual pertencem.

Na segunda parte desse capítulo, será dada continuidade à prática da leitura literária fora da escola. Similarmente como foi feito na livraria, foram realizadas também entrevistas e questionários com os usuários de uma biblioteca pública de Goiânia. Os resultados dessa investigação seguem abaixo, no próximo item.

2.2. A Biblioteca

As bibliotecas públicas ainda são frequentadas por diferentes públicos leitores, de diversificadas faixas etárias, que visitam esse espaço não só para uma leitura descompromissada, por interesse pessoal, mas, principalmente, para estudo e pesquisas acadêmicas.

Ainda que essas informações sejam, de certa forma, animadoras, se considerar os dados revelados por pesquisas como a *Retratos da Leitura* que, como dito, aponta queda do número de usuários, a situação das bibliotecas públicas em nossa capital não é das mais

satisfatórias. Apesar de Goiânia ter mais de 1.280 milhões de habitantes,²⁴ a cidade conta apenas com três dessas instituições que não são privadas: duas são municipais e uma é estadual. Há outras públicas, mas possuem acervos especializados, que tratam de artes plásticas, artes cênicas e outros assuntos específicos. O Serviço Social do Comércio (SESC) dispõe, na capital, de quatro bibliotecas que abrem suas portas a todos os públicos, mas adota o empréstimo de livros apenas para seus associados, os comerciários. O mesmo ocorre com as bibliotecas das universidades. Embora a maioria permita o acesso a qualquer usuário, somente os estudantes da instituição são cadastrados para retirar livros emprestados.

Para atender a uma demanda tão grande de habitantes, três bibliotecas públicas não são suficientes. Analisando a situação pela qual passam tais instituições, com relação ao seu aspecto físico, os dados são ainda mais desanimadores. Em uma delas, localizada no bairro mais antigo da capital, a última reforma ocorreu no final da década de 1990 e desde então não mereceu mais atenção por parte do município. O acervo, raramente renovado, chega a aproximadamente 22 mil títulos, mas apenas seis mil livros estão disponíveis para empréstimo. A própria localização dessa biblioteca é um fator que desestimula os usuários a frequentá-la. Situada no cruzamento das duas avenidas mais movimentadas do setor, o barulho, a poluição e o tráfego intenso de veículos incomodam os visitantes, que nem contam com uma faixa de pedestre, diante da biblioteca, para atravessar.

Apesar dos muitos problemas e da falta de infraestrutura adequada, esse espaço de leitura conta com uma biblioteca virtual, disponibilizando a toda comunidade computadores ligados em rede, com ADSL, para acesso a emails e fontes de pesquisas. Sem dúvida, esse é um fator relevante, pois oferece a muitos usuários a oportunidade de ingressar no mundo virtual. Felizmente, essa inclusão digital também se faz presente nas demais bibliotecas, privadas e públicas, embora nem todas possuam um número suficiente de computadores para atender à demanda. É o que ocorre nas outras duas instituições públicas. Apesar de oferecerem aos visitantes acesso à internet, disponibilizam apenas quatro máquinas para consulta.

Antes de dar início às investigações, foi feita uma averiguação para saber qual seria a biblioteca pública eleita para a realização dessa pesquisa. Assim, visitamos duas, as mais bem localizadas e que contavam com uma maior variedade de acervo de livros. Uma delas está situada em um bairro cercado por diversas e tradicionais universidades e escolas, públicas e privadas. A primeira visita a esse ambiente foi realizada em uma sexta-feira, às 11 horas.

²⁴ Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009.

Como esse horário finaliza o período da manhã, havia muitos estudantes que pareciam ter acabado de sair da aula, pois estavam com material escolar. O movimento dos usuários era bastante satisfatório, apesar de ser ainda início de fevereiro, quando muitas escolas e faculdades nem haviam iniciado regularmente as aulas.

No interior da biblioteca, que funciona em um único piso, há uma seção de periódicos e um espaço destinado ao leitor infantil, com gibis, livros literários e jogos educativos. Além disso, como já se observou, há também quatro computadores com internet disponível para qualquer usuário. Basta que esse se cadastre para poder utilizá-lo por até uma hora. Geralmente a procura é grande, o que se pode observar pela existência de fila. Há a liberação para o acesso de concursos públicos, mas é bloqueada a entrada ao MSN, *Orkut* e gêneros afins.

Os usuários assinam, logo na entrada, um caderno de visitas que solicita as seguintes informações: nome do visitante; nome da instituição de ensino a que pertence; o motivo que frequenta a biblioteca; a data e o horário. Por esse livro de assinaturas, é possível obter uma média quantitativa de usuários que frequentam diariamente esse espaço, embora não se possa ter dados concretos, uma vez que muitos não assinam o caderno, seja por esquecimento ou por negação. Ainda assim, de acordo com os funcionários, frequentam em média 400 pessoas por dia. O horário de funcionamento é bem amplo, funcionando de segunda a sexta, das 07h30 às 22h. Mas a biblioteca não abre aos sábados, domingos e feriados.

Quanto à renovação do acervo, que conta em média com 22 mil títulos, sendo a maioria desses disponíveis para empréstimo, esta é feita com base em doações. Geralmente, a biblioteca recebe em média 300 livros novos por ano, sendo a maioria literatura goiana e infantil e juvenil. O empréstimo de livros é permitido a qualquer usuário, que tem o direito de retirar até dois livros e permanecer com os mesmos por sete dias. As obras literárias são as mais procuradas. Mas ainda se emprestam exemplares de algumas áreas do saber, como educação, filosofia, história e economia. Livros na área de administração e direito, geralmente ficam disponíveis apenas para consultas.

Os usuários são estudantes de todos os ciclos escolares, vestibulandos e universitários, que frequentam os períodos de manhã e tarde. De noite, visitam pessoas que estudam para concursos públicos. Segundo as bibliotecárias que trabalham no local, essa instituição atende como uma biblioteca escolar, tal é o número de alunos que a procuram, o que se deve, certamente, à já conhecida precária constituição das bibliotecas escolares das instituições de ensino no Brasil. Foi-lhes questionado se houve alteração significativa quanto ao número de usuários nos últimos anos. De acordo com o depoimento de uma das bibliotecárias, houve

uma diminuição, comparado à época da gestão PT (Partido dos Trabalhadores)²⁵. A última reforma, realizada em 2004, proporcionou a aquisição de vários livros novos e a inauguração, nesse mesmo ambiente, do Complexo Cultural que, desde então, conta com a biblioteca e um espaço dedicado a exposições de artes. Além disso, na época pós-reforma, havia disponíveis vários periódicos atualizados, que atraíam um maior público leitor.

Outra instituição visitada foi a biblioteca estadual, situada na região central da capital que, assim como a anterior, compõe um complexo cultural também amplamente reformado, sendo reinaugurado em 2009. Esse novo espaço conta, além da biblioteca convencional, com uma biblioteca em braile, uma ampla gibiteca, uma sala de cinema e o Museu de Imagem e Som, no qual o usuário tem direito ao uso da sala multimeios, aberta ao público para consultas e pesquisas aos acervos fonográficos e videográficos do Museu.

A biblioteca está situada nos dois pisos do prédio que abriga o complexo cultural. O primeiro pavimento possui várias estantes, algumas delas ainda vazias e constantemente catalogadas, uma vez que parte do acervo, composto em média de 60 mil livros, está voltando aos poucos para a biblioteca, desde a época da reinauguração. No piso superior há um amplo espaço com várias mesas de estudo e quatro computadores para acesso dos usuários, além de uma seção de periódicos²⁶. O usuário pode retirar até três livros e permanecer com os mesmos por sete dias. Obras literárias são as mais buscadas, mas também se emprestam exemplares pertencentes às áreas de psicologia, filosofia, história, geografia e outros campos do saber. Só há algumas restrições quanto às obras indicadas ao vestibular. Nesse caso, o usuário pode levar apenas uma de cada vez, sem direito à renovação. Nas outras bibliotecas públicas visitadas também existem esse tipos de restrições, uma vez que a procura por tais livros é muito grande e essas instituições não têm como suprir a grande demanda.

A biblioteca em questão tem um bom fluxo diário de usuários (frequentam, em média, 100 pessoas diariamente), o que se pode verificar no caderno de visitas. Nele constam as seguintes informações: data; horário; nome e motivo pelo qual frequenta a livraria. Os horários e dias de funcionamento da biblioteca são bastante democráticos: de segunda à sexta ela funciona das 8h às 17h45; aos sábados, das 8h às 16h45 e domingos e feriados, das 8h às 11h45.

Quanto à renovação do acervo, ocorre mediante doações e aquisição de novos títulos. Mas o acervo sofre um processo de substituição de livros antigos, porém em bom estado,

²⁵ Durante os anos de 2001 a 2004 a prefeitura de Goiânia esteve sob o governo de Pedro Wilson, pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT).

²⁶ Segue, como Anexo D, uma foto da Biblioteca Estadual, situada no centro de Goiânia. A respectiva imagem se refere ao espaço descrito acima, no piso superior dessa instituição.

ofertados para outras bibliotecas escolares, que carecem muito mais de exemplares do que essa.

A maioria dos usuários é composta por estudantes, de concursos públicos, vestibulandos e universitários. Mas é grande o número de pessoas que frequentam o ambiente para ler jornais. A época em que a biblioteca se encontra mais movimentada é a próxima aos vestibulares, tanto que muitas vezes nem há espaço para os usuários permanecerem no piso superior estudando. No entanto, de acordo com o depoimento de um dos funcionários, o fluxo de pessoas teria diminuído nos últimos anos, o que se deveria, em sua avaliação, ao maior acesso da população à internet.

No piso inferior, em um espaço à parte ao da biblioteca, funciona a Gibiteca. O ambiente, decorado com pinturas de personagens infantis, feitas gratuitamente por um famoso cartunista, possui ainda pufes coloridos e várias estantes com gibis (são mais de 6 mil, entre novos e usados), livros infantis e juvenis²⁷. Grande parte desse acervo foi doada por Oscar Niemeyer, o que permite que a nova gibiteca seja considerada a maior do Estado. Além disso, o espaço conta com ampla divulgação da mídia, que frequentemente aparece no local para fazer reportagens que divulguem esse ambiente como incentivador de leitura. Muitas escolas e creches a visitam constantemente, sendo necessário, muitas vezes, agendamento para um melhor atendimento. Segundo o depoimento de um dos informantes que trabalha nesse local, o número de adultos frequentadores também é grande, sendo o melhor horário o do almoço. Ainda compõe o quadro de visitantes policiais²⁸ e moradores de cidades do interior. Muitos pais acompanham os filhos pequenos, lendo livros para eles. A gibiteca aceita o trabalho de voluntários que sejam contadores de história para as crianças.

Como vimos, o perfil de ambas as bibliotecas é bastante semelhante. Além de possuírem uma boa localização, um acervo com um número razoável de livros, e contarem ainda com espaço de leitura para crianças e jovens, seção de periódicos e computadores com acesso à internet, elas são também bem frequentadas por diferentes públicos. Mas a biblioteca estadual foi a escolhida para a realização da pesquisa, uma vez que está localizada no centro da cidade e possui um acervo maior de livros, além de ser a que abriga a maior gibiteca do Estado em seu complexo cultural, recentemente reinaugurado.

A seguir, será desenvolvida a análise dos dados, expondo os resultados obtidos na investigação feita com os usuários na biblioteca escolhida. Para uma melhor visualização, as

²⁷ Segue, como Anexo E, uma foto desse ambiente, situado na Biblioteca Estadual.

²⁸ A presença de policiais nesse espaço de leitura nos instiga a pensar que tipo de gêneros literários é lido por esses trabalhadores, que lidam com a violência e opressão diariamente.

respostas aos questionários foram tabuladas em forma de gráficos e, assim como foi feito na análise dos dados dos entrevistados na livraria, também o público foi dividido em quatro faixas etárias distintas. Primeiramente, os adolescentes de 13 a 17 anos, foco de interesse nessa investigação; jovens de 18 a 22 anos, composto por vestibulandos e universitários; jovens de 23 a 29 anos, que cursam nível superior ou já concluíram a universidade e, por fim, o público adulto, de 30 a 40 anos. No total, foram entrevistados 75 informantes, em fevereiro e março de 2010.

2.2.1. Jovens de 13 a 17 anos

O movimento dos adolescentes na biblioteca é intenso, sobretudo no período da tarde. Embora públicos de faixas etárias maiores frequentem mais o ambiente, a presença desses jovens é constante, principalmente para a realização de trabalhos ou estudos em grupo. Há também adolescentes que ali estão em busca de um bom livro ou de alguma novidade.

No total foram 15 entrevistados, de 13 a 17 anos, sendo as mulheres (66,6%) a maioria. Todos são estudantes do ensino médio e 80% deles cursaram a maior parte da vida escolar em colégio público, o que já se diferencia do perfil dos adolescentes entrevistados na livraria. Tal dado, de certa forma, já era esperado, uma vez que muitas escolas públicas em Goiânia não oferecem a seus alunos um ambiente para estudo e, quando oferece, muitas vezes carece de acervo de livros e obras mais especializadas. Daí a procura por um novo espaço de leitura. Conforme o depoimento de alguns deles, a biblioteca do colégio não supre suas necessidades e há até mesmo escolas que não possuem biblioteca e, quando há, essa permanece sempre fechada.

Quando questionados sobre o motivo de frequência à biblioteca, o estudo foi o objetivo mais mencionado, com 73,7%. Em segundo lugar foram citados, igualmente com 20% cada, três motivos distintos: para leitura espontânea; para pesquisa escolar/acadêmica e para solicitar empréstimos de livros. Na terceira posição, também empatados, com 6,7% cada, aparecem: leitura solicitada pela escola ou pelo professor e outros motivos, no qual se destacou o gosto pelas bibliotecas. Esses resultados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

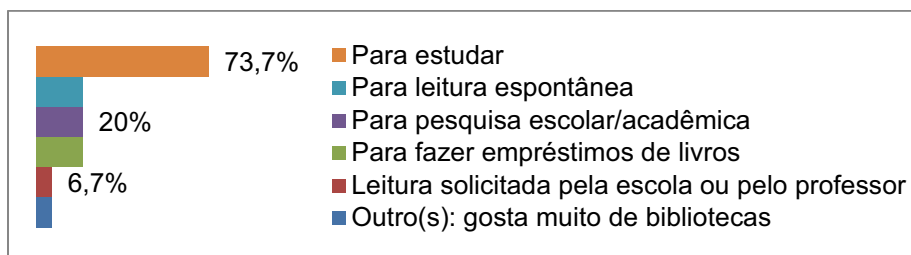


Gráfico 1: Motivo da frequência à biblioteca

A pesquisa escolar ou acadêmica, outra finalidade revelada por 20% dos adolescentes, não deixa de ser um dado curioso, uma vez que há a ideia cristalizada de que os jovens lidam com maior rapidez e praticidade nos computadores, preferindo recorrer à internet para tais consultas. Possivelmente esses jovens, cuja maioria é proveniente de escola pública, tenham optado pela pesquisa na biblioteca por não terem acesso ao computador e/ou internet, seja em casa ou na escola. Assim, não seria tão raro ver esses estudantes recorrerem a outros materiais, como os livros impressos, para pesquisa.

O fato de 46,9% ter declarado ser essa a primeira visita à biblioteca indica que há um rodízio muito grande nessa frequência dos jovens a esse ambiente. No entanto, alguns desses entrevistados afirmaram já ter o costume de frequentar outras bibliotecas públicas, além da do colégio. A alternativa “uma vez por semana” desponta em segundo lugar, com 33,5%. As demais respostas obtiveram o mesmo percentual, de 6,7%:

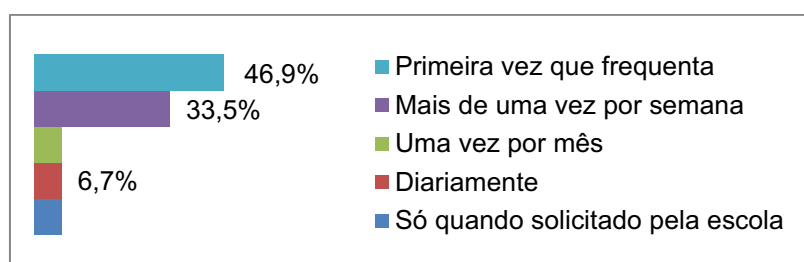


Gráfico 2: Periodicidade da frequência à biblioteca

Como podemos ver, a biblioteca, tal como a livraria, é um ambiente de leitura frequentado pelo jovem, embora os objetivos dessa visita muitas vezes se diferenciem bastante, até porque, como podemos perceber e como já foi discutido aqui, estamos diante de perfis diferenciados de adolescentes em espaços de leitura também distintos.

Segundo dados revelados pelo Primeiro Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, divulgado em 2010 pelo Ministério da Cultura (MinC), o número de vezes que os usuários frequentam as bibliotecas brasileiras também é bastante significativo. De acordo com

a pesquisa, a média de visita ao estabelecimento é de 1,9 vezes por semana, sendo os moradores do Nordeste os que mais frequentam as bibliotecas municipais (2,6 vezes por semana). Já na região Centro-Oeste, a média é de 1,8 vezes por semana.

Os fatores que mais motivam os adolescentes a frequentar essa biblioteca é a proximidade de casa, do local de trabalho ou de estudo, citados por 53,6%, e o ambiente agradável, também mencionado por 53,6% dos jovens. Em terceiro lugar, com 46,9%, está a variedade de livros e, na quarta posição, outros motivos, com 6,7%:

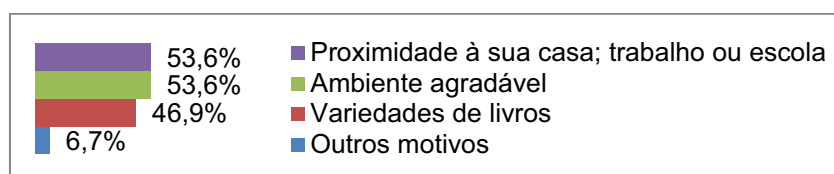


Gráfico 3: Fatores que mais motivam a frequência à biblioteca

No que se refere à periodicidade de leitura de um livro, foi constatado que 53,6% do público adolescente entrevistado na biblioteca lê mais de uma obra por mês e 13,4% leem pelo menos um livro nesse mesmo intervalo de tempo. Assim, somando-se esses dois percentuais teremos, no total, 67% de leitores contumazes, número inferior ao dos jovens da livraria, que chegou a quase 90%. A leitura de um exemplar a cada três meses foi mencionada por 20% dos adolescentes frequentadores da biblioteca e 13,4%, desse mesmo público, leem um livro por semestre.

Alguns entrevistados, nessa faixa etária, não se intimidaram ao dizer que não gostam muito de ler ou que leem somente por obrigação ou quando solicitados pela escola. Esse desinteresse ou falta de prática de leitura, em especial a literária, se percebe também nas respostas dadas à pergunta do questionário que se refere ao nome do último livro lido ou que estava sendo lido no momento da entrevista:

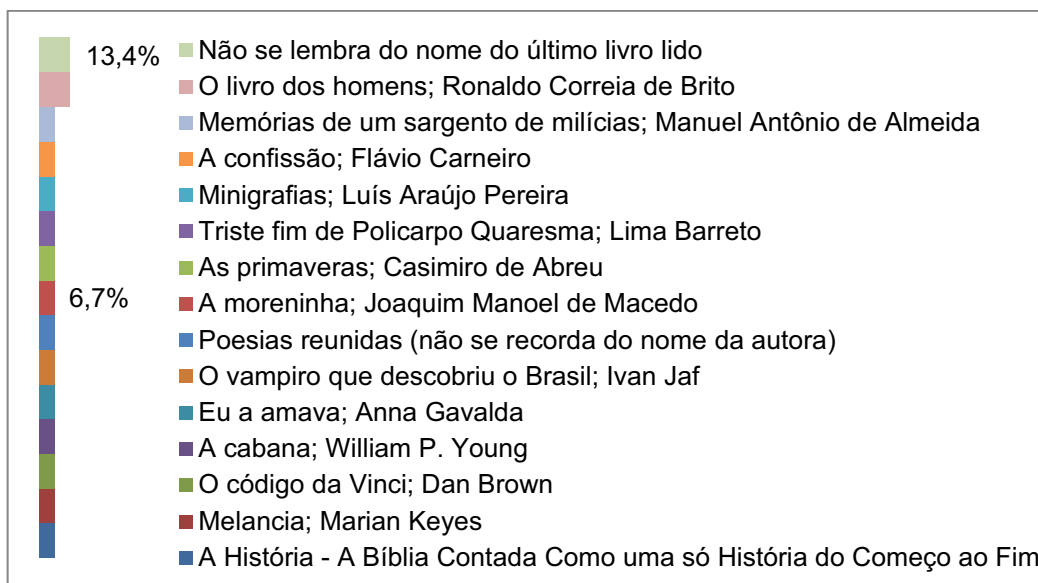


Gráfico 4: Títulos do(s) último(s) livro(s) lido(s), ou que estava(m) sendo lido(s) no momento da entrevista

Por essas respostas apresentadas vemos que é alto o número de obras solicitadas pelo vestibular ou pela escola. *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo foi a única obra literária lida por escolha pessoal. Além dessas, foram mencionados quatro *best-sellers*: *A cabana*, de William P. Young; *O código da Vinci*, de Dan Brown; *Eu a amava*, de Anna Gavalda²⁹; e *Melancia*, de Marian Keyes³⁰. E um livro religioso: *A História - A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim*, de The Zondervan Corporation (org.).

Esses dados mostram um perfil distinto do apresentado pelos jovens leitores que frequentam a livraria. Eles, que declararam ler mais, procuram muitas leituras por escolhas pessoais, além do solicitado pela escola. Entre elas, se enquadram várias obras *best-sellers*. Mas é preciso considerar se esses adolescentes frequentadores da livraria, de fato, leram tudo o que revelaram ler ou se simplesmente realizaram a compra dos livros ou o consumo das obras por um impacto da moda.

Segundo Chartier (1990), alguns leitores populares do século XVI, mais alfabetizados que os demais, se apropriavam dos livros lidos pelas elites. Na obra *O queijo e os vermes*, publicada em 1980, o italiano Carlo Ginzburg (1986) relata as leituras de um moleiro condenado como herege pela Inquisição Papal no século XVI, e conceitua a cultura como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico” (GINZBURG, 1986, p. 16). O autor, por meio dessa obra, recupera

²⁹ Escritora francesa que teve grande êxito de vendas com a publicação, em 2002, do livro *Eu a amava*, em 21 países, consagrando-se internacionalmente.

³⁰ Escritora irlandesa. Publicou vários *best-sellers* que tratam de temas que exploram o universo feminino com muito humor e leveza.

o conflito de classes em uma dimensão sociocultural, contrapondo-se, dessa forma, ao antigo paradigma que opõe cultura popular e erudita, tal como Chartier (1990), que, como o italiano, também condena essa visão dicotômica, propondo uma abordagem mais ampla, que valorize, dentro das possibilidades, o dimensionamento da cultura em termos de classes sociais.

Nesse contexto, a Biblioteca Azul, aludida por Chartier (2004), representou, a partir do século XV, em algumas regiões remotas da França, uma grande conquista às camadas populares da sociedade, em especial, os camponeses, que não tinham livros à sua disposição. A livraria ambulante, sob o intermédio dos mascates, ajudaria a encurtar a distância entre o leitor, que morava no campo, e os livros que ficavam na cidade grande. Dessa forma, os leitores rurais poderiam desfrutar, tal como os cidadãos da elite, não só de obras antigas, mas também dos textos da moda, pois havia certo interesse pela novidade. Textos religiosos, de conhecimentos úteis e de ficção cômica e burlesca também foram de grande receptividade popular.

Assim, nada impede que um leitor de classe menos abastada usufrua de uma leitura que é amplamente lida pela elite. De todo modo, os alunos entrevistados na biblioteca, a maioria oriunda de escola pública, declarou ler menos. Cabe questionar o porquê desse baixo número de obras lidas por esses jovens. Não se pode ignorar o fato de que os estudantes frequentadores da biblioteca provavelmente sejam mais imunes ao impacto consumista. A falta de acesso aos bens, seja por parte da escola, que muitas vezes não oferece biblioteca e/ou projetos de incentivo à leitura, ou mesmo em casa também poderia ser um fator relevante. Nesse caso, a questão econômica ou de origem social possivelmente poderia influenciar no comportamento de uma prática leitora. Como afirma Schön (1995 *apud* Souza, 2003), a influência da família na divulgação da leitura na infância é determinante, mas ela se fará mais presente quanto maior for o nível social e de instrução dos pais.

Possivelmente esses jovens não tenham tido tanta influência pelo meio familiar como os adolescentes entrevistados na livraria. Sem essa motivação e, conseqüentemente, sem acesso aos livros, é mais difícil que a criança cresça fascinada pelo mundo literário. E se a escola não atua como uma importante divulgadora dessa prática, a situação fica ainda mais complicada para esse jovem, que pode fechar a porta para o mundo da leitura literária e recorrer a outras formas de entretenimento e lazer, que lhe cativa e motive mais.

José Mindlin, um dos maiores bibliófilos brasileiros, que doou, em 2006, seu amplo acervo de livros para a Universidade de São Paulo, ressaltou a importância da leitura nos primeiros anos de vida como determinante na formação leitora. Segundo seu relato, ele cresceu em um ambiente cultural: “meu pai tinha paixão pelas artes plásticas e eu acredito que tenha herdado essa paixão, dirigida para o livro, embora eu também goste de artes plásticas”

(MINDLIN, 1999, p. 103). Assim, a leitura, para ele, teria sido algo que começou na infância, prolongando-se por toda a vida. Daí a formação de sua vasta biblioteca particular, que se iniciou na adolescência, quando, aos 13 anos, começou a colecionar livros.

Mas os adolescentes entrevistados na biblioteca ainda tem uma certa aversão aos livros literários. Entre os gêneros mais lidos, se destaca a leitura da Bíblia ou de livros religiosos, amplamente mencionada por eles, com 67%, sendo esse, pois, um dado que se diferencia do perfil dos jovens de 13 a 17 anos, entrevistados na livraria, que leem mais gêneros literários. Em seguida, com 53,6%, desponta a literatura infantil e/ou juvenil. Na terceira posição, com 46,9%, foram mencionados, de maneira bem diversificada, outros gêneros, entre os quais se destacam livros literários e não-literários. Romances clássicos, contos e poesias foram os menos citados:

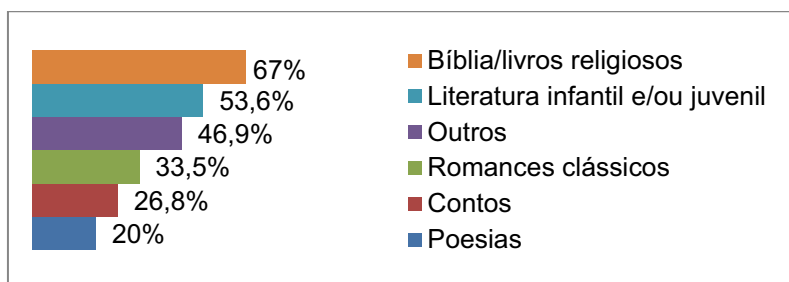


Gráfico 5: Gêneros mais lidos

A grande alusão à leitura da Bíblia pelos adolescentes entrevistados da biblioteca é um dado novo a ser discutido, uma vez que esse número foi bem maior ao revelado pelos jovens da mesma faixa etária entrevistados na livraria. De acordo com Moacyr Scliar (2008, p. 35),

A Bíblia pode ser lida de diferentes maneiras. Classicamente é considerada um texto religioso, um guia ético. Mas é também uma coletânea de esplêndidas histórias, que falam dos dramas básicos inerentes à condição humana, como é o caso do ciúme de Caim em relação a Abel. Isso explica por que um livro que começou a ser escrito há cerca de três milênios é, até hoje, um *best-seller*. Mas é um *best-seller* envolto numa auréola de respeito e mesmo de devoção.

O exposto por Scliar (2008), de certa forma, ratifica o número considerável de jovens leitores tanto da Bíblia como de livros religiosos. E esse dado pode se complementar ao da questão seguinte, que indaga a respeito da motivação do leitor para a leitura. As respostas mostram que os jovens estão lendo mais por exigência do que por prazer. Dos sete itens expostos, apenas três foram mencionados, sendo a exigência escolar ou acadêmica a mais

referida, com 60%, ultrapassando, portanto, a alternativa prazer, gosto ou necessidade espontânea, que está na segunda posição, com apenas 46,9%. A leitura por atualização cultural ou conhecimentos gerais foi o terceiro fator citado, com 33,5%.

Essas informações, veiculadas nessa resposta, complementam as anteriores que já demonstravam uma leitura realizada por obrigação ou solicitação da escola. Possivelmente isso justificaria o porquê do alto número de leitura da Bíblia ou de livros religiosos, uma vez que se pressupõe que tal leitura não se dá de forma obrigatória como ocorre com os livros literários impostos pela escola. Mais uma vez, esses dados se diferenciam bastante do perfil dos adolescentes entrevistados na livraria, em que todos leem por prazer e somente 50% leem por exigência acadêmica, discrepando, assim, daqueles da biblioteca, em que apenas 46,9% leem por gosto. Essa relação entre leitura por escolha pessoal ou por obrigatoriedade caracteriza as experiências leitoras do jovem, que, de uma maneira geral, acaba lidando com ambas.

Segundo Schön (1995 *apud* Souza, 2003), nessa idade, é comum que os adolescentes separem as leituras lidas por iniciativa própria das lidas indicadas pelo colégio, por serem essas, por vezes, desestimulantes, tal como ocorre com os jovens de 13 a 17 anos entrevistados na biblioteca. Mas nem sempre essas experiências leitoras advindas do meio acadêmico serão negativas. Como veremos nas outras faixas etárias entrevistadas, há leitores que se sentiram motivados a ler mesmo as obras lidas por exigência escolar. Assim, essa relação entre ler por prazer e ler por dever não irá se opor totalmente. Essa influência da escola na formação leitora do jovem será retomada no seguinte capítulo, que abordará a questão da leitura realizada por obrigação e por entretenimento.

Por fim, esse público respondeu por que optou pela biblioteca pública:

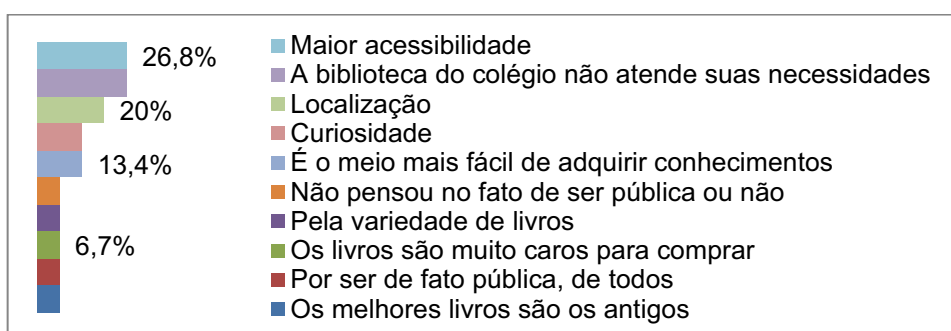


Gráfico 6: razões da opção pela biblioteca pública

Como podemos perceber, a acessibilidade foi mencionada, com 26,8%, como um fator determinante, uma vez que muitas bibliotecas particulares³¹ não oferecem a oportunidade de ceder empréstimo a qualquer leitor. Igualmente foi citado o fato de a biblioteca do colégio não atender às necessidades do aluno, não oferecendo a mesma variedade de livros e, muitas vezes, nem abrindo suas portas aos estudantes. A boa localização dessa instituição foi lembrada por 20% e a curiosidade por visitar o local foi aludida por 13,4% dos jovens. Para outros 13,4%, essa biblioteca é o meio mais fácil de adquirir conhecimento. 6,7% não pensaram no fato dessa instituição ser pública ou não.

Pelas demais respostas apresentadas, como localização, por exemplo, e até mesmo a indicação de amigos, vemos que mais entrevistados se enquadrariam nesse perfil, ou seja, de não ter dado tanta importância ao fato de essa biblioteca ser pública ou particular. Somente um jovem chamou a atenção para essa informação, destacando que essa instituição, de fato, é de todos. A grande variedade do acervo também foi mencionada (sendo essa, às vezes maior do que as particulares), assim como o fato de os livros serem muito caros para comprar. O fascínio por obras antigas foi ainda citado como atrativo e justificativa de escolha por esse espaço de leitura.

Por essas respostas vemos a importância da biblioteca pública como espaço de leitura para esses jovens leitores, que muitas vezes, não contam com esse ambiente em sua própria escola e não tem como adquirir livros por outros meios. Com esses dados revelados pelos adolescentes, cuja maioria é proveniente de colégios públicos, não seria difícil imaginar o porquê de muitos deles não lerem muito e, quando o fazem, acaba sendo mais por obrigação ou exigência acadêmica. A não acessibilidade aos livros, possivelmente seria um dos fatores da aversão do jovem pelo mundo das letras e até mesmo poderia interferir na formação de uma prática de leitura.

Esse assunto será retomado mais adiante, no seguinte capítulo, quando será abordada a relação da escola com a leitura literária. A seguir será analisado o perfil dos jovens de 18 a 22 anos.

2.2.2. Jovens de 18 a 22 anos

O público composto por estudantes universitários e vestibulandos foi a faixa etária que mais se mostrou presente nessa biblioteca. No total, foram 32 entrevistados, sendo 56,25% mulheres e 43,75% homens. Quanto à escolaridade, 62,5% cursam o ensino superior e 37,5%

³¹ Entende-se por biblioteca particular a mantida por instituições privadas.

concluíram (ou estão ainda finalizando) o ensino médio. O percentual de alunos que passaram a maior parte da vida escolar em colégio público foi, novamente, maior: 65,6% contra 21,9% que estudaram em rede particular. Ainda houve 12,5% que cursou metade de sua vida acadêmica em instituição pública e outra metade em rede privada. Entre os universitários, 34,4% estudam em faculdade particular e os outros 28,1% em universidade pública.

Esses dados demonstram que a biblioteca tem como usuário um amplo público estudantil. Tais informações se complementam com as respostas à seguinte questão, que trata o motivo da frequência à biblioteca. O estudo foi o objetivo mais citado, com 71,9% e a leitura espontânea, mencionada por 50% dos jovens, surge em segundo lugar. No terceiro posto está a pesquisa escolar ou acadêmica, com 37,5%. Outros 37,5% solicitam empréstimo de livros; 15,6% leem jornais/revistas; 15,6% utilizam o computador/internet; 15,6% alegaram outros motivos: para acessar a literatura, pois gosta muito de ler; para passar o tempo; para ler gibis; por gostar muito de biblioteca e livros antigos. Por fim, 9,4% visitam o ambiente procurando uma leitura solicitada pela escola ou pelo professor.

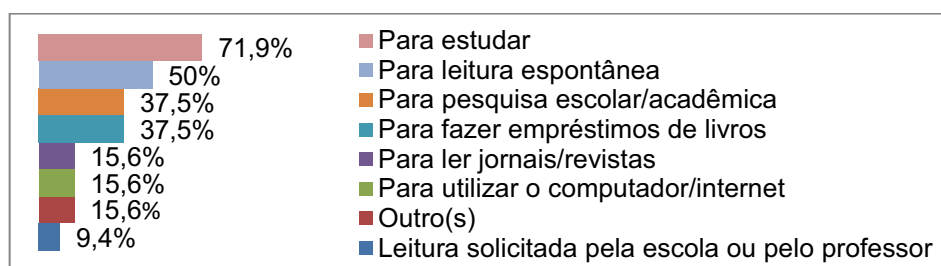


Gráfico 7: Motivo da frequência à biblioteca

Há, pois, de acordo com esses resultados, uma menor procura da biblioteca por influência ou exigência acadêmica em relação aos adolescentes entrevistados no mesmo espaço. Embora a maioria frequente esse lugar para estudo, são muitos os que buscam outros objetivos que não estão relacionados à escola ou faculdade. Como vimos nas respostas apresentadas no item “outros motivos”, há quem goste bastante do ambiente e também de leitura, por isso a visita constante a essa instituição, fato que pode ser comprovado nas seguintes respostas à questão sobre a periodicidade da frequência à biblioteca, que aponta que 21,9% dos jovens visitam mais de uma vez por semana esse espaço:

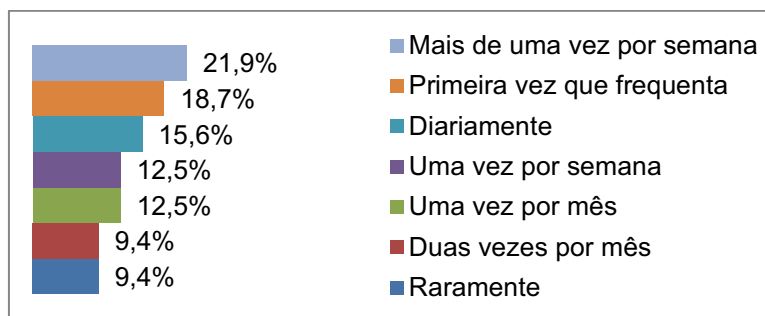


Gráfico 8: Periodicidade da frequência à biblioteca

Observa-se que a presença desse público jovem é constante na biblioteca. Até mesmo os que visitaram pela primeira vez esse espaço indicaram que frequentam outras (públicas e privadas ou da faculdade em que estudam) e gostam desse tipo de ambiente para leitura e também para estudo. Além disso, como já foi mencionado no início desse subitem, essa faixa etária foi a que se mostrou mais frequente entre todas as demais entrevistadas. A biblioteca se configura, pois, como um importante ambiente, que pode conquistar os jovens leitores e usuários, mesmo na primeira visita, quando o espaço novo e diferente pode se tornar convidativo e instigante. Por isso, muitos jovens não só retornam a esse espaço como também faz dele um lugar recorrente para estudo e leitura.

O ambiente agradável, proporcionado, sobretudo, pelo silêncio constante no piso superior, bem como a boa localização da biblioteca foram os fatores mais aludidos por esse público entrevistado para que visitem mais esse ambiente.

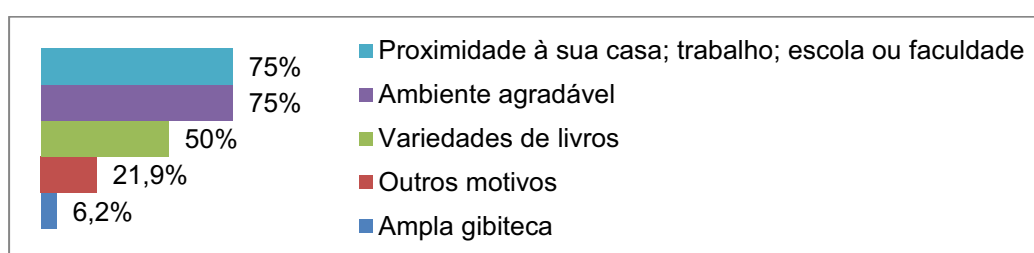


Gráfico 9: Fatores que mais motivam a frequência à biblioteca

Entre os outros motivos revelados foram citados os seguintes: o bom atendimento dos funcionários; o conforto; a organização; a disposição de livros novos e a recente reforma da biblioteca. Uma jovem universitária, de 18 anos, embora goste de frequentar esse espaço em busca de literatura, para fugir um pouco da realidade, quase não o visita, por morar muito longe. Nesse caso, o fator que mais a motiva é sua imensa força de vontade, acrescida do fato de essa instituição ser pública, o que facilita o acesso. Ela, que lê pelo menos quatro livros

literários por mês, todos por escolhas pessoais, frequentava mais na época em que era vestibulanda. Atualmente visita mais a biblioteca da universidade em que estuda.

Outro universitário, de 19 anos, sente-se atraído pela variedade de livros e a maior diversidade de temas e assuntos do acervo, que não foca somente títulos acadêmicos e universitários, como ocorre com as bibliotecas privadas. Outro fator que motiva a busca por essa instituição, que chamou a atenção, foi alegado por um jovem de 21 anos, que só possui o ensino médio. Por ele gostar de diferenciar os ambientes que estuda, não frequenta regularmente a mesma biblioteca.

Como vemos, os motivos foram diversificados, mas, ainda assim, mostram que esse público jovem gosta de frequentar bibliotecas. Se existissem mais dessas unidades acessíveis à população goianiense, distribuídas em distintos bairros, possivelmente se criaria um maior vínculo entre leitor, livros e espaços de leitura. Segundo Manguel (2006, p. 241):

Podemos imaginar os livros que gostaríamos de ler, mesmo que ainda não tenham sido escritos, e podemos imaginar bibliotecas cheias de livros que gostaríamos de possuir, mesmo que estejam muito além de nosso alcance, porque gostamos de sonhar com uma biblioteca que reflita cada um de nossos interesses e cada uma de nossas fraquezas – uma biblioteca que, em sua variedade e complexidade, reflita integralmente o leitor que somos.

As bibliotecas, mesmo na era digital, tem, pois, o poder de fascinar o leitor que a frequenta. Seja essa visita por um motivo específico – para estudo ou por exigência acadêmica – ou para uma leitura descompromissada, pode estabelecer, tal qual uma obra literária, um forte vínculo que una o leitor não somente aos livros, mas também ao espaço em que esses estão inseridos.

Os jovens entrevistados demonstraram ler mais que os adolescentes. 56,2% leem mais de um livro por mês e 21,9% fazem a leitura de pelo menos um exemplar nesse mesmo período. Somando-se esses dois percentuais, teremos quase 80% de leitores contumazes. 18,7% dos jovens informantes leem uma obra a cada três meses e alguns deles só não leem mais por já ter de fazer as leituras solicitadas pela faculdade ou vestibular, não disponibilizando de um maior tempo para leituras pessoais.

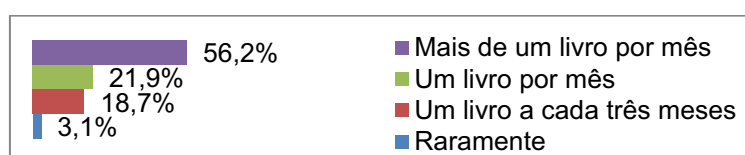


Gráfico 10: Periodicidade da leitura

Mas, como ocorreu entre os adolescentes, uma jovem universitária, de 22 anos, também confessou não gostar muito de ler e que só faz alguma leitura quando necessário. Portanto, para ela, leituras por escolha pessoal, são muito raras. Por outro lado, uma informante de 18 anos, que cursa o terceiro ano do ensino médio em rede pública, não tinha muito o hábito de ler. Adquiriu essa prática quando entrou no primeiro ano e começou a fazer as provas de vestibular (aplicadas por etapas, em cada ano do ensino médio), que exigiam leituras de obras literárias. Desde esse momento, ela passou a gostar de ler.

Casos como o dessa jovem não são muito raros e mostram que a escola, embora trabalhe com leitura literária de forma obrigatória e imposta, ainda assim consegue conquistar leitores que, mesmo tendo terminado o ensino médio e ingressado na universidade, ainda mantém o contato com obras literárias, clássicas ou não. Esse contato pode ser percebido nas respostas às questões seguintes que abordam o nome do último exemplar lido, ou que estava em processo de leitura, e dos gêneros preferidos. Os títulos dos livros foram mais variados em gênero do que os citados pelos adolescentes e apontam uma maior influência da escola, embora nem sempre a exigência ou solicitação acadêmica fosse mencionada. Foram citados, no total, 31 títulos. 12,5% dos entrevistados não se lembraram do nome do último livro lido e dois jovens estavam lendo, para o vestibular, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. *O livro dos homens*, de Ronaldo Correia de Brito e *A confissão*, de Flávio Carneiro também foram leituras indicadas para o processo seletivo; *100 contos de Machado de Assis* foi a única indicada pela escola.

Várias obras literárias clássicas foram mencionadas como escolhas pessoais. São elas: *A divina comédia*, de Dante Alighieri; *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas; *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; *O guarani*, de José de Alencar; *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Ainda foram mencionadas as seguintes obras: *Teatro de Millor Fernandes*, cujo entrevistado revelou ter profunda admiração pelo gênero teatral; a biografia *O grande gênio Albert Einstein*, de Fernanda Cury; o romance autobiográfico *Dias de paz em Clichy*, de Henry Miller; a obra infantil *O Mundo dos dinossauros*, de Garry Fleming; *O segredo de Luísa*, romance de Fernando Dolabela, voltado para administração e negócios; *Cada louco com sua mania*, de Marcio Paschoal, que retrata comportamento humano com humor; livros não-literários como *Moda e Comunicação*, de Malcolm Barnard e o *Manual de Direito Penal*, de Guilherme de Souza Nucci.

Os exemplares de literatura estrangeira ganharam certo destaque. Foram mencionados três: *O poderoso chefão*, de Mario Puzo; *Vício*, de G.H. Ephron e *Lolita*, de Vladimir

Nabokov. Os romances *best-sellers* também foram igualmente aludidos: *A cidade do sol* e *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini; e *Lua nova*, de Stephenie Meyer.

Do gênero autoajuda se destacam: *Seja o líder que todos querem ter*, de John Maxwell, e *Seja o treinador de sua vida*, de Fiona Harrold. E de filosofia: *O sagrado*, de Rudolf Otto e *De um ponto de vista lógico*, de Willard Van Orman Quine. *A Humanidade é isenta de pecado*, de Masaharu Taniguchi, destaca-se como filosofia Seicho-No-ie; *O evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec e *Ética da vida - A nova centralidade*, de Leonardo Boff, foram os dois livros religiosos citados.

Por esses dados revelados percebe-se que os gêneros são diversificados. E essa variedade também pode ser conferida nas respostas à questão seguinte, que indaga a respeito dos gêneros mais lidos. O item mais mencionado, com 71,9%, foi “outros”, cujos gêneros referidos se dividem entre livros literários e não-literários. A leitura da Bíblia e/ou livros religiosos foi significativamente lembrada com 59,3%, e os romances clássicos aparecem no terceiro posto com 50%. A Literatura infantil e/ou juvenil está em quarto lugar, empatada, com 34,3%, com os contos. O gênero poesia só foi lembrado por 28,1% dos jovens:

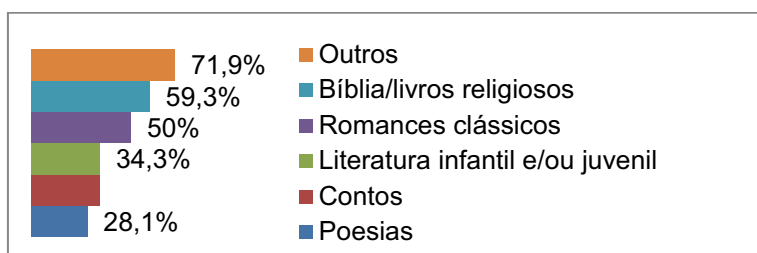


Gráfico 11: Gêneros mais lidos

Como motivações para se ler um livro, o prazer, gosto ou necessidade espontânea aparece, dessa vez, em primeiro lugar, com 84,3% e a exigência escolar ou acadêmica ocupa o segundo posto, com 53,1%. Esses dados já se diferenciam dos revelados pelos adolescentes, que leem mais por exigência do que por gosto ou prazer. 50% dos jovens leem para obter atualização cultural ou conhecimentos gerais e 25%, por motivos religiosos. O item “outros motivos” foi mencionado por 9,4%, e se destacam a leitura em busca de crescimento pessoal ou por emoção. De acordo com o depoimento de uma estudante, a leitura dá uma visão de mundo mais ampla, sobretudo ao jovem, sendo uma descoberta. Segue, abaixo, a disposição das informações no gráfico:

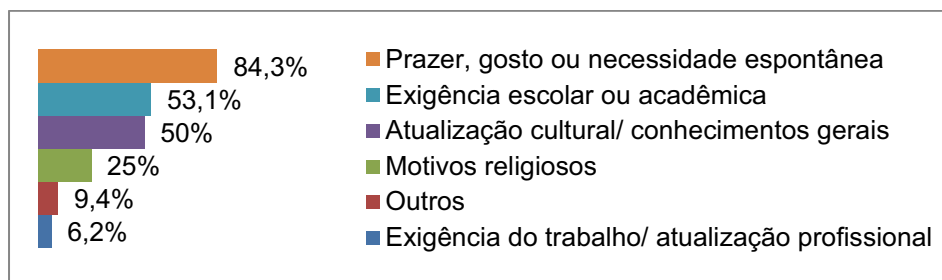


Gráfico 12: Motivações dos leitores

Esses dados revelados mostram-se semelhantes aos revelados pelos jovens, dessa mesma faixa etária, que foram entrevistados na livraria. Ainda que muitos leiam por alguma solicitação acadêmica, o que de certa forma é esperado, já que estamos diante de vestibulandos e universitários, grande parte desses estudantes leem também por prazer e realizam leituras por escolhas pessoais, embora muitas delas envolvam *best-sellers*, autoajuda, livros não-literários etc.

Por fim, foi solicitado aos jovens que justificassem o porquê de terem optado pela biblioteca pública. Segundo o depoimento de 46,9% deles, as bibliotecas particulares são mais restritas, mais fechadas e disponibilizam mais livros acadêmicos e universitários. Na pública, por sua vez, não haveria muitas exigências e nem burocracia, tendo mais acessibilidade e, conseqüentemente, atendendo um maior público. Além disso, frequentam usuários de todos os níveis econômicos e de todas as idades.

Em segundo lugar foram mencionados dois fatores que não estão diretamente relacionados ao fato de essa instituição ser pública ou não: 34,3% elegeram esse espaço por ser próximo a sua casa e outros 34,3% fizeram essa escolha por gostar do ambiente, para eles, mais calmo, silencioso, confortável e diferente. A variedade de títulos foi o terceiro fator a ser mencionado por 21,9%. Muitos elogiaram o grande acervo disponível, ou seja, o grande número de exemplares, inclusive de volumes novos. 9,4% dos entrevistados não sabiam da existência de bibliotecas particulares e outros 9,4% disseram estar ali por indicação de outrem. Em quinto lugar foi mencionado, por 6,2%, o fato de a escola em que estuda não ter biblioteca. A sexta posição foi dividida, com 3,1%, por diversas justificativas: pela organização; pela boa disponibilidade do horário de atendimento ao público; por essa ser a única biblioteca que conhece e, por fim, por não ter condição de comprar livros.

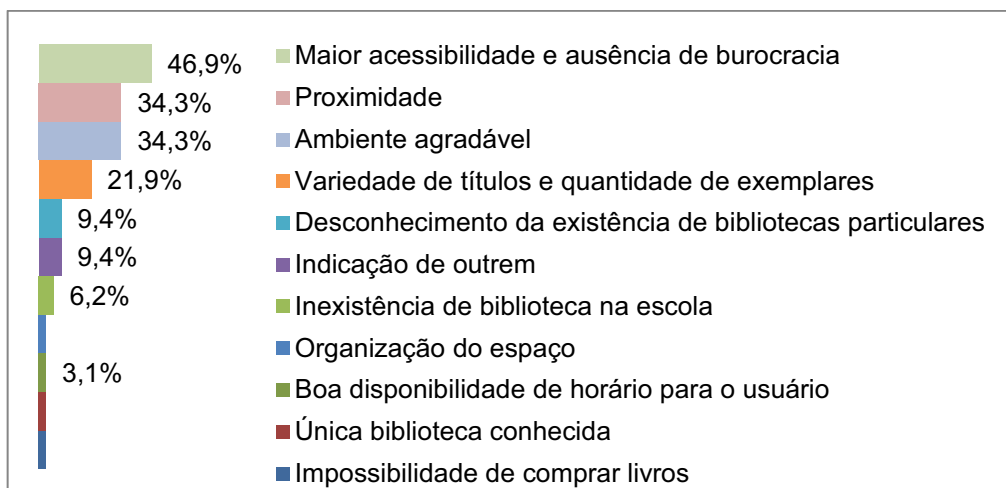


Gráfico 13: Razões da opção pela biblioteca pública

Por esses dados apresentados vemos, mais uma vez, a importância dessas instituições públicas para grande parte da população que não tem acesso a livros e ainda conta com poucas opções de espaços de leitura. Alguns entrevistados sequer sabiam da existência de bibliotecas particulares, abertas ao público, na capital goiana. Acreditavam ter somente as públicas. E já para outros, essa era a única instituição desse gênero conhecida.

Mesmo a cidade de Goiânia carecendo de mais espaços de leituras como esse investigado, percebemos, nessa faixa etária entrevistada, que a leitura de obras literárias ainda se faz presente. Muitos desses jovens, a maioria deles universitários, continua lendo e parte de suas escolhas para leitura está, de certa forma, relacionada à literatura. A seguir será exposto o perfil dos jovens de 23 a 29 anos.

2.2.3. Jovens de 23 a 29 anos

Os jovens na faixa etária de 23 a 29 anos frequentam regularmente a biblioteca. Dos 19 entrevistados, 47,3% eram mulheres e 52,6% homens. Todos eles possuem (ou estão cursando) ensino superior. 47,3% desse grupo também passou a maior parte da vida escolar em colégio público e 26,3% em escola privada. Outros 26,3% cursaram metade de seus estudos em rede pública e outra metade em instituição particular ou conveniada. 57,9% estudaram ou cursaram faculdade privada e 42% em universidade pública.

O estudo é o objetivo principal de 79% desses jovens, cuja maioria se prepara para a realização das provas de concursos públicos. Nesse caso, alguns deles usufruem apenas do espaço confortável e silencioso oferecido por esta instituição, uma vez que trazem seus

próprios livros, apostilas e materiais didáticos. Outros recorrem também aos exemplares disponíveis na biblioteca. A solicitação de empréstimos de livros foi mencionada por 36,8% dos informantes e 26,3% frequentam o ambiente para realizar leitura espontânea; outros 26,3%, para pesquisa acadêmica; 21% para ler jornais ou revistas; 15,8% citaram outros motivos: a busca por maior sossego ou por conhecimentos específicos e ainda por gostar de frequentar esse espaço no tempo livre. Por fim, 10,5% visita o ambiente em busca de uma leitura solicitada pela faculdade ou pelo professor³².

Esse público também se mostrou bastante frequentador do ambiente: 36,8% deles visitam mais de uma vez por semana esse espaço; 21% marcam presença diária; 15,8% frequenta pelo menos uma vez ao mês; 10,5% uma vez por semana; 10,5% raramente aparecem e 5,26% realizavam a primeira visita a essa biblioteca. Um estudante universitário, de 25 anos, que gosta de frequentar esse ambiente, visita regularmente não apenas essa instituição, como também a da faculdade. Outra jovem, da mesma idade, frequenta esse espaço desde os tempos em que cursava o ensino médio, por não ter condição de comprar livros.

Quanto aos fatores que mais motivam a frequência, se destacam: o ambiente agradável, com 73,6%; a proximidade à sua casa, trabalho, escola ou faculdade, com 68,4%; a variedade de livros, com 31,5%; a ampla gibiteca, com 10,5%, e foram ainda mencionados outros motivos, como o bom atendimento dos funcionários e a renovação do acervo (10,5%).

Muitos desses jovens não demonstraram ler tanto quanto a faixa etária anterior: 42% declararam ler mais de uma obra por mês e 26,3% leem um livro nesse mesmo intervalo de tempo. 15,8% realizam a leitura de um exemplar a cada três meses; 10,5% leem um título por semestre e 5,26% raramente o fazem. Podemos supor que eles leiam menos por estarem, no momento, se dedicando aos concursos públicos. Por isso, a frequência diária de muitos deles, que passam, literalmente, o dia todo debruçados em livros e apostilas. Isso foi revelado por alguns informantes, mas pode também ser facilmente observado em visitas constantes a esse ambiente.

Um jovem, de 24 anos, raramente lê um livro, pois está estudando para concurso. Ele declarou que lia mais quando estava no terceiro ano do ensino médio e, atualmente, por falta de tempo, não lê, embora goste muito. Outro informante da mesma idade, que frequenta há sete anos essa biblioteca, não lê muitos livros literários por falta de costume, por não ter tido estímulo de ler literatura. Sua preferência são os livros religiosos e de autoajuda que, segundo

³² Diferentemente das outras faixas etárias entrevistadas, que eram foco de maior interesse, nessa e na seguinte (referente aos adultos) não serão expostos os gráficos.

ele, são sua motivação. Uma estudante universitária, de 26 anos, só lê livros literários nas férias e um rapaz, de 25 anos, também não tem costume de ler obras literárias.

Por esses depoimentos apresentados vemos que a escola, para alguns deles, se mostrou determinante na indicação de leituras literárias, sendo essas positivas para esses leitores que, embora atualmente leiam menos livros desse gênero, não deixaram de se identificar com os mesmos. Já para outros, o que faltou foi uma maior motivação por parte do meio acadêmico no incentivo da leitura de obras literárias. Possivelmente, esses jovens que revelaram não ler por falta de hábito não tiveram também alguma influência leitora quando pequenos, por parte dos pais ou de outra pessoa da família. Se assim o fosse, provavelmente teriam continuado lendo, mesmo depois de concluído o ensino básico, ainda que a escola não tenha relegado experiências positivas, pois as leituras realizadas na infância parecem exercer um forte poder na formação leitora do indivíduo, podendo ser capaz de transpassar, por vezes, até mesmo as marcas mais negativas deixadas pela leitura literária vista na escola.

Os livros lidos no momento ou os últimos lidos foram diversificados. Alguns informantes não se lembraram da última obra lida. O máximo que se recordavam era o gênero, sendo um autoajuda e o outro um livro religioso escrito por um psicólogo. No total foram citados 19 títulos. Somente um exemplar foi mencionado como solicitação acadêmica: *Elenco de cronistas modernos*, de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e outros escritores. *Os sertões*, de Euclides da Cunha, foi citado como escolha pessoal. Da literatura brasileira contemporânea destaca-se ainda *Tróia - O Romance de uma Guerra*, de Claudio Moreno. Também eleitos espontaneamente dois clássicos da literatura portuguesa: os *Melhores poemas de Fernando Pessoa* e *Contos* de Florbela Espanca. Como literatura estrangeira foram aludidas duas obras: *Volta ao mundo em 80 dias*, do escritor francês Júlio Verne e *A Pomba*, do alemão Patrick Suskind. *Maus*, uma história em quadrinhos publicada em formato de livro, produzido pelo estadunidense Art Spiegelman, foi outra obra estrangeira mencionada.

Dos *best-sellers* somente dois foram citados: *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, e *Fortaleza digital*, de Dan Brown. De autoajuda, apenas um: *O monge e o executivo*, de James C. Hunter. Entre os livros religiosos foram aludidos dois: *Bem-vindo, Espírito Santo*, de Benny Hinn, e *Heróis da Fé*, de Orlando Boyer. Outras obras não-literárias também são apontadas e destacam-se em diversos gêneros: *Pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire; *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado; *A indústria do holocausto*, de Norman G. Finkelstein; *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles e a biografia *Os sinos de Wittenberg*, de Abdon de Moraes Cunha.

Essa diversidade de temas pode ser verificada nas respostas à questão seguinte, que indaga a respeito dos gêneros mais lidos. Com 73,6% a alternativa “outros” foi a mais citada, destacando-se diversos assuntos, que se subdividem entre livros literários e não-literários. Em segundo lugar, despontam a leitura da Bíblia ou de livros religiosos, com 52,6% e na terceira posição, com 36,8%, estão os romances clássicos. A Literatura infantil e/ou juvenil foi referida por 26,3%, mesmo percentual dos que aludiram ao gênero conto. A leitura de poesias só foi mencionada por 10,5%.

A leitura realizada por prazer ou gosto foi ainda maior do que a revelada pelas demais faixas etárias entrevistadas: 89,4%. Em segundo lugar, a atualização cultural ou conhecimentos gerais aparece com 52,6%. A exigência escolar ou acadêmica foi mencionada por 36,8% contra 31,5% que fizeram referência a uma exigência ou atualização profissional. Os motivos religiosos surgem na quinta posição, com 26,3%. E o item “outros motivos” foi aludido por 21%, que leem por vício; por iniciativa própria; em busca de crescimento pessoal e pelo fato de a leitura ampliar uma visão de mundo.

Quando lhes foi questionado o motivo pelo qual optaram pela biblioteca pública, várias respostas foram dadas. 63,12% citou a maior acessibilidade e liberdade (não há guarda-volumes), além da ausência de burocracia, pois a biblioteca não impõe restrições, como outras que não são públicas e, por isso, leva os usuários a sentirem-se excluídos. Ainda relacionado a esse item, os entrevistados afirmaram que nesse ambiente se tem tudo aquilo de que se precisa, várias fontes de conhecimento, sendo um lugar acessível para saberes diversos. Em segundo lugar, com 26,3%, foi aludido o fato de esse espaço ser tranquilo, silencioso, além de ser um ambiente limpo.

A localização e a proximidade também foram mencionadas, com 15,8%. Em quarto lugar, com 10,5%, foram citados três fatores diferentes: a variedade de títulos; por essa instituição ser pública, gratuita, um patrimônio cultural e o bom atendimento dos funcionários. Com 5,25%, diferentes entrevistados frequentam ainda: por causa da gibiteca; pelos livros novos; por não ter condição de comprar livros; pela possibilidade de fazer empréstimo de um exemplar e poder permanecer uma semana com o mesmo; e, por fim, por esta instituição ter sido indicada por uma colega que gostou do ambiente e de sua variedade de livros.

Os dados revelados por essa faixa etária não deixam de ser relevantes para análise. Muitos deles declararam não ler mais literatura, sendo essa interrompida com a conclusão do ensino médio e o ingresso na universidade. Alguns alegaram falta de tempo e outros não se sentiram influenciados, por parte da escola e dos professores, para essa prática, o que não

deixa de ser mais uma crítica a esse tipo de ensino apregoadado em muitos colégios, que visam mais o lado historiográfico e estrutural do que a própria obra literária.

Embora esse público frequente regularmente esse ambiente, seus objetivos ali se diferenciam dos outros citados pelos grupos anteriores de jovens entrevistados. Muitos ainda são universitários ou estudantes de concurso público e o que se percebe é que a preocupação de muitos deles, no atual momento, é com a vida profissional e a imersão no mercado de trabalho via cargo público. Nesse ponto, eles se assemelham com o outro público entrevistado: os adultos, de 30 a 40 anos.

2.2.4. Adultos: de 30 a 40 anos

Ainda que o número de adultos que frequentam a biblioteca seja alto, esse público foi o menos abordado, uma vez que o foco de interesse nesse estudo são os jovens, sobretudo os adolescentes que ainda cursam o ensino médio. No total, foram 9 entrevistados, sendo 55,5% mulheres e 44,4% homens. 88,8% possui ensino superior e 55,5% passou a maior parte da vida escolar em rede pública, contra 22,2% que estudaram em particular e 22,2% que cursou metade em pública e outra parte em colégio privado. Quanto à faculdade, 77,7% graduou-se em instituição pública.

Os motivos pelos quais frequentam a biblioteca foram diversificados, mas 77,7% dos entrevistados apontaram o estudo. Assim como a outra faixa etária entrevistada, alguns dos informantes também se preparam para concurso público e uma minoria ainda cursa faculdade. Em segundo lugar, eles buscam o empréstimo de livros. Na quarta posição, estão os que procuram a leitura por escolha própria e 22,2% visitam a biblioteca para realizar alguma pesquisa escolar ou acadêmica. Por fim, 11,1% declararam outro motivo: adorar ler.

Quanto à frequência, 44,4% visitam mais de uma vez por semana; 22,2% diariamente; 11,1% frequenta pelo menos uma vez na semana; 11,1% raramente aparecem e para outros 11,1%, essa foi a primeira visita. O ambiente agradável foi eleito, por todos, o fator que mais os motiva a frequentar essa instituição. Em segundo lugar, com 66,6%, foi aludida a proximidade e a variedade de livros foi mencionada por 33,3%. A ampla gibiteca aparece com 22,2%.

Além da frequência significativa, outro dado animador nessa faixa etária foi revelado: 88,8% deles leem mais de uma obra por mês e 11,1% leem pelo menos um livro nesse mesmo intervalo de tempo. Sem dúvida, esse é um dado relevante, uma vez que o número de estudantes universitários é bem menor se comparado aos jovens de 18 a 22 anos e de 23 a 29

anos que foram entrevistados nesse mesmo espaço. No entanto, a leitura de *best-sellers* é a que mais domina entre eles. Dos seis livros citados como lidos no momento ou o último lido, três se enquadram nesse gênero: *Anjos e Demônios* e *O código da Vinci*, de Dan Brown e *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini.

Um livro de autoajuda foi mencionado: *O segredo*, de Rhonda Byrne. Além deles, duas obras de nossa literatura foram referidas: *Infância*, de Graciliano Ramos e *Teresa Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado. Dois informantes liam no momento somente a Bíblia e não se recordavam do nome do último exemplar lido. Outro entrevistado também não se lembrava do título, só afirmou ser de um escritor espanhol.

Esses livros citados pelos entrevistados se enquadram nos gêneros que eles mencionaram como os mais lidos. A leitura da Bíblia ou de livros religiosos foi a mais referida, com 66,6%. Os outros gêneros aparecem em segundo lugar, com 44,4%, e se destacam os seguintes: literatura estrangeira; autoajuda; filosofia; misticismo; policial e livros técnicos. A terceira posição ficou dividida, com 33,3% para cada, entre os contos e os romances clássicos. As poesias foram mencionadas por apenas 11,1%.

Quanto à motivação para se ler um livro, se destacam o prazer, gosto ou necessidade espontânea, com 88,8%. A atualização cultural ou conhecimentos gerais aparece em segundo lugar, com 44,4%. O terceiro posto é dividido, com 22,2% para cada, entre exigência escolar ou acadêmica e motivos religiosos. Apenas 11,1% leem por exigência do trabalho ou atualização profissional.

A maior acessibilidade foi mencionada, por 55,5%, como justificativa à opção pela biblioteca pública. Segundo eles, não há burocracia para fazer cadastro e, conseqüentemente, efetivar o empréstimo de livros. As demais justificativas, mencionadas por 11,1% cada, foram: por essa instituição ser pública e, de fato, de todos; por oferecer livros de boa qualidade; por adorar leitura e não ter uma biblioteca próxima a sua casa; por gostar de ler gibis e por haver uma maior variedade de livros.

Um entrevistado, de 35 anos, afirmou frequentar o ambiente somente para ler gibis. Ele fez uma crítica aos jovens, afirmando que eles teriam perdido a identidade, a inspiração para ler até mesmo histórias em quadrinhos, que, segundo ele, não se restringem apenas às crianças (muitas pessoas se recordam apenas da “Turma da Mônica” e outros tipos de gibis infantis). Mas, segundo o entrevistado, há muitas histórias que abordam temáticas adultas, como filosofia e história. No momento da entrevista ele lia uma revista em quadrinhos escrita por um filósofo internacional famoso que retratava a sociedade da época. O leitor teceu ainda

uma crítica às bibliotecas públicas, por contarem com acervo insatisfatório e poucos livros antigos, o que ocorreria em razão do insuficiente investimento por parte do governo.

Outra informante, da mesma idade, foi ainda mais categórica ao criticar a situação pela qual passam essas instituições. Segundo ela, o governo não dá incentivo para a prática da leitura, por isso, não cria mais bibliotecas públicas que, além de não serem suficientes, não oferecem qualidade, como um bom acervo, ambiente agradável e silencioso para leitura. A leitora em questão declarou morar longe e ter de frequentar essa biblioteca, que é a única que abre nos fins de semana. Próxima a sua casa, na cidade de Aparecida de Goiânia, até há uma biblioteca pública, mas, de acordo com a entrevistada, os próprios funcionários não respeitam o ambiente. Falam alto, gritam e sequer se importam com os usuários que ali frequentam e necessitam de silêncio para leituras.

Para ela, a única biblioteca pública de qualidade em Goiânia é essa em questão, pois além de ter uma grande variedade de livros, funciona nos finais de semana, é silenciosa, e os funcionários respeitam os usuários. As bibliotecas de universidades, assim como as particulares, seriam excelentes, segundo a entrevistada, mas limitam os frequentadores, não emprestando livros para quem não é estudante da instituição ou associado. Por isso, ela clama por um maior incentivo do Governo, que tem de criar mais espaços como esse e que ofereçam qualidade.

Essas palavras proferidas por esses dois adultos, contumazes leitores e amantes da leitura, demonstram sua preocupação não só com a carência de bibliotecas públicas e de qualidade, mas também com os jovens que se formam sem cultivar quaisquer interesses pela leitura, seja literária ou não. A criação de mais ambientes como esse, em que foi feita a investigação, é de suma importância para a população em geral. Como afirma Wilson Martins (2002, p. 325), a biblioteca desempenha “o papel essencial na vida das comunidades modernas: é em torno dela que circulam todas as outras correntes da existência social”. Para o jovem, que ainda cursa o ensino fundamental e médio e está em formação, esse espaço se revela ainda mais importante. Como vimos, muitos deles não têm acesso a esse ambiente nem em sua própria escola, o que quebra, de certa forma, o vínculo com a formação de leitura literária.

No próximo item será apresentada uma entrevista realizada com as duas bibliotecárias que trabalham na biblioteca estadual em que foi realizada a pesquisa com os usuários, a fim de que esses dados venham somar-se aos colhidos entre os leitores entrevistados.

2.2.5. Um diálogo com as bibliotecárias

Duas bibliotecárias compõem o quadro de funcionários que trabalham na biblioteca, ao lado de quatro atendentes. Com a finalidade de complementar os dados revelados pelos leitores usuários, e também de conhecer o perfil de leitora de ambas funcionárias foi elaborado, assim como foi feito com os vendedores da livraria, um questionário para ser respondido pelas bibliotecárias. Como foram apenas duas entrevistadas não foi feito um levantamento de gráfico das respostas apresentadas, uma vez que ambas responderam juntas às questões pertinentes à biblioteca, sendo, pois, individuais apenas as respostas referentes a perguntas mais pessoais, relacionadas à sua formação como leitoras. O modelo do questionário segue como Apêndice D. Ambas foram identificadas como B1 e B2.

No que se refere à forma de atendimento ao usuário, essa ocorre, segundo revelado pelas bibliotecárias, mediante o auxílio dos atendentes que ali trabalham. Se algum usuário precisa de ajuda, qualquer um dos funcionários desse espaço, inclusive as bibliotecárias, estão sempre dispostos a colaborar no que for necessário. Mas é o usuário que os procuram e não os atendentes, como ocorrem nas livrarias. Diferentemente também do que ocorre na loja de livros, a procura do usuário ao atendente ou bibliotecário para pedir sugestões de títulos é pouco frequente. Mas, quando acontece, os funcionários primeiro perguntam ao leitor qual o gênero que ele costuma ler para depois dar a sugestão deles. Às vezes indicam livros já lidos por eles ou outros gêneros.

De acordo com as bibliotecárias, a grande maioria dos usuários visita o espaço em busca de uma leitura espontânea; estudo; empréstimo de livros, serviço que é diariamente bastante requisitado; leitura de jornais e o uso dos computadores. Esses motivos se assemelham aos revelados pelos usuários. No entanto, elas enfatizaram mais a procura por leitura espontânea, que, embora tenha sido referida por todas as faixas etárias, não apareceu em nenhum momento como fator mais importante, perdendo vez para o estudo, que desponta, significativamente, entre todos os grupos entrevistados, em primeiro lugar. O que se pode pressupor é que ambas as funcionárias possam ter considerado leitura e estudo como um mesmo fator, tomando como base o número de usuários que utilizam o espaço reservado a essas duas atividades.

Analisando como foi o primeiro contato das bibliotecárias com a leitura, percebemos que a influência advinda de casa, na infância, se faz significativamente presente em suas vidas. Ambas tiveram, desde pequenas, um estreito vínculo com a leitura, sendo incentivadas,

principalmente, por alguém da família. Tal prática acabaria por determinar, na fase adulta, a escolha da profissão.

A entrevistada B1, de 50 anos, escolheu ser bibliotecária por ter um forte histórico de leitura na família. Ela foi criada em uma biblioteca, por influência da mãe, que trabalhou em uma biblioteca municipal ao longo de sua vida profissional, até aposentar-se. Além disso, seu pai foi um dos pioneiros, em Goiânia, na publicação de um jornal local. A informante, portanto, segundo suas palavras, nasceu no meio da informação e da leitura. Por isso, desde pequena, se sentiu muito influenciada a ler, e sempre gostou muito dessa prática, tanto que quando foi optar por um curso universitário deu preferência à área de humanas e, por fim, escolheu o curso de biblioteconomia por ter esse profundo contato com o livro e a leitura desde a infância.

Já para a informante B2, de 41 anos, o que mais a marcou como leitora foram as leituras feitas na infância, em uma cidade do interior de Goiás. Como nesse pequeno município não havia nenhuma biblioteca, ela lia os diversos romances da série *Sabrina*, publicados em formato de revista, e que eram emprestados por uma vizinha. Embora a mãe a incentivasse a ler desde pequena, condenava esse tipo de leitura juvenil, achando-a pernicioso. Por isso, ela lia escondido, junto com as irmãs. Mas foi a leitura desse gênero que a teria motivado a ler outras, na fase adulta, e essa prática a teria levado a optar pelo curso de biblioteconomia. Assim como a colega, sua vida foi marcada pelo forte vínculo com o livro e a leitura.

Lajolo e Zilberman (1996) classificam essa leitura escondida do adulto como clandestina, por nada ter de pragmática. Além disso, são leituras condenadas não só pelos adultos, mas também pela escola. No entanto, as leituras feitas às escuras, sem interferência de outrem, podem se realizar, segundo as autoras, ao contento do leitor, que frui o objeto lido de maneira ainda mais prazerosa, levando essa singela leitura da fase infantil para a vida adulta. Pelo depoimento colhido, pôde-se constatar o que aconteceu com a respectiva bibliotecária.

Fraisse (1997) chama a atenção para a importância desses relatos autobiográficos, pois por meio deles pode-se descobrir o que leva um leitor a aprender a ler, compreendendo-se a relação que se estabelece entre essa prática leitora ocorrida nos primeiros anos de vida e a formação leitora da vida adulta. Por meio dos dois depoimentos acima, foi possível perceber que a escolha da profissão de bibliotecária acabou sendo fortemente influenciada pelas leituras da infância e pelo ambiente familiar, referências determinantes na vida dessas duas leitoras. Segundo Pompougnac (1997, p. 14), “Discursos ilustrados e imagens legendadas

unem, e por muito tempo, leitura e infância, marcando as representações da leitura com traços característicos das leituras escolares e juvenis”.

Quando questionadas sobre os tipos de livros gostam de ler, B1 alegou ler mais romances, do gênero aventura, por influência do marido. Já B2 prefere, além de romances, livros de autoajuda. No que se refere à periodicidade da leitura, ambas responderam que, infelizmente, não leem muito por falta de tempo. B1 afirmou ler um livro de seis em seis meses, no período das férias ou em feriados prolongados. Já B2 tenta ler pelo menos um por mês, nas horas livres. O último livro lido por B1 foi *Marley e eu*, de John Grogan. E B2 afirmou estar lendo *O segredo*, de Rhonda Byrne e *O monge e o executivo*, de James C. Hunter.

Como se pôde perceber, os livros lidos por ambas se enquadram nos gêneros que elas revelaram gostar mais de ler. As obras lidas na infância foram as mais marcantes para B1, que citou *Meu pé de laranja lima* e *Rosinha, minha canoa*, ambos de José Mauro de Vasconcelos, como as mais determinantes, reiterando, pois, a importância da escola, nas primeiras séries, como formadora de leitura, com a literatura infantil, que no Brasil tem uma produção de boa qualidade. Já para B2, a obra que mais a teria marcado foi *O tronco do Ipê*, de José de Alencar.

Sobre o que a leitura acrescentou à vida, respostas positivas foram dadas, revelando que a leitura, para ambas, representam algo significativo. Para B1, a leitura literária engrandece, contribuindo de todas as formas: intelectual, cultural e afetiva. Já para B2, a literatura é tudo na vida. Dá *status* e é a única herança que se pode deixar aos filhos, que acabam seguindo o passo dos pais, adentrando no universo da leitura.

O que se pôde perceber, por meio desses relatos apresentados por ambas bibliotecárias, é que elas, embora tenham sido influenciadas, desde pequenas, para a leitura, considerando-a significativa para a vida, leem pouco, menos até do que os usuários que frequentam a biblioteca. Se a prática leitora é tão determinante para elas, cabe questionar o porquê de ambas não lerem tantos livros, sendo que trabalham diariamente num local em que estão rodeados por eles. As duas funcionárias alegaram falta de tempo. Mas seria essa realmente a razão?

É importante considerar que há um discurso cristalizado sobre a importância da leitura e que isso, certamente, determina os discursos em geral, como se falar diferente disso soasse heresia. Contudo, na prática, o que se vê é que algumas pessoas não leem muito, mesmo os profissionais mais envolvidos com livros. Foi o que se pôde constatar, não apenas no relato das bibliotecárias, mas também no discurso de muitos leitores entrevistados, seja na livraria

ou na biblioteca. No espaço da *megastore*, possivelmente esse discurso se faça ainda mais presente, pois, como vimos, esse ambiente se configurou não apenas para leitura, mas também para comercialização do livro. Assim, ir para uma megalivraria, embora seja atrativo e interessante ao leitor, gera *status* e poder, tal como foi referido pela informante B2.

Circular em uma livraria que resgata o estilo das tradicionais bibliotecas é uma prática bastante comum nos centros urbanos. E quanto mais importante a *megastore*, maior ainda o movimento. Quem, por exemplo, não gostaria de ser visto caminhando por todos os espaços da elegante *El Ateneo*, situada em Buenos Aires?³³ Mas, além do *status* proporcionado, esses tipos de ambiente são capazes também de seduzir leitores. Conforme afirma Cruvinel (2008, 113), “mais que espaço da prática comercial, é lugar de recolhimento e apreciação, uma vez que é cenário de culto ao livro e à arte”. Por isso, atualmente, é tão frequentado, por distintos leitores, de diferentes idades, mesmo vivenciando-se a época das novas tecnologias e mídias eletrônicas.

Como se vê, a biblioteca e a livraria se configuram como importantes espaços de leitura, por oferecem acesso aos bens de consumo cultural que podem levar à formação de uma prática de leitura. Mas e a escola? Estaria ela contribuindo para o incentivo e difusão de uma prática leitora que vá além da vida estudantil? Cabe questionar se essa instituição, que lida diretamente com o público juvenil, tem, de fato, cumprido o papel de formadora de leitores; se em vez de seduzir o aluno, está fechando portas para uma prática de leitura literária que ele poderia seguir por toda a vida.

É sobre essa fragilizada relação entre leitura literária e escola que discutiremos no terceiro e último capítulo. Para tanto, serão retomados muitos dados revelados na investigação feita tanto na livraria quanto na biblioteca, agora abordados sob uma perspectiva mais crítica e reflexiva, além dos conceitos vistos no primeiro capítulo.

³³ A livraria *El Ateneo*, que no passado abrigou um tradicional teatro argentino, foi classificada em 2010, segundo o artigo do jornal britânico *The Guardian*, como a segunda mais bonita do mundo, por seu modelo arquitetônico diferenciado.

3. A ESCOLA: LUGAR IMPRESCINDÍVEL PARA A LEITURA LITERÁRIA

(...) todo cidadão tem o direito de descobrir o que é ler literatura, para que se lê, qual o sentido que isso pode ter em sua vida. E, então, decidir se quer ou não. E todo professor (mesmo que ensine ciência ou história) tem o dever de estar em condições de dar ao aluno a oportunidade de fazer essa descoberta.

(Ana Maria Machado)

A prática de leitura literária promovida pelo professor pode motivar a recepção do texto literário, fazendo com que o jovem se aproxime e se identifique com o que lê, de maneira a estabelecer uma relação com a realidade mediada pela literatura. Por conseguinte, tal prática pode oportunizar aos alunos-leitores experiências que lhes permitam construir sentidos e ao mesmo tempo pensar sobre si e o mundo que os cerca. Desse modo, o aluno poderá ampliar sua visão de mundo, refletindo sobre o espaço em que está inserido para, em seguida, compreender ao outro.

A escola e o professor têm, pois, um papel considerável a desempenhar nesse processo de formação da leitura literária do jovem. Mais do que despertar nos alunos o amor e o desejo pelos textos literários é preciso que se crie um vínculo entre o leitor e a obra lida, para que a leitura literária possa ser uma prática que se torne presente na vida dos indivíduos, mesmo depois de eles terem concluído os estudos.

Os dados revelados pela pesquisa, realizada na megalivraria, situada em um importante *shopping* da capital, e na biblioteca estadual, localizada no centro da cidade, confirmam, assim como também a pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil* (2008), o que muitos estudiosos há décadas defendem: o espaço escolar, com todas as suas falhas, ainda atua como um importante meio divulgador das práticas literárias entre os jovens, ocorram essas na escola ou fora dela. Dessa forma, muitos dos dados revelados pelos informantes frequentadores de ambos espaços de leitura trazem elementos significativos para reflexão sobre a prática da leitura literária entre os jovens, pois ajudam a compreender o papel da escola e do professor na indicação de obras e formação da prática leitora.

Mas o que tem sido feito e o que necessita ainda ser feito para que o meio acadêmico, tão imprescindível para a realização de uma prática leitora, forme leitores não apenas enquanto esses sejam estudantes, mas para toda a vida pós-escolar? Como despertar no jovem

a paixão e o entusiasmo pelos livros literários, sem necessariamente ter de obrigá-los a ler? E o que dizer do alto índice de leituras de *best-sellers* ou *mega-sellers* – como recentemente vem sendo empregado o novo termo que designa as obras mais vendidas – entre os leitores de todas as faixas etárias? Essas são algumas das questões a serem debatidas neste capítulo, que abordará a instigante polêmica que envolve o papel da escola na formação da prática da leitura literária entre os jovens leitores.

Para tanto, será discutida, nesse capítulo, a controversa imbricação que há entre literatura e ensino, destacando-se o papel assumido pela escola nas últimas décadas na prática leitora em sala de aula. Como sustentáculo a essa discussão, será feita uma reflexão pautada nos resultados obtidos nas investigações realizadas fora do meio acadêmico – na livraria *megastore* e na biblioteca pública – para que se possa compreender se as duas práticas de leitura literária – realizadas na escola e fora dela – são convergentes.

3.1. Leitura literária na escola: encontros e desencontros

Os dados revelados pelas pesquisas realizadas com os jovens na livraria e na biblioteca, bem como a investigação feita pela *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), mostram que o ambiente escolar, embora seja determinante para a formação de uma prática de leitura literária, atualmente divide espaço com outros meios que se fazem presentes cada vez mais no cotidiano dos jovens leitores: a mídia e as novas tecnologias, com seus diversificados recursos audiovisuais, além do marketing literário.

Felizmente, programas de incentivo à leitura, em especial, a literária, foco de interesse desse objeto de estudo, e cursos de formação de professores que promovam uma maior democratização do ato de ler não faltam, sendo amplamente defendidos por renomados teóricos desde a década de 1980. Alfredo Bosi, em 1981, período em que a ditadura militar começava gradualmente a dissipar-se no País, já apontava para o retrato sem retoque de uma “crise” instaurada em um ensino de literatura pautado em uma perspectiva estruturalista e historiográfica, em que não se abre espaço para discutir em sala de aula as experiências vivenciadas pelos alunos em suas leituras, valorizando, assim, seus conhecimentos de mundo. Na verdade, o que há tempos se vê no ambiente escolar é a literatura ser utilizada como “pretexto”, tal como define Marisa Lajolo (1985), pois, valendo-se de textos literários, os professores os exploram somente com o objetivo de trabalhá-los linguisticamente, apontando estruturas gramaticais ou tomando-os como motivadores para produções textuais dos alunos.

Consequência dos estudos dos formalistas russos, que na década de 1960 se valeram do estruturalismo linguístico de Saussure, a literatura, desde então, ganhou um novo enfoque. Limitou-se o estudo da obra literária à abordagem da própria materialidade do texto, ou seja, passou-se a valorizar as formas linguísticas das obras, como versificação, as figuras de linguagem, e outros tipos de análises gramaticais em detrimento do estudo literário do texto.

Tzvetan Todorov (2009) foi um dos maiores nomes dessa abordagem estruturalista da literatura, que predominou durante décadas no século XX e que vigora, ainda, em muitos contextos escolares. No entanto, o estudioso de origem búlgara, hoje, afirma que naquela época foi vítima de um regime comunista que exigia que todos aqueles que estudassem as ciências humanas defendessem a ideologia oficial do governo. Por isso, Todorov (2009), segundo seu depoimento, teve de camuflar seu posicionamento ideológico e converter seus estudos de literatura em análises estruturalistas, para que, assim, se mantivesse neutro, não manifestando qualquer ponto de vista. Com o passar do tempo e sua mudança para França, onde realizou cursos com Roland Barthes, um dos principais defensores do estudo da obra literária em sua totalidade, foi, aos poucos, mudando sua proposta de abordagem literária, escapando do formalismo russo, que cada vez mais se expandia pela Europa na década de 1960.

Roland Barthes (1987), em seu artigo “Reflexões sobre um manual”, escrito em 1969, já apontava para o perigo em explorar-se a história da literatura, abordando as tradicionais escolas literárias e seus respectivos períodos e os principais autores. As obras em si, que deveriam ser o cerne da discussão em sala, raramente eram sugeridas como leitura integral aos alunos, inviabilizando, dessa forma, qualquer possibilidade de o jovem leitor ter acesso ao texto. Essa é uma das principais críticas tecidas por esse estudioso, que propõe que se faça um diálogo, uma correlação entre passado e presente, fazendo com que o leitor assim se identifique com o texto, atribuindo-lhe sentidos. Por esse motivo, aludimos seus estudos, por acreditar, tal como Barthes (1987), que a interpretação é um jogo de poder, e a leitura literária depende dos sujeitos que produzem e recebem esses sentidos, do momento da produção do discurso. Ele ainda afirma existir uma contradição profunda e irreduzível entre a literatura como prática e a literatura como ensino. O problema, segundo ele, estaria na transmissão do saber. Por isso, defende o trabalho da obra literária em si e não o estudo isolado e fragmentado de autores, escolas e movimentos literários. Foi com essa ideologia de Barthes (1987) que Todorov prosseguiu com seus estudos.

Mas livrar-se das amarras do estruturalismo no estudo de literatura não tem sido tarefa fácil. Não por acaso, na maior parte das vezes, os próprios alunos formulam, com base no

discurso escolar, o conceito de que a literatura pode acrescentar à vida apenas conhecimentos linguísticos, relacionados à melhoria da ortografia, da fala, da escrita e da leitura. Não que esses conceitos não sejam importantes na prática leitora. Estão, de certa forma, imbricados com o conhecimento e a vivência, adquiridos no momento íntimo de leitura. No entanto, aprender mais português foi mencionado ainda com mais ênfase como marcante. É o que foi revelado por 33,36% dos adolescentes, que ainda cursam o ensino básico, na pesquisa realizada na livraria. Mas itens como conhecimento (25%), cultura (12,5%), diversão, lazer e entretenimento (12,5%), também foram aludidos expressivamente.

Para Todorov (2009), a abordagem estruturalista na aula de leitura literária, como vem sido feito há décadas, pode levar a literatura a desaparecer não só do meio acadêmico, mas até mesmo da vida do indivíduo. É esse um dos principais argumentos desse estudioso búlgaro, que em seu último livro, lança um alerta: a literatura está em perigo. E esse risco, aludido pelo autor, advém justamente da forma como esse estudo literário vem sendo oferecido aos jovens desde os primeiros anos do ensino fundamental até a universidade: de modo estruturalista, valorizando-se as críticas e resumos, em vez de levar o aluno a entrar efetivamente em contato com o texto literário, a fim de que ele vivencie experiências estéticas e amplie sua visão de mundo. Esse é o valor da literatura, defendido por Todorov (2009) em seu recente livro. Para esse estudioso, o leitor lê as obras literárias para extrair algo de significativo à vida:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje como ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (...), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (TODOROV, 2009, p. 32-33).

Uma literatura que aguça a sensibilidade do jovem leitor, levando-lhe a questionar-se a cada linha lida, inter-relacionando o texto fictício com suas vivências e crenças, desperta o interesse não só pela leitura, mas para a vida em si, que, para ele, poderá ganhar um novo sentido, sendo vista com outros olhos e com distintas perspectivas. Esperava-se ouvir mais, além do discurso acadêmico, orientado pela perspectiva estruturalista, que foi o que mais se destacou nas respostas apresentadas, esses argumentos relacionados ao momento de

experiência íntima do leitor com o texto nas respostas da maioria dos adolescentes entrevistados, quando questionados se a literatura lhes acrescentou algo à vida.

No entanto, outras justificativas que ressaltam o valor da literatura, embora tenham sido menos referidas, merecem destaque por estarem em consonância com o exposto acima por Todorov. Além do prazer e divertimento proporcionado (12,5%), a leitura literária é, para outros 12,5%, uma aprendizagem. A identificação com a história e os personagens, (8,34%) e a reflexão sobre o cotidiano, ajudando o leitor a sair da rotina (8,34%), foram argumentos lembrados pelos jovens entrevistados. Embora haja quem tenha afirmado que a literatura não lhe acrescentou nada (4,17%), houve afirmações (4,17%) exatamente contrárias: que ela acrescentou tudo, toda a vida. Esse discurso não é nem um pouco exagerado, pois o texto literário, como foi visto com maior destaque no primeiro capítulo, tem esse poder transformador sobre o leitor. Por isso, inúmeros estudiosos partem em defesa da literatura.

Daí a importância do trabalho em sala de aula, com o texto literário, intermediado pelo professor, de forma que leve o aluno a expor suas experiências de leitura, muitas vezes muito diferentes do seu cotidiano. Para tanto, a obra literária deveria ser o elemento mais importante da aula, uma vez que ela servirá de pretexto não apenas para análises linguísticas e estruturais, mas para discussões e debates que provoquem o leitor a refletir sobre a vida.

Recordemos o depoimento da aluna de treze anos, pertencente à sétima série de uma rede particular de ensino. A jovem informante referiu-se a uma atividade controlada de leitura, em forma de questionário e prova, que é realizada bimestralmente por sua professora, com o intuito de fazer com que os alunos leiam regularmente livros literários. Para a realização do trabalho, ela indica quatro obras, sendo uma delas escolhidas pelo aluno, que deveria ler as quatro, uma vez que, além do trabalho, fazem uma prova sobre os textos literários indicados. Desse modo, os discentes se veem obrigados a ler todas, um ato que pode se tornar legitimador de leitura, podendo gerar no aluno um sentimento desmotivador para a prática leitora, caso o trabalho da leitura literária, em sala de aula, por parte do professor, não seja provocativo e desafiador. Felizmente, para essa entrevistada, tal exercício não parece algo negativo, ao contrário, é uma atividade positiva, pois a leitura literária, segundo seu depoimento, ajuda o leitor a refletir sobre a realidade.

No entanto, o domínio no ato de ler pode gerar mais efeitos negativos do que positivos para o leitor. Segundo Paulino (2001, p. 27), “a escolha aleatória dos livros e a cobrança de leituras através de testes automatizados são algumas dessas formas de controle da leitura que empobrecem a interação livro/leitor”. Assim, mesmo o aluno que não discorda de tal método, pode sofrer as consequências desse processo legitimador, uma vez que pode não interagir, de

forma oportuna, com o texto literário, trocando suas experiências de leitura, em sala de aula, com os colegas, sob a mediação do professor, que deve atuar como um facilitador do processo e não como controlador do mesmo. Além de correr-se o risco a desmotivação e desinteresse, há a não formação real do leitor, que pode render-se à passividade e subordinação, tal como salienta Paulino (2001, p. 28):

Importa perguntar, pois, qual o papel da escola na formação do leitor. Não o leitor obediente, que preenche devidamente fichas de livros ou reproduz com propriedade enunciados textuais. Mas o leitor que, instigado pelo que lê, produz sentidos, dialoga com o texto, com os intertextos e com o contexto, ativando sua biblioteca interna, jamais em repouso. Um leitor que, paradoxalmente, é capaz de se safar até mesmo das camisas-de-força impostas pela escola e pela sociedade, na medida em que produz sentidos que fogem ao controle inerente à leitura e à sua metodologia.

Escapar desse autoritarismo literário, muitas vezes provocado pelo meio acadêmico, e ainda tornar-se um contumaz leitor, coprodutor de sentidos, é uma prática rara entre os jovens estudantes. A obrigação da leitura, por parte do meio escolar, pode contribuir ainda mais para a tessitura desse quadro legitimador do ato de ler. Como afirma Daniel Pennac (2008, p. 13), “o verbo ler não suporta o imperativo”, bem como outros verbos, como “amar” ou “sonhar”. Assim como não há como obrigar alguém a amar outrem, não há como querer impor uma leitura, seja de qualquer texto, ao indivíduo. O resultado poderá ser catastrófico. Em vez da relação de amor à literatura, poderá despertar-se o ódio e a antipatia ao livro, efeito difícil de ser revertido futuramente.

Mas a questão da obrigatoriedade de obras a serem lidas, por parte da escola, é um tanto polêmica. Por mais que essa imposição possa gerar um certo desestímulo e desinteresse, no ato de ler, ela, até certo ponto, é necessária, principalmente quando se tratam de adolescentes que estão em processo de formação e, que, muitas vezes, não sabem ao certo o que escolher ler, principalmente na atualidade, quando a multiplicidade de ofertas de livros expostos e chamativos nas *megastores* são ainda mais frequentes. Por isso, o papel do professor na indicação de obras é tão determinante, por poder melhor direcionar o aluno. Com o tempo, depois de concluídos os estudos, o jovem, poderá seguir seu próprio repertório de leitura, muitas vezes, influenciando-se pelo indicado ou visto na escola. E tão relevante quanto à recomendação de títulos, é o trabalho da obra literária em sala de aula, por intermédio do educador, que pode instigar o estudante, tornando a aula de literatura mais provocativa e interessante ao leitor.

O que se percebeu, tanto entre os adolescentes frequentadores da livraria, como os da biblioteca, que ainda cursam o ensino básico, é uma certa influência da escola no repertório desses jovens leitores, sendo essa influência ora positiva, para o leitor, despertando-lhe prazer e entusiasmo para a leitura de textos literários, ora negativa, provocando-lhe desinteresse e aversão. Conforme depoimentos de alguns informantes, a obrigatoriedade de certas leituras, indicadas ou impostas pela escola, foi até mesmo oportuna, pois, dessa forma, a instituição os ajudou a formar um gosto pela palavra literária. No entanto, para outros adolescentes, esse controle e legitimação provindos do meio acadêmico os desestimularam a ler, principalmente obras sacralizadas pela instituição acadêmica.

Relembremos o depoimento de uma estudante, de 14 anos, entrevistada na livraria. Ela havia revelado odiar ler, até a leitura de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, livro que a estimulou a ler, não somente obras do gênero *best-sellers*, mas também as leituras literárias estudadas na escola, antes tidas por ela como desestimulantes e difíceis. A partir desse momento, a jovem passou a ter uma prática leitora, gostando bastante de ler até mesmo as obras indicadas por obrigatoriedade acadêmica. O mesmo ocorreu com outra informante, de 18 anos, aluna do terceiro ano do Ensino Médio, entrevistada na biblioteca. A exigência de leituras literárias para o exame vestibular, feito por etapas, desde o primeiro ano do Ensino Médio, acabou por despertar um interesse pelos livros, o que contribuiu para a formação de uma prática leitora, antes inexistente. Em ambos os casos, a obrigatoriedade escolar gerou um efeito positivo nas leitoras.

Embora esses argumentos tenham sido referidos por informantes de ambos espaços em que foram realizadas as entrevistas, pôde-se perceber uma maior aversão à leitura entre os adolescentes que frequentam a biblioteca. Esse dado pôde ser comprovado nas respostas à questão de motivação à leitura. Enquanto os informantes da livraria, que cursam o ensino básico, leem, todos, por prazer ou gosto, e 50% leem por exigência acadêmica, 60% do público da biblioteca, da mesma faixa etária, alegou ler por exigência escolar, contra 46,9% que leem por prazer.

Esses adolescentes, portanto, estão lendo mais por obrigação do que por gosto. Tais dados se ratificam com as respostas à questão em que versava sobre o nome do último livro lido ou em processo de leitura no momento da entrevista. Como pudemos perceber, a maior parte das obras lidas atendia à exigência acadêmica, sendo pouco aludidas leituras por escolha pessoal, já que muitos dos sujeitos entrevistados não têm uma prática leitora além da exigida pela escola. Esse dado é, até certo ponto justificável, se se considerar que a maioria dos adolescentes entrevistados é proveniente de escolas públicas que, muitas vezes, sequer contam

com uma biblioteca. Por isso, a ida frequente desses adolescentes à biblioteca pública. Conforme Maria Antonieta Cunha (2008), em análise dos dados revelados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*,

O uso da biblioteca pública parece também feito em função da escola: sua frequência é maior nas faixas etárias de 5 a 17 anos, e tem como objetivos principais pesquisar e estudar. E com relação à frequência da leitura de diferentes tipos de livros, os didáticos e universitários são os únicos lidos mais frequentemente (68%) do que ocasionalmente (32%). (CUNHA, 2008, p. 55).

Tais dados se assemelham bastante aos revelados pela pesquisa realizada na biblioteca pública goianiense. O jovem também a frequenta mais com a finalidade de estudar (73,7%) ou fazer pesquisa acadêmica (20%), objetivos que estão diretamente atrelados ao meio escolar. Apesar do agravante da ausência de biblioteca na escola, o que, de certa forma, dificulta o acesso à leitura, é importante saber como tem sido desenvolvido o trabalho da leitura literária nessas escolas públicas, já que é alto o número de alunos que leem por obrigação e se desinteressam por ler algo por escolha própria. Esses dados, por sua vez, se invertem se comparados aos dos adolescentes entrevistados na livraria, cuja maioria de clientes-frequentadores é proveniente de escola particular, em que *todos* afirmaram ler por prazer. Haveria diferença entre o modo como se estuda literatura na rede pública e na particular?

Os dados revelados pelos adolescentes frequentadores de ambos os espaços mostram que, possivelmente, haja uma certa diferenciação entre ensino privado e público, mas tais informações ainda revelam que influências externas ao meio escolar também estariam contribuindo para a formação leitora do jovem que estuda no ensino básico. É o caso dos novos suportes eletrônicos, aliados ao marketing que se faz altamente presente nas megalivrarias, atuando como fortes motivadores ao divulgar obras mais vendidas, lançamentos com capas e temas inusitados que acabam físgando a atenção do leitor, até mesmo do jovem que ali passeia em busca de uma leitura alternativa à lida no colégio. Já na biblioteca não há a influência do marketing presente no mercado livreiro, o que, conseqüentemente, seduz bem menos o adolescente que, muitas vezes, já vem a essa instituição por uma indicação acadêmica, por considerar esse um lugar de pesquisa, de trabalho e silêncio, ao contrário do que ocorre com o jovem frequentador da livraria, que está situada em um *shopping*, ambiente mais descontraído, de lazer e entretenimento.

A obrigatoriedade de leituras que a escola impõe parece ter gerado um efeito negativo maior no adolescente que utiliza a biblioteca pública como espaço de leitura. A falta de

biblioteca escolar, aludida por 26,8%, aliada ao fato de alguns desses jovens não terem dinheiro para comprar livros, conforme anunciado por 6,7%, pode, de certa forma, justificar essa aversão à leitura revelada por 60% deles.

Felizmente, para atenuar esse agravante que é a ausência da biblioteca escolar e/ou do precário acervo de livros, foi sancionada pelo Presidente da República, em 24 de maio de 2010, a lei 12.244, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, permitindo, assim, segundo o artigo primeiro da lei, que todas as instituições de ensino públicas e privadas de todo o Brasil contem com bibliotecas. De acordo com o disposto no parágrafo único da respectiva lei, será obrigatório que as escolas também ofereçam um acervo de livros de pelo menos um título para cada aluno matriculado. Cada instituição acadêmica ficará responsável por determinar como será feita a ampliação de seu acervo e também zelar por um bom funcionamento, preservação e organização do local, que deverá, ainda, contar com bibliotecários. As escolas terão dez anos, a partir da data do decreto, para se adequar às novas exigências da lei.

Sem dúvida, essa é uma importante iniciativa para a promoção e divulgação da prática leitora, que pode, de fato, incentivar os alunos a ler e a se interessar mais pela leitura literária. Mas somente criar mais espaços de leituras nos colégios, embora seja esse um importante passo a ser dado para o ensino e para a formação da prática leitora, não basta. É preciso que se invista mais em políticas públicas de leitura.

Em muitas escolas públicas até há bibliotecas, mas não é feito o trabalho de incentivo da prática da leitura literária, seja por parte do professor ou dos auxiliares da sala de leitura. É o que constatou Luiz Adão da Silva (2009), ao investigar a leitura nas bibliotecas escolares da rede municipal de Goiânia. Segundo o estudioso, tem de haver uma maior integração entre todos os profissionais da escola com o trabalho da leitura, adequando as ações da biblioteca escolar à projetos que incentivem a formação leitora do indivíduo, além da promoção de cursos de formação de professores e funcionários, contemplando, pois, o espaço da sala de leitura como um lugar efetivamente dedicado à aprendizagem.

O que adianta ter livros à disposição dos alunos se não é feito um trabalho, em sala de aula, que valorize a leitura do texto literário pelo educando, com atividades dinamizadoras que incentivem e motivem o jovem leitor? Se o professor é um importante formador de leitores há que se investir mais no seu trabalho, favorecendo não apenas uma política permanente de aquisição de livros, como ressalta Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos (2009, p. 159), mas também “o estabelecimento de uma política de formação que prepare o professor para lidar com o acervo literário”.

Segundo a estudiosa, que investigou o trabalho feito de políticas de fomento à leitura, em especial, nas escolas da rede estadual de Goiás, o poder público deve intervir de forma que forneça ações efetivas, atenuando as dificuldades encontradas pela escola e também pelos professores, que lidam diretamente com esta prática. Por isso, iniciativas como a do programa educacional “Cantinho da Leitura”, que vigorou de 1999 a 2005 nas escolas estaduais de Goiás, são positivas (apesar do acervo defasado) por colaborar no processo de incentivo da prática da leitura literária entre os alunos, que puderam entrar em contato com diversos textos literários no ambiente escolar, sob a mediação do professor.

Mas cabe questionar também até que ponto o meio escolar contribui para a formação do leitor. Conforme indaga Paulino (2001, p. 29): “Muitos de nós somos leitores porque a escola assim nos formou, ou nos tornamos leitores à revelia da escola?”. Segundo o depoimento de um jovem, de 24 anos, entrevistado na biblioteca, ambiente frequentado há sete anos, a falta de estímulo para ler obras literárias proveio do meio escolar. Por esse motivo, preferiu optar por leituras religiosas e de autoajuda que, para ele, são motivadoras.

De fato, as pesquisas na livraria apontaram que o leitor, depois de concluir os estudos, diminui o número de leituras literárias, dando mais atenção às leituras de gêneros não-literários, nas quais se incluem livros técnicos, científicos, religiosos, e um gênero que cresce com o decorrer da idade dos entrevistados: a autoajuda, que conta com um forte incentivo do comércio livreiro, destacando capas e títulos chamativos que fisgam o carente leitor. Daí a grande procura, também, por gêneros fictícios *best-sellers*, que atraí cada vez mais diversos leitores.

Não se pode ignorar o fato de que muitos adolescentes preferem ler mais literatura de massa, gênero lido por 68% dos jovens estudantes entrevistados na livraria, do que a leitura literária legitimada pelo espaço escolar. Mas por que a alta procura pelos *best-sellers* e o menosprezo pelas obras literárias sacralizadas pelo meio acadêmico?

Como vimos no primeiro capítulo, a literatura de massa se caracteriza por uma linguagem mais fácil, acessível, com enredos de fácil digestão, que pouco contribuem para reflexão do leitor. Acrescido a isso, tem-se o fato referido acima de o marketing livreiro despertar no leitor uma necessidade emergente de ler os livros da moda, presentes nas consagradas listas de obras mais vendidas na semana ou no mês. Por isso, a influência do amigo, revelada na pesquisa realizada com os leitores de todas as faixas etárias na livraria, foi tão significativamente lembrada, uma vez que a tendência, quando se lê um livro que se gosta – principalmente quando esse é, ainda, amplamente divulgado pela mídia – é indicá-lo para outrem.

Embora haja, por um lado, uma significativa presença da mídia na indicação e sugestão de leituras, que influenciam diversos leitores, há por outro, a disseminação de um discurso que pode promover o efeito contrário, legitimando a leitura dos livros literários clássicos em detrimento de outros, propondo aos leitores apenas as leituras “boas”, ou seja, as sacralizadas pelas instituições acadêmicas. Como afirma Márcia Abreu (2001, p. 155):

O que as intervenções pedagógicas e governamentais têm conseguido fazer com maior sucesso, em favor da leitura, é disseminar socialmente a idéia de que *leitura* é algo para poucos e bons. Os livros lidos por muitos não servem; bons são aqueles que poucos lêem, menos entendem e menos ainda gostam. O trabalho escolar tem difundido o discurso da não-leitura muito mais do que contribuído para a reflexão sobre as práticas de leitura.

A autora denuncia um discurso muito frequente que condena as práticas leitoras no Brasil, tomando os leitores, desde sempre, como não-leitores, porque o padrão desejado é o de leitor que aprecia a “alta literatura”. Além disso, Abreu (2001) denuncia o desconhecimento das práticas leitoras no Brasil que fomentam a mitificação da leitura que elege algumas como mais legítimas tomando muitas vezes o padrão europeu. Ela desaprova a visão elitista e lembra que pessoas comuns dizem frequentemente não gostar de ler, enquanto leem jornais, gibis e romances. E finaliza, afirmando não ser preciso que todos leiam da mesma forma e tampouco que gostem dos mesmos livros, pois não é necessário e nem desejável que todos tenham a mesma opinião sobre eles.

Em vez da legitimação da leitura de obras literárias, da propagação de um discurso elitista que condena todo tipo de leitura que não seja clássica, há que se atizar no jovem afeição ao livro literário sem opressão e sacralização. Mas como colocar em prática tal feito? Para Ana Maria Machado (2001), o professor tem de ser um bom exemplo de leitor, de forma que transmita ao aluno a paixão e o gosto pelos livros, despertando curiosidade, com ternura e admiração. E é o que falta à grande parte dos docentes atualmente. Se o próprio mestre não expressa sentimento e entusiasmo algum, no momento da aula de leitura, como provocar no jovem qualquer tipo de aspiração literária? Por isso, Ana Maria Machado (2001, p. 118) não crê que algum indivíduo ensine outro a ler literatura: “(...) estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para a outra é a revelação de um segredo – o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino”.

Tarefa árdua essa, principalmente se se levar em conta a qualidade da formação dos docentes nos cursos de letras, que não é muito diferente do contexto de sala de aula do ensino básico. Os discentes, ao trabalhar em sala de aula com as mais diversas obras literárias, nem

sempre passam esse entusiasmo para seus alunos, futuros professores de literatura, que deveriam ser, antes de tudo, bons amantes da leitura. Segundo Harold Bloom (2001, p. 19):

Hoje em dia, a maneira como lemos depende, em parte, da distância em que nos encontramos das universidades, onde a leitura não é ensinada como algo que proporciona prazer, isto é, segundo os significados mais profundos da estética do prazer.

Se na própria faculdade muitas vezes não há um contato efetivo com o texto literário, como querer que o professor transmita esse amor aos livros para seus jovens alunos, leitores pouco experientes que necessitam do apoio e motivação de seu mestre? Assim, a formação leitora, baseada no exemplo, na “contaminação” referida por Machado (2001), se perde já na época da graduação, restando ao recém-educador repetir com os alunos do ensino básico o ciclo vicioso aplicado em grande parte das universidades.

Para Joel Rufino dos Santos (2007), o estudo de literatura, no meio acadêmico, deveria ser visto de forma mais abrangente. Por isso, ele enfatiza a análise literária de uma obra atrelada a outras áreas do saber, como a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a comunicação e a economia. O objetivo é motivar o aluno para a leitura literária, fazendo com que ele frua esteticamente o objeto lido, criando um saber sobre a literatura, considerando suas práticas sociais de leitura.

Trazer a leitura literária mais próxima da realidade dos jovens leitores é uma forma de tornar a aula de literatura mais democrática e prazerosa. Assim, por que não deixar que os alunos manifestem, em classe, suas experiências leitoras? Por intermédio do professor, leitor mais experiente, o debate em sala, sobre o texto literário escolhido por ele, ganhará mais consistência, o educando poderá se sentir mais seguro e motivado para outras leituras, incluindo as clássicas. Essa seria uma maneira de provocá-los, de instigá-los a ler mais, questionando, em um constante embate de reflexões. Escutar as opiniões dos alunos é o primeiro caminho para mantê-los motivados para a aula de literatura, fazendo com que eles não percam o vínculo com a leitura literária, mesmo depois de terem concluído o ensino médio.

Daí a importância do diálogo, em sala de aula, sobre o texto literário, a troca de experiências renovadoras, o compartilhamento de opiniões, que levem o jovem a extrair para si um significado que lhe dê um novo sentido à sua existência. Dessa forma, o aluno, ao sair do espaço escolar, poderá já ir tecendo, nas páginas lidas, e até mesmo das não lidas, sua complexa “biblioteca interior”, definida por Pierre Bayard (2007, p. 95), como “subconjunto da biblioteca coletiva que habita em todos nós – sobre o qual toda personalidade se constrói,

conjunto que organiza em seguida sua relação com os textos e os outros”. Como bem afirma Bayard (2007), os livros não lidos e ainda os esquecidos, os que se ouviram dizer, os que só se folheiam – característica típica do leitor que procura uma leitura descompromissadamente –, também podem gerar uma relação íntima, um efeito positivo no leitor, sendo influentes na composição da biblioteca interna de cada indivíduo.

Os efeitos que a leitura literária provoca no leitor são, de fato, arrebatadores, por gerar questionamentos e reflexões e modificar a forma de se ver a realidade, encarando-a de forma mais leve e motivadora. Uma aula de literatura que valorize os sentidos construídos pelos alunos no ato de ler, causando uma transformação de valores e de hábitos no indivíduo, é o caminho para que se forme o jovem leitor literário, de tal forma que ele mantenha um vínculo com esse tipo de leitura por toda a vida. Mas fazer com que o educando fale de sua experiência singular de leitura nem sempre resultará em uma atividade simples de ser apreendida, pois o aluno-leitor, muitas vezes, não sente segurança suficiente diante do professor e dos colegas. Segundo Chartier (1996, p. 20):

Cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras.

Nesse sentido, as experiências literárias ocorridas na infância, fora do contexto escolar, podem gerar um efeito positivo no leitor, uma vez que os seus relatos podem proporcionar um maior interesse no ato de ler, além de um contato mais efetivo com o texto. E um leitor contumaz, apaixonado pelos livros, sempre tem uma história para contar de suas experiências leitoras. Proust (1991) fala com entusiasmo e amor da relação que mantinha com os livros desde pequeno. Para ele, essas leituras realizadas na mais tenra idade têm um valor inestimável: “(...) o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos” (PROUST, 1991, p. 24).

O papel da família no incentivo e na formação da prática leitora na infância pode-se revelar crucial, por proporcionar à criança a oportunidade de contato com o mundo da leitura literária antes mesmo de ela entrar na escola. Felizmente, esse apoio familiar se torna cada vez mais comum, sendo a figura da mãe a mais influente quando se trata de leitura. A última edição da *Retratos da Leitura no Brasil* (2008) confirmaram esses dados, que, por sua vez, se assemelham bastante às informações reveladas pelos adolescentes entrevistados na livraria, que declararam, 41,7%, ser a progenitora a principal responsável por incentivá-los a ler. O pai

ou responsável homem ficou em terceiro lugar, com 29,19%, perdendo a vez somente para os amigos. A família permaneceu na quarta posição, com 25%. Portanto, esses dados mostram que a influência familiar foi bastante determinante na formação leitora desses jovens.

Não só dos jovens como do público adulto também. Conforme justificamos no capítulo anterior, o perfil desse público também é relevante para a reflexão dos dados, uma vez que mostra se a prática da leitura literária ainda se faz presente nessa faixa etária. A pesquisa na livraria revelou ainda que a mãe ou responsável mulher é a principal influenciadora, aparecendo em primeiro lugar, com 42,9%, seguido do pai ou responsável homem, com 28,6%. Recordemos o depoimento do informante da livraria, de 36 anos, professor de biologia de uma rede particular de ensino, que afirmou ser a mãe a grande responsável em iniciá-lo na prática de ler, lendo para ele quando pequeno, apontando no livro as letras e figuras, o que fez com que ele aprendesse, antes de entrar na escola, a ler e escrever. Assim, tal prática fez com que ele não somente se fascinasse pelo mundo literário precocemente, mas também lhe propiciou sua autoalfabetização. Além disso, ele sempre preferiu ganhar livros em vez de brinquedos.

Se hoje o respectivo informante se define como um amante da leitura e, conseqüentemente, um leitor hiperativo, ele deve isso a suas leituras na infância, encantadoramente influenciada pela mãe. Da mesma forma, a informante pertencente à terceira idade, uma pedagoga aposentada, revelou com paixão e entusiasmo o gosto pelos livros, que adquiriu do pai, um escritor e poeta nordestino. Ela, por sua vez, transmitiu essa prática literária para os filhos e netos.

O relato desses dois leitores informantes adultos, de diferentes idades, mostra que o papel da família na formação leitora, juntamente com a escola, podem motivar o jovem para uma prática literária que vá além do contexto escolar. Mas, para tanto, é necessário que o meio acadêmico atue de forma democrática e libertária e não legitimadora. Como afirma Paulino (2001, p. 27):

A escola, que se pretende democrática, na verdade, também exclui, pois mesmo os alunos que têm acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento. Daí resulta um conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor.

Essa prática de leitura controlada, que não possibilita ao aluno a construção de sentidos, que não lhe dá autonomia diante do texto dado a ler, pode fechar-lhe a porta para o mundo da literatura, inibindo-lhe qualquer desejo de uma leitura literária futura, fora do meio acadêmico. Mas a escola, embora apresente inúmeras falhas, ainda é o único espaço em que muitos jovens podem ter acesso à leitura literária. No próximo item desse capítulo, será apresentada uma reflexão que mostra o que tem sido feito ou o que pode ser feito para que se mude, aos poucos, esse panorama da leitura literária no meio acadêmico, indicando novos percursos a serem traçados por essa instituição, para que ela se constitua como espaço por excelência da formação leitora do jovem.

3.2. Leitura literária na escola e a formação do jovem leitor

De olho nos rumos que o ensino de literatura vem tomando e valendo-se da crítica de muitos estudiosos no campo da leitura, que há décadas clamam por melhorias, as *Orientações curriculares para o Ensino Médio* (doravante OCEM), de 2006, felizmente, vêm adotando uma postura mais séria, dando um maior destaque e interesse para a literatura, antes relegada a segundo plano. Conceitos como a autonomia do educando, amparados no artigo 35 da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/96), que fundamenta alguns objetivos a serem alcançados pelo ensino médio³⁴, e baseado nos preceitos de Antonio Candido (1995), que defende a literatura como um direito inerente a qualquer cidadão, o novo OCEM preconiza um ensino de literatura que valorize os conhecimentos do aluno, de maneira que se forme um leitor literário, apropriando-se efetivamente do texto lido, fruindo-o esteticamente.

A leitura literária no ensino médio adquire, pois, extrema relevância, devendo ser tratada de forma que se discuta o valor estético presente nas obras e não analisando estruturas gramaticais, tendência teórica explicitada no antigo *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2002) e que ainda hoje vigora em alguns contextos escolares. Pensar em uma literatura integrada, que valorize o plano estético e a esfera do leitor, visto como coprodutor do texto, é um dos desafios do ensino atual e amplamente defendido pelas OCEM, o que já mostra ser uma iniciativa, uma direção de novos caminhos a serem trilhados, visando à melhoria dos estudos da literatura na escola.

³⁴ O artigo 35, inciso III, da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional registra uma das principais finalidades do ensino médio: “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDBEN, 1996).

Como constatamos na pesquisa realizada na livraria, o jovem está lendo um número considerável de obras literárias, muitas delas por indicação da escola ou para o vestibular. E, segundo o depoimento de muitos deles, tal indicação, muitas vezes, não é vista como algo negativo. Porém, a leitura de livros *best-sellers* parece ser ainda mais interessante e motivadora, uma vez que essas obras se destacam muito mais do que as estudadas na escola.

Se há um grande poder de sedução por parte dos livros *best-sellers*, que fascinam os leitores, atraídos pelo marketing e o comércio livreiro, o professor não poderia, então, promover um maior incentivo para a leitura literária com os seus alunos, também seduzindo a esse leitor, mas valendo-se de outros artifícios? Assim, em vez de capas e títulos chamativos, porque não chamar a atenção para o próprio texto? Conforme revelado por 75% dos jovens entrevistados na livraria, o tema é um dos principais fatores que influenciam na hora de se ler um livro, perdendo vez apenas para a exposição de livros nas estantes da livraria, aludida por 87,57%, que, de fato, é um forte atrativo para angariar leitores.

Se o texto literário estudado na escola está sendo visto, muitas vezes, como algo difícil e inacessível, conforme depoimento de alguns jovens, em especial o usuário da biblioteca, que lê mais por exigência escolar do que por prazer, possivelmente se deva ao fato de o leitor não estar devidamente conectado com a leitura. Como afirma Cunha (2008, p. 50):

Há uma grande, enorme fatia da população que não conhece os materiais de leitura, ou conhece muito mal. Há um claríssimo problema de acesso aos materiais de leitura, especialmente ao livro. Mesmo tendo-os por perto, falta a descoberta, a volta na chave que faz a súbita ligação e torna o sujeito capturado para a leitura. Ele não descobriu a senha.

Descobrir a tal senha, como revelado por Cunha (2008), pode ser determinante ao leitor, não só para que ele compreenda o texto, mas também estabeleça com ele uma relação pessoal, de tal forma que o leve a constituir sentidos. De acordo com Larrosa (1996), o texto é sempre um esboço, um prólogo, algo inacabado, inconcluso, justamente para que o leitor, nesse universo infinito de sugestões deixadas nas lacunas, complementemente, atribua sentidos, com seus conhecimentos e leituras prévias, com suas percepções e subjetividades, uma vez que ele não é um ser passivo, mas ativo, coparticipante, coautor do livro literário.

Assim, tão importante quanto o texto é o leitor que dará um novo sentido ao objeto lido. Esse momento singular proporcionado pela leitura literária, quando valorizado pelo professor em sala de aula, facilita a prática leitora do aluno, dando-lhe maior autonomia e levando-o a tecer os fios, de acordo com os indícios deixados em aberto na trama discursiva: “Como as personagens, o espaço e a situação não podem ser descritos inteiramente, o leitor

completará a narrativa na sua imaginação segundo aquilo que lhe parecer verossímil” (JOUVE, 2002, p.63).

Esse encontro entre leitor, texto literário e professor, que em sala de aula atua como um leitor mais experiente, orientando os primeiros passos dos alunos nesse novo universo proporcionado pela leitura, pode ser determinante na formação leitora do jovem. Como ressalta Cruvinel (2002), em seu estudo já mencionado, o apoio do professor no processo de leitura literária realizada pelo aluno pode aproximar o leitor do texto, fazendo com que o jovem se interesse mais pela literatura.

Por compreender o papel da escola e do educador como fundamentais, Cunha (2008) defende um maior investimento na capacitação de professores, promovendo cursos de formação continuada que se centrem na prática da leitura literária, de tal forma que orientem os discentes a gerenciar as aulas de leitura, atuando não somente como um facilitador, mas também como um divulgador da prática leitora.

Criar mais espaços de leitura também é fundamental. Há uma considerável parcela de jovens estudantes que ainda não têm acesso aos livros, seja por meio de bibliotecas, livrarias e do próprio colégio, que muitas vezes nem conta com uma biblioteca ou quando essa existe nem sempre atende a alta demanda dos alunos. E os maiores prejudicados, na maioria das vezes, acabam sendo os estudantes pertencentes à população de baixa renda ou residentes nas cidades interioranas. Como afirma Paulino (2001, p. 27):

Os espaços de circulação do livro já determinam uma forma de exclusão. Não há, por exemplo, livrarias na periferia das grandes cidades brasileiras e em muitas cidades do interior do país. O preço é outro elemento discriminador. Num país de poucos leitores, as editoras justificam seus altos preços pelas baixas tiragens. Também a forma como o texto é escrito prevê um tipo de leitor e exclui outros.

Ainda que a propagação da mídia, atrelada à comunicação digital, tenha proporcionado uma maior democratização da leitura e acesso à informação, há um número grande de leitores que, depois de concluírem os estudos, abandonam a prática da leitura literária, provavelmente por ter se rendido a outras práticas cotidianas, em especial, as atreladas aos novos suportes tecnológicos e midiáticos, como a internet e a televisão, ou por haver um maior interesse por novos gêneros textuais, entre os quais se destacam livros técnicos e não-literários, muitos deles fortemente destacados pelo marketing livreiro.

Pensar na leitura como uma prática social, inserida na vida cotidiana do indivíduo, fazendo-se presente também fora do espaço escolar e indo além da vida acadêmica, é o

primeiro passo a ser dado pela escola e pelo professor, na real busca da formação do jovem leitor. E, muitas vezes, tal tarefa não é tão árdua. Nem sempre é necessário ensinar os alunos a contextualizar seu processo compreensivo, pois, conforme afirma Angela B. Kleiman (2006, p. 26), “as respostas que eles dão às tarefas escolares são sempre contextualizadas, isto é, são as melhores respostas que podem ser dadas em função da situação em que se encontram (...)”. Há, pois, que se valorizar o papel ativo desses alunos-leitores, que muito têm para contribuir na aula literária com suas vivências e crenças que se mesclam com suas experiências leitoras.

Como afirma Canclini (2008), a escola poderia explorar mais, em suas aulas, os recursos audiovisuais e informáticos. Dessa forma, se complementaria o conhecimento e o aprendizado exposto, inter-relacionando o conteúdo com os diferentes suportes eletrônicos, o que levaria o aluno a interagir com elementos presentes em seu cotidiano, que lhe chamam a atenção e lhe motivam, adquirindo, pois, uma formação mais ampla.

Por meio de suportes tecnológicos diferentes, o aluno, antes não familiarizado com a leitura, mas adepto aos meios digitais, quando participa de uma aula literária aliada a uma linguagem diferente, mediada por tecnologia, como o cinema, tem uma maior probabilidade de interessar-se pelo texto literário. Assim, aliar literatura e cinema, em sala de aula, chamando-se a atenção para esses diferentes suportes, pode motivar o aluno, despertando-lhe o interesse para a leitura, instigando-lhe a ler algo ainda mais intrigante e desafiador. Por isso, mais uma vez, o trabalho do professor pode ser determinante na formação e motivação de uma prática leitora. Aproximar a realidade do jovem pode ser uma saída inusitada, com efeitos positivos para o aprendizado do aluno. Como afirma o estudioso francês Jacques Leenhardt (2006, p. 22), a “atividade de leitura é eminentemente social. Ela o é pela aprendizagem que todo leitor atravessou nos diversos ciclos de formação e de sua escolaridade”. Portanto, trabalhar a leitura literária na escola contextualizando-a com o que se faz presente no mundo dos adolescentes pode tornar a aula de literatura mais pragmática e interessante.

O professor há que se familiarizar com os novos recursos. Não há mais como ignorar a presença dos novos aparelhos digitais, fortes aliados na formação e iniciação leitora. Afinal, como diz Canclini (2008), não se está lendo menos e, sim, de forma diferente. Como ele mesmo exemplifica, os jornais e revistas, apesar de serem cada vez menos lidos na forma impressa, são, por outro lado, diariamente consultados, em seu formato *online*. Da mesma forma, são cada vez mais utilizados os meios portáteis de enviar mensagens escritas e audiovisuais.

Iniciativas como a da recém inaugurada biblioteca na cidade de São Paulo, no antigo presídio do Carandiru, que tem a pretensão de funcionar como uma livraria *megastore*, dando mais espaço para os deficientes físicos e ainda oferecendo inclusão digital, é uma saída bastante positiva. Mas quantas dessas bibliotecas necessitaríamos ter para atender à grande demanda da população, em especial, as situadas nas periferias e cidades do interior?

Embora haja pelo menos uma biblioteca aberta em 79% dos municípios brasileiros, segundo dados de 2010 do Ministério da Cultura, ainda faltam mais dessas instituições, sempre prezando a qualidade, com um maior e variado acervo de livros, aliado à inclusão digital. Infelizmente, muitas bibliotecas públicas, e mesmo as privadas, ainda atendem como bibliotecas escolares, tal é o déficit dessas instituições no meio acadêmico. Além disso, mais livrarias, melhor distribuídas geograficamente, contribuiriam para uma acessibilidade à leitura.

Há, pois, que se investir mais em condições externas de leitura. De acordo com Vera Teixeira de Aguiar (2006, p. 37-38), tais condições seriam: “ter o livro para si, estar sozinho, dispor de um espaço em que possa interagir só com o livro”. Dessa forma, o jovem teria um maior contato com obras literárias em um ambiente instigante e motivador para a prática leitora, que o leve a ler novos e diferentes títulos sempre que necessitar. Um espaço que se possa regularmente visitar, para uma leitura descompromissada, escolhida ao acaso ou por indicação de amigos, mas que proporcione ao leitor uma descoberta de novos caminhos.

Não só investir mais em espaços de leitura que seduzam o leitor, mas também contar com profissionais que promovam maior acesso à leitura. Nesse estudo, vimos três atores sociais que atuam determinantemente na prática da leitura literária, seja indicando novos títulos, dando sugestões ou até mesmo estabelecendo obras a serem lidas: o professor, o bibliotecário e o vendedor. E podemos acrescentar, ainda, como relevante, o papel social desempenhado por outros promotores da leitura, que deveriam figurar mais nas escolas e bibliotecas: os contadores de história, que nos últimos tempos vêm ganhando mais espaço, conquistando leitores de diferentes idades. Segundo Vera Maria Tietzmann Silva (2008, p. 35),

o contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos.

Esse é, pois, um momento de socialização literária que lembra as práticas de leitura da Antiguidade, em que predominavam as leituras em voz alta. Mas há, além disso, como

ressalta Silva (2008), o trabalho realizado pelos círculos de leitura, que contam com um leitor-guia que não apenas lê em voz alta o texto, acompanhado pelos demais leitores, como também ajuda na interpretação do mesmo, com explicações de alguns fragmentos, lidos nas entrelinhas, ressaltando-se ainda os recursos estilísticos utilizados. Esse é, portanto, um trabalho que orienta o leitor, conduzindo-o a uma leitura mais autônoma. Daí a importância desses círculos de leitura, que funcionam como as aulas literárias estudadas (ou que deveriam ser estudadas) nos colégios, sob a mediação do professor.

Infelizmente, só vemos a leitura literária ser mais valorizada no meio acadêmico, tal como ocorre em um círculo de leitura, quando se estão em voga leituras de obras literárias indicadas para o vestibular. Os alunos, de uma maneira geral, leem tudo o que diz respeito ao livro, prestam atenção em cada detalhe da obra enfatizado pelo professor e participam de palestras e “rodas” de leituras que, muitas vezes, contam com a presença do próprio autor. Sem dúvida esse é um trabalho relevante, que, por vezes, pode motivar o jovem e instigá-lo a ler outros gêneros afins, mesmo após o término do ensino básico. Mas é necessário que não se restrinja, única e exclusivamente, no momento do processo seletivo, que tem como finalidade básica o ingresso na universidade e não a formação do leitor. Essas aulas e palestras deveriam ser constantes em todo o ciclo acadêmico do discente, desde o momento em que ele aprende ler, na primeira fase do ensino fundamental, até se chegar ao ensino médio. Como vimos nesse estudo, os jovens gostam de discutir com os amigos sobre as obras literárias lidas. Essa é, pois, a ocasião oportuna para que troquem ideias, reflitam e dialoguem a respeito do que leram.

Por isso, a principal mudança que se defende neste estudo, ainda deve advir de um espaço indispensável (e muitas vezes único) de formação leitora do jovem: a escola. Como afirmam Beauchamp e Lázaro (2008, p. 74):

É na escola que se lê mais, os mais jovens leem mais e é na infância que se forma o leitor. Entretanto, depois da escola, o brasileiro lê menos. A escola não está formando o leitor, mas dando acesso à leitura. A prática da leitura continua sendo um privilégio de classe.

E somente acesso à leitura, embora essa ainda esteja em déficit, apesar dos grandes avanços, não basta. É preciso que os adultos, mesmo depois de concluírem os estudos, não percam o vínculo com a leitura literária. E esse é um trabalho que deve ser desenvolvido pela escola, valorizando-se também a influência vinda de casa, dois elementos determinantes na formação leitora e que foram revelados tanto pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, como pela investigação feita pela biblioteca e, em especial, pela livraria. Os adultos, de fato,

leem menos que os jovens, mas quando influenciados desde pequenos pelo meio familiar, aprendem a nutrir um gosto e paixão pelos livros, que dificilmente declinará, terminada a vida acadêmica. Na verdade, para muitos desses leitores, a experiência íntima que estabeleceram com os livros na infância foi ainda maior e mais significativa do que no período em que passaram na escola.

De acordo com Orlinda Carrijo Melo (2007), que desenvolveu uma pesquisa com diferentes leitoras que vivenciaram o período de transição da Cidade de Goiás para a nova capital, Goiânia, entre as décadas de 1930 e 1940, mais especificamente,

a leitura herdada engendra novos padrões de comportamento, novas práticas culturais. O berço familiar impõem-se. Para essas leitoras-herdeiras não há ritos de passagem para a escola. Esta lhes interessa na medida que certifica um futuro profissional como um dos valores da modernidade (MELO, 2007, p. 161).

A leitura literária na escola deveria, pois, ser tão cultural e familiar para a criança ou adolescente como o é ou foi em casa, com o apoio dos pais. Dessa forma, a relação do aluno com o livro ficaria ainda mais forte e instigante. Assim, ao adentrar no mundo acadêmico, a criança estreitaria ainda mais os laços com a leitura, experiência íntima e renovadora. Em vez do texto lido pela mãe, tem-se o trabalho da professora, que pode tornar-se tão agradável e interessante para o estudante quanto às doces leituras realizadas no aconchego do lar.

Mas não podemos esquecer que, embora determinante, a leitura no berço familiar, muitas vezes, é inexistente, e o motivo, quase sempre, está atrelado às condições sociais. Há famílias que não possuem qualquer vínculo com a leitura; crianças que só tiveram o contato com um livro na escola. Por isso, ressaltamos tanto o estudo da obra literária em sala de aula, ambiente que pode ser único na vida de muitos jovens e crianças, e que, mais uma vez, merece destaque, por proporcionar não apenas acessibilidade e saber cultural, mas por oferecer também aos discentes a oportunidade de fruição estética, que esteja vinculada a um estudo literário em que se valorize a esfera do leitor, personagem central no processo de construção de sentidos no momento do ato da leitura literária. Como afirma Michel de Certeau (1994), a leitura é uma operação de caça, que depende do leitor para que esse, como um viajante, adentre em territórios estranhos e descubra novos caminhos, antes desconhecidos, atribuindo sentidos ao texto lido.

Contar com a participação constante do leitor, no ato da leitura, preenchendo as lacunas existentes, é essencial. Um *leitor real*, que, nas palavras de Robson Coelho Tinoco (2010) “lê o mundo” por meio da leitura literária. Esses são os efeitos que o literário provoca

no leitor. Longe dos livros serem apenas um instrumento de ascensão ao conhecimento e à cultura, como revelado por muitos entrevistados quando questionados sobre o que a literatura pode proporcionar ao indivíduo, as obras literárias têm um valor inestimável por transformar o leitor, por instigá-lo e fazê-lo sair da passividade.

A escola, portanto, com a mediação do professor, tem muito a acrescentar ao jovem estudante nas aulas de literatura. A responsabilidade de formar um aluno leitor, que constrói sentidos, e continue a manter contato com os livros literários além da vida escolar, parece árdua, mas não impossível. As OCEM, documento norteador da prática pedagógica do professor, já reconhecem que tem de haver uma nova postura no estudo da literatura na escola, para que, de fato, ela ajude a formar leitores. Falta, pois, colocar em prática o trabalho com a obra literária em sala, de tal forma que essa venha significativamente modificar o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de o brasileiro estar lendo mais, embora ainda leia pouco, e de as crianças e os jovens serem o público que mais lê, mostra que a escola ainda se configura como um importante espaço de integração do jovem ao universo da leitura literária. Esses dados, revelados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), a qual nos motivou a realizar este estudo, centrado nas práticas da leitura literária na escola e fora do meio escolar, são importantes para que se possa traçar o perfil do leitor brasileiro, a fim de que se conheça um pouco do que esse público lê, por quais motivos e por influência de quem. A prática da leitura literária na escola, sob a mediação do professor, tem um papel determinante a desempenhar na vida do indivíduo. O jovem leitor, que estuda no ensino básico e está em constante formação humana, por influência do meio escolar, com leituras indicadas pelos professores, e familiar, com leituras realizadas na infância e juventude, pode ter uma prática leitora que vá além da vida acadêmica, de maneira que a leitura literária, de fato, faça parte de suas práticas cotidianas.

A pesquisa realizada em uma livraria *megastore*, situada em Goiânia, e em uma biblioteca pública, da mesma capital, com leitores de diferentes faixas etárias, mostrou que o jovem lê um número considerável de obras, grande parte delas por exigência escolar. Essa obrigatoriedade, como vimos, foi, para alguns, determinante na formação leitora. Já para outros foi desestimulante, em especial, para o público frequentador da biblioteca que, conforme foi constatado, lê mais por exigência acadêmica do que por gosto ou prazer. Ainda assim, jovens e adultos que concluíram os estudos básicos continuam lendo, por vezes, obras literárias, embora a incidência dessas leituras seja menor em relação ao público adolescente. No entanto, as obras mais marcantes, entre o público adulto, foram aquelas lidas na infância ou adolescência e até mesmo as lidas obrigatoriamente para o vestibular, entre as quais se destacam os clássicos, confirmando, desse modo, uma das teses de Calvino (1997), de que a leitura de obras clássicas pode tornar-se inesquecível, e até referência para o leitor posteriormente escolher o que ler.

A influência da família na formação leitora dos sujeitos, em especial da mãe, foi outro fator determinante em todas as faixas etárias entrevistadas na livraria. Esses dados se assemelham ao revelado pela pesquisa *Retratos da Leitura*, confirmando, assim, a importância das leituras na infância, especialmente pela orientação materna. Mas, por outro lado, outro fator que se destacou nessa investigação, sobretudo nos dados colhidos com entrevistados na livraria, foi a recorrente influência do marketing livreiro, associado à

divulgação da mídia, na venda e divulgação de obras *best-sellers*, entre as quais se destaca a literatura estrangeira. Como vimos, o número de obras pertencentes à literatura de massa – gênero considerado inferior, por não apresentar um trabalho diferenciado de linguagem – domina o mercado editorial e ajuda a difundir uma prática de leitura, atraindo novos leitores, antes avessos aos livros. O excesso de ofertas de títulos, em um espaço luxuoso e envolvente, com atrativos produtos, seduz, pois, o leitor que passeia pelo ambiente em busca de novidades.

Enquanto a leitura do gênero literário diminui com o avanço da idade dos leitores, o gênero autoajuda, que teve crescimento significativo nos últimos anos e movimentou o comércio livreiro de obras *best-sellers*, bem como os livros religiosos, são os mais lidos pelo público adulto. Esse dado, possivelmente, se deva ao fato de o leitor, que está há mais tempo afastado da escola, onde o contato com a obra literária assume caráter pedagógico, se sentir mais seduzido por obras amplamente divulgadas pelo comércio livreiro. Dessa forma, a instituição escolar, imprescindível como espaço da formação leitora para os estudantes adolescentes, atualmente divide o posto com outros suportes midiáticos, como a internet, que conta com um amplo acervo de livros que podem ser “baixados” gratuitamente e lidos até mesmo na pequena tela do celular. Não há dúvida de que se trata de um atraente veículo de entretenimento e lazer que ocupa, significativamente, o tempo dos sujeitos, em especial do jovem, que utiliza com maior praticidade esses meios tecnológicos, e que poderá ter bons resultados como suporte de textos acessados para pôr em prática a leitura.

No entanto, apesar da maior acessibilidade à informação, que caracteriza o século XXI, influenciando expressivamente os modos de ler e as práticas de leitura na sociedade atual, ainda se pode considerar significativo o número de usuários nas bibliotecas públicas, o que mostra que a leitura virtual, embora esteja em ascensão, coexiste e convive com a leitura impressa, que ainda continua sendo regularmente utilizada. Como foi constatado, a maioria dos usuários frequenta esse espaço para estudo ou pesquisas acadêmicas, confirmando, assim, que essas instituições atuam fortemente como bibliotecas escolares.

Além disso, o público jovem demonstra gostar de frequentar esse ambiente, revelando a necessidade de um maior número de espaços de leitura como esses, para atender grande parte da população que não tem acesso aos livros. Se existissem mais dessas unidades, distribuídas em distintos bairros, possivelmente se criaria um maior vínculo entre o leitor e o livros, conseqüentemente, ampliar-se-ia a atividade de leitura no Brasil. Felizmente, a lei que sanciona a universalização das bibliotecas, em todas as escolas do País, conforme citado anteriormente, embora ainda demore a entrar em vigor, pode ser uma saída bastante positiva,

no intuito de formar leitores e promover acesso à leitura. Mas além de mais espaços de leitura, é fundamental que se invista mais em políticas públicas que incentivem mais as práticas de leitura, tanto nas bibliotecas como nas escolas, promovendo ações que levem os leitores a sentirem-se mais seduzidos pelos livros literários.

Um maior número de livrarias *megastores* também é fundamental, por proporcionar ao leitor um maior acesso às obras literárias, que, na maior parte das vezes, são lidas e estudadas apenas na escola. A criação de mais ambientes como esses é de suma importância para a população em geral, mais em especial para o jovem, que ainda cursa o ensino fundamental e médio e está em formação, permitindo a esse adolescente já ir tecendo suas escolhas, formando seu repertório próprio de leitura, com o apoio e incentivo propiciado pela escola e pelo professor, leitor mais experiente, ou de amigos, parentes e, até mesmo, do marketing livreiro, contando, ainda, com o auxílio da internet.

Exemplos a serem seguidos pelos jovens, para que se enveredem nos caminhos trilhados pela leitura literária, seja essa realizada no formato impresso ou digital, não faltam. A escola, a biblioteca e a livraria, bem como os atores sociais presentes nesses ambientes – o professor, o bibliotecário e o vendedor – podem ser determinantes na formação leitora dos sujeitos, não só por propiciar maior acesso aos livros, mas também por provocar no leitor desejo e entusiasmo no ato de ler, instigando-os, assim, a ler ainda mais e a novos gêneros.

Por isso, é relevante destacar o trabalho da escola como determinante para a formação leitora do jovem, por proporcionar um contato mais efetivo do leitor com o texto, de tal forma que esse possa construir sentidos, preenchendo as lacunas existentes nas obras literárias com o conhecimento prévio de si, do outro e do mundo. Assim, ainda que outros espaços atuem como promotores da leitura literária, e a internet e a mídia se tornem cada vez mais presentes nas práticas cotidianas dos sujeitos – o que todos os promotores da leitura desejam –, o meio escolar não deixará de ser um lugar privilegiado, de encontro do aluno com o texto literário, sob a mediação do professor. Mas para que isso ocorra, é preciso que se redimensione a prática leitora escolar, para que a experiência com a leitura não se dê de forma frustrante, ou pouco significativa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2001. p. 139-157.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Notas para uma psicossociologia da leitura. In: TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 34-40.

AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

ANTUNES, Benedito & CECCANTINI, João Luís. Os clássicos: entre a sacralização e a banalização. In: PEREIRA, Rony Farto, BENITES, Sonia Aparecida Lopes (Org.). *A roda da leitura: língua e literatura no jornal Proleitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.

ARAÚJO, Cecília. Pedro Bandeira, o Paulo Coelho dos juvenis. *Veja.com*, 17 de julho de 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/pedro-bandeira-paulo-coelho-juvenis>>. Acesso em: 23 de julho de 2009.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland. Reflexões sobre um manual. In: _____. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 39-43.

BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BEAUCHAMP, Jeanete e LÁZARO, André. A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. p. 73-82.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196. (Obras escolhidas, v. 1)

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.

_____. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *Jorge Luis Borges – Obras Completas*, volume 4 (Borges, Oral). Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. São Paulo: Globo, 1999.

BOSI, Alfredo. Retrato sem retoques. In: MARCO, Valéria de, CHIAPPINI (M. LEITE), Lígia, SPERBER, Suzi Frankl (Org.). *Língua e literatura: o professor pede a palavra*. São Paulo: Cortez: APLL: SBPC, 1981.

BRASIL. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)*. Brasília: MEC, 1996.

_____, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

_____, Secretaria da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____, Secretaria de Articulação Institucional. *Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais*. Brasília: MinC, 2010.

_____. Lei 12.244/2010. *planalto.gov.br*, Brasília, 24 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 09 de novembro de 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores, e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24, p. 803-809, 24 set. 1972.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. *Não contem com fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 9-16.

CASTRO, Ruy. Mega-sellers. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 de março de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>>. Acesso em: 20 de março de 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. Prefácio. In: _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priori. Brasília, Ed. da UnB, 1998.

_____. As revoluções da leitura no Ocidente. Trad. Margareth Perucci. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999a. p. 19-31.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999b.

_____. A morte do leitor? Trad. Valdir Heitor Barzotto. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; RIOLFI, Cláudia Rosa (Org.). *Nexos: Estudos em Comunicação e Educação*. São Paulo: Ed. Anhembi-Morumbi, ano 4, nº06, 2000. p. 15-24.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

CRUVINEL, Maria de Fátima. *A leitura literária na escola: a palavra como diálogo infinito*. Araraquara, 2002. 248 p. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.

_____. Leitura: experiência singular. *Revista UFG*, Goiânia, Ano X, n.5, p. 108-116, dez. 2008.

_____. Literatura e experiência estética, à revelia do vestibular. *Anais completos do 17º COLE*, Campinas, julho de 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_1255.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2010.

_____. Formação do leitor, formação do sujeito. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: Dimensão, v.16, n. 92, p. 12-19, mar./abr. 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Acesso à leitura no Brasil. In: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. p. 49-60.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Algumas funções da literatura. In: _____. *Ensaio sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-21.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

KLEIMAN, Angela B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, Márcia (org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.

_____. *O preço da leitura – leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes, 1996.

_____. *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEENHARDT, Jacques. A Literatura: uma entrada na história. In: TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p.13-24.

LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. Tradução de Denise Bottmann. In: *Revista Piauí*. São Paulo: Ed. Alvinegra, ano 4, nº 37, 2009. p. 64-70.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAIA, Maria Carolina. Augusto Cury: o ‘vendedor’ de livros. *Veja.com*, 24 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/noticia/celebridades/augusto-cury-vendedor-livros>>. Acesso em: 26 de agosto de 2009.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A biblioteca à noite*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Orlinda Carrijo. *A invenção da cidade: leitura e leitores*. Goiânia: Ed. UFG, 2007.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINDLIN, José. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 101-114.

NUNES, Benedito. Ética e leitura. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). *Estado de leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 193-206.

PAULINO, Graça *et al.* *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. (Série Educador em formação)

_____. O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende? In: _____ *et al* (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005. p. 145-153.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. (Org.). *História da Leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. 2v.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In : FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997. p. 11-56.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 2 ed., 1991.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quem ama literatura não estuda literatura – ensaios indisciplinados*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. Trad. Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Porto Alegre: Paraula, 1994.

SCLIAR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. In: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. p. 31-40.

SILVA, Deonísio da. A hora e a vez dos mega-sellers. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 03 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=527AZL002>>. Acesso em: 20 de março de 2009.

SILVA, Luiz Adão da. *Formação de leitores: a leitura na sala de leitura das escolas da rede municipal de Goiânia*. Goiânia, 2009. 201f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SOUSA, Ana Paula. Biblioteca de SP tenta atrair o público com best-sellers e computadores. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 08 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u690858.shtml>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2010.

SOUZA, Agostinho Potenciano. *Vôos e sombras: um discurso sobre a leitura no ensino médio*. Belo Horizonte, 2003. 250f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

TINOCO, Robson Coelho. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VASCONCELOS, Maria Luiza Batista Bretas. *Políticas de fomento à leitura: perspectivas e desafios em diferentes contextos*. Goiânia, 2009. 216 p. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2009.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001 (Ponto futuro, 3).

APÊNDICES

APÊNDICE A

Modelo do questionário aplicado ao leitor da livraria



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**

Questionário – Perfil do leitor

Data: ___/___/___

Horário: _____

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

Classe Social: () A () B () C () D () E

1. Renda Familiar:

- () Até um salário mínimo
- () De um a dois salários mínimos
- () De dois a cinco salários mínimos
- () Mais de cinco salários mínimos

2. Escolaridade:

- () Não alfabetizado
- () Até 4ª série do ensino fundamental
- () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio
- () Ensino Superior

3. Onde passou a maior parte da vida escolar:

- () Escola pública
- () Escola particular
- () Faculdade pública
- () Faculdade privada

4. Motivo pelo qual frequenta a livraria:

- () Para comprar obras literárias
 - () Para apreciar os produtos; para ver as novidades; por curiosidade
 - () Para ler obras literárias
 - () Para comprar um livro para presentear a alguém
 - () Outro(s)
- _____
- _____

5. Com que periodicidade frequenta a livraria?

- () Mais de uma vez por semana
 - () Uma vez por semana
 - () Duas vezes por mês
 - () Uma vez por mês
- _____
- _____

6. Quais os fatores que mais o motivam a comprar um livro nesta livraria?

- () Comodidade; por estar situada em um shopping
 - () Ambiente agradável
 - () Variedades de produtos
 - () Garantia/segurança
 - () Liberdade para apreciar, folhear e ler o livro
 - () Ofertas de outros produtos além de livros
 - () Outros motivos
- _____
- _____

7. Com que periodicidade lê um livro?

- () Mais de um livro por mês
- () Um livro por mês
- () Um livro a cada três meses
- () Um livro por semestre
- () Um livro por ano

8. Está lendo um livro no momento? Qual o nome do último livro que leu ou está lendo?

9. Quais são os fatores que mais o influenciam na escolha de um livro?

- Tema Capa Autor
 Título do livro
 Indicação da escola ou faculdade
 Indicação de amigos ou de outras pessoas
 Críticas ou resenhas em jornais, revistas, internet etc.
 Publicidade ou anúncio
 Programas de TV
 Exposição de livros nas estantes das livrarias
 O livro ser uma obra literária clássica
 O livro estar na lista de *best-sellers*
 Outros motivos

10. Quais são os gêneros mais lidos?

- Bíblia/livros religiosos
 Literatura infantil e/ou juvenil
 Romances clássicos
 Poesias
 Contos
 Livros de autoajuda
 Outros

11. Quem mais o influenciou na leitura?

- Mãe ou responsável mulher
 Pai ou responsável homem
 Professor/professora
 Outros parentes
 Amigos
 Ninguém
 Não sabe
 Outros

12. Motivações dos leitores para ler um livro:

- Prazer, gosto ou necessidade espontânea
 Atualização cultural/ conhecimentos gerais
 Exigência escolar ou acadêmica
 Exigência do trabalho/ atualização profissional
 Motivos religiosos
 Não sabe
 Outros

13. Quais escritores brasileiros mais admira? Por quê?

14. O que a literatura acrescentou à sua vida? Dê exemplo de uma obra literária que o marcou.

APÊNDICE B

Modelo do questionário aplicado ao vendedor da livraria



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**

Questionário – Para o (a) vendedor (a) que trabalha na livraria

Livraria: _____

Data: ___/___/___

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

- 1. Escolaridade:** () Ensino Fundamental () Ensino Médio
 () Ensino Superior completo () Ensino Superior incompleto

2. Por que você trabalha em uma livraria?

3. Que tipos de livros você gosta de ler?

4. Com que periodicidade lê um livro?

- () mais de um livro por mês () um livro por mês
() um livro a cada três meses () um livro por semestre () um livro por ano

5. Está lendo um livro no momento? Qual o nome do último livro que leu ou está lendo?

6. Geralmente você atende seu cliente de que forma:

- () Mostra-se prontamente solícito para ajudá-lo no que for necessário;
() Não o procura imediatamente; prefere deixá-lo à vontade para poder apreciar os livros com maior liberdade;
() Outras formas de atendimento

7. Por quais motivos os clientes, geralmente, frequentam a livraria:

- Para comprar livro(s) específico(s)
 - Para comprar um livro para presentear a alguém
 - Para apreciar os produtos; para ver as novidades; por curiosidade
 - Para ler obras literárias
 - Outro(s)
-
-

8. Os clientes o (a) procura para pedir sugestões de livros?

- às vezes quase não o procura frequentemente o procura não o procura

9. Como você atua na indicação de livros?

- primeiro pergunta ao cliente qual o gênero que ele costuma ler para depois dar sua sugestão
 - apresenta a seção de livros mais indicados
 - indica livros que são lançamentos
 - indica livros que estão na lista dos mais vendidos
 - indica livros que são considerados best-sellers
 - indica obras literárias clássicas
 - indica livros que você já leu
 - outros
-
-

10. Você acredita que a literatura possa acrescentar algo à nossa vida? Dê exemplo de uma obra literária que o marcou.

APÊNDICE C

Modelo do questionário aplicado ao usuário da biblioteca



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**

Questionário – Perfil do usuário da biblioteca

Data: ___/___/___

Horário: _____

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

1. Escolaridade:

- () Não alfabetizado
- () Até 4ª série do ensino fundamental
- () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio
- () Ensino Superior

2. Onde passou a maior parte da vida escolar:

- () Escola pública
- () Escola particular
- () Faculdade pública
- () Faculdade privada

3. Motivo pelo qual frequenta a biblioteca:

- () Para leitura espontânea
 - () Leitura solicitada pela escola ou pelo professor
 - () Para pesquisa escolar/acadêmica
 - () Para fazer empréstimos de livros
 - () Para ler jornais/revistas
 - () Para utilizar o computador/internet
 - () Para estudar
 - () Outro(s)
- _____
- _____
- _____

4. Com que periodicidade frequenta a biblioteca?

- () Mais de uma vez por semana
 - () Uma vez por semana
 - () Duas vezes por mês
 - () Uma vez por mês
- _____
- _____

5. Quais os fatores que mais o motivam a frequentar essa biblioteca?

- () Proximidade à sua casa; trabalho; escola ou faculdade
 - () Ambiente agradável
 - () Variedades de livros
 - () Ampla gibiteca
 - () Outros motivos
- _____
- _____
- _____

6. Com que periodicidade lê um livro?

- () Mais de um livro por mês
- () Um livro por mês
- () Um livro a cada três meses
- () Um livro por semestre
- () Um livro por ano

**7. Está lendo um livro no momento?
Qual o nome do último livro que
leu ou está lendo?**

8. Quais são os gêneros mais lidos?

- Bíblia/livros religiosos
- Literatura infantil e/ou juvenil
- Romances clássicos
- Poesias
- Contos
- Outros

**9. Motivações dos leitores para ler
um livro:**

- Prazer, gosto ou necessidade espontânea
- Atualização cultural/ conhecimentos gerais
- Exigência escolar ou acadêmica
- Exigência do trabalho/ atualização profissional
- Motivos religiosos
- Não sabe
- Outros

10. Por que você optou pela biblioteca pública?

APÊNDICE D

Modelo do questionário aplicado ao bibliotecário



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**

Questionário – Para o (a) bibliotecário (a)

Data: ___/___/___

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

1. Por que você é bibliotecário?

2. Que tipos de livros você gosta de ler?

3. Com que periodicidade lê um livro?

- () mais de um livro por mês () um livro por mês
() um livro a cada três meses () um livro por semestre () um livro por ano

4. Está lendo um livro no momento? Qual o nome do último livro que leu ou está lendo?

5. Geralmente o atendimento do usuário da biblioteca é feito de que forma?

- () O bibliotecário ou atendente mostra-se prontamente solícito para ajudar o usuário no que for necessário;
() O bibliotecário ou atendente não procura o usuário; prefere deixá-lo à vontade para poder apreciar os livros com maior liberdade;
() Outras formas de atendimento

6. Por quais motivos os usuários, geralmente, frequentam a biblioteca?

- Para leitura espontânea
 - Leitura solicitada pela escola ou pelo professor
 - Para pesquisa escolar/acadêmica
 - Para fazer empréstimos de livros
 - Para ler jornais/revistas
 - Para utilizar o computador/internet
 - Para estudar
 - Outro(s)
-

7. Os usuários procuram o (a) bibliotecário (a) ou atendente para pedir sugestões de livros?

- às vezes quase não o procura frequentemente o procura não o procura

8. Como o (a) bibliotecário (a) ou atendente atuam na indicação de livros?

- primeiro pergunta ao usuário qual o gênero que ele costuma ler para depois dar sua sugestão
 - indica obras literárias clássicas
 - indica outros gêneros
 - indica livros que você já leu
 - outros
-
-

9. Você acredita que a literatura possa acrescentar algo à nossa vida? Dê exemplo de uma obra literária que o marcou.

ANEXOS

ANEXO A

Foto de uma Livraria *Megastore*, na Av. Paulista, São Paulo - SP



ANEXO B

Foto da Biblioteca de São Paulo, ao lado da estação Carandiru, São Paulo - SP



ANEXO C

Foto da Livraria *Megastore*, em um *shopping* de Goiânia - GO



ANEXO D

Foto da Biblioteca Estadual, situada no centro de Goiânia - GO



ANEXO E

Foto da Gibiteca pertencente à Biblioteca Estadual, situada no centro de Goiânia - GO

